

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de 9 a 11 anos:
um estudo normativo**

Renata Loureiro Raspantini

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2010

RENATA LOUREIRO RASPANTINI

**Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de 9 a 11 anos:
um estudo normativo**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Sonia Regina Pasian

RIBEIRÃO PRETO – SP

2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO, CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

R226p	Raspantini, Renata Loureiro Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de 9 a 11 anos : um estudo normativo / Renata Loureiro Raspantini. -- Ribeirão Preto, 2010. 247 p. Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia e Educação. Área de Concentração: Psicologia. Orientador: Profa. Dra. Sônia Regina Pasian. 1. Rorschach 2. Normas 3. Avaliação psicológica 4. Crianças 5. Personalidade. I. Título.
-------	--

FOLHA DE APROVAÇÃO

Renata Loureiro Raspantini

O Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de 9 a 11 anos: um estudo normativo

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Ciências.
Área de Concentração: Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.^a. Dr.^a.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.^a. Dr.^a.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.^a. Dr.^a.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

*Aos meus pais, **Sérgio e Soraya**, por terem me proporcionado um lar repleto de amor, carinho e compreensão. Pelo exemplo de força, determinação e caráter, referências tão importantes em minha vida.*

*Ao meu irmão **Giovanni**, por seu apoio, atenção e disponibilidade. Pela sua presença e contribuição em importantes etapas técnicas implícitas a este trabalho.*

*À minha irmã **Juliana**, por seu incentivo e simplicidade. Por estar sempre presente, compartilhando as delícias e dificuldades inerentes à vida e ao amadurecimento.*

*Aos meus sobrinhos, **Gabriel e Júlia**, ainda tão novos, mas tão inspiradores em sua espontaneidade, inocência e amor.*

*Aos meus avós, **Maria e Natur**, pelos cuidados prestados, pelo apoio, torcida e orações.*

*Ao **Junior**, por seu carinho, por sua confiança e por tudo o que sua presença representa para mim.*

*À minha orientadora, **Prof^a. Dr^a. Sonia Regina Pasian**, pela confiança e crédito depositado em meu trabalho. Pelos valiosos ensinamentos e pelo estímulo a minha autonomia e formação.*

*À amiga, **Suélen Fernandes**, pelo companheirismo, pela gostosa parceria e pela partilha de todos os momentos divertidos, difíceis e desafiadores no desenvolvimento desta pesquisa.*

*Aos amigos queridos, **Daniele Palomo Bordão Alves e Gustavo Dacanal**, pelo apoio, acolhimento e presença constante em momentos significativos de minha vida.*

*À amiga **Érika Tiemi Kato Okino**, pelo incentivo e pela preciosa convivência e ajuda na construção deste trabalho.*

*Aos colegas **Roberta Cury de Paula, Rafael Barrenha Paz Landim e Maria Luiza Casillo Jardim Maran**, pelo carinho, pela torcida e pelo auxílio fundamental na concretização desta jornada.*

*As colegas do **Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP)**, pelo convívio, troca de experiências e aprendizagem conjunta.*

A todos os amigos que estiveram comigo durante minha trajetória de vida, pela presença e deliciosas lembranças.

Às escolas colaboradoras, crianças e famílias que participaram desta pesquisa.

*À Prof^ª. Dra. **Sonia Regina Loureiro** e à Prof^ª. Dra. **Maria Abigail de Souza**, pelas valiosas contribuições fornecidas ao trabalho por ocasião do Exame de Qualificação.*

*À **FAPESP**, ao **CAPES** e ao **Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP/USP**, pelo apoio e subsídios financeiros necessários a concretização e divulgação científica deste trabalho.*

*E a **Deus**, por minha vida com saúde, por minha família, trabalho e amigos. Por me permitir compartilhar as dificuldades e conquistas com as pessoas que amo, dando-me força para persistir em meus sonhos.*

Quando a raiz é forte, os ramos florescem.

Trabalho subvencionado pela **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP**, mediante concessão de bolsa de Mestrado (Processo 08/51981-3).

RESUMO

Raspantini, R. L. *O Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de 9 a 11 anos: um estudo normativo*. 2010. 247 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Apesar da relevância mundial do Psicodiagnóstico de Rorschach como instrumento de avaliação psicológica, esta técnica ainda encontra dificuldades concernentes à elaboração de suas normas e sua constante e necessária atualização, sobretudo na investigação do desenvolvimento infantil. Nesse contexto, o presente trabalho buscou elaborar padrões normativos do Rorschach para crianças de nove a 11 anos de idade, avaliando-se o possível efeito das variáveis sexo, idade e origem escolar sobre os resultados. Para tanto, foram selecionados 180 estudantes de nove a 11 anos, com indicadores de desenvolvimento típico, distribuídos equitativamente em função do sexo, idade e origem escolar, residentes em uma cidade do interior paulista e devidamente autorizados a participar da pesquisa por seus pais e/ou responsáveis. Os instrumentos utilizados consistiram em um Questionário informativo de histórico pessoal das crianças, preenchido pelos pais e/ou responsáveis, nas Matrizes Progressivas Coloridas de Raven e no Psicodiagnóstico de Rorschach (Escola Psicanalítica Francesa), aplicados individualmente às crianças e avaliados conforme seus respectivos manuais. A codificação dos protocolos do Rorschach foi realizada por três avaliadores independentes, psicólogos com experiência prévia na técnica e que receberam treinamento específico para este trabalho. A análise deste material mostrou elevados índices de concordância entre examinadores, evidenciando precisão nos dados. Os resultados do Rorschach foram tratados em termos descritivos e inferenciais, utilizando-se do modelo de regressão linear para as variáveis relacionadas à produtividade e ritmo, e do modelo univariado e ajustado da distribuição binomial para as demais variáveis da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach, a fim de verificar possíveis diferenças estatisticamente significativas em função do sexo, idade e origem escolar. Os resultados médios, em termos de produtividade e ritmo, foram: R= 16,5; TLm= 16,8s e TRm= 32,8s. Em relação aos modos de apreensão, obteve-se G= 39,1%, D= 34,4%, Dd= 25,7% e Dbl= 0,7%. No que concerne aos índices formais, os dados obtidos foram: F= 63,1%, F+= 73,3% e F+ext= 74,4%. Os conteúdos mais evocados foram A= 58,0% e H= 20,7%. O estilo de vivência afetiva predominante foi o coartativo. Em se tratando da análise das possíveis especificidades de produção associadas ao sexo, à idade e à origem escolar, foram observadas diferenças estatisticamente significativas em um número diminuto de variáveis, apontando para a possibilidade de convergência dos resultados, de modo a permitir a formulação de padrões normativos globais e de um atlas único para crianças da faixa etária avaliada, de ambos os sexos e provenientes de escolas públicas e particulares. Destaca-se, contudo, que a idade exerceu efeito significativo em algumas variáveis expressivas do Rorschach, sugerindo aspectos maturacionais implicados no processo de interpretação desta técnica e fazendo-se necessária a consideração desta evidência empírica no processo de utilização e análise clínica das produções infantis.

Palavras-chave: *Rorschach, Normas, Avaliação Psicológica, Crianças, Personalidade.*

ABSTRACT

Raspantini, R. L. *Rorschach's Psychodiagnostic test in 9 to 11-year-old children: a normative study*. 247 p. Dissertation (Master Degree) – Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto.

In spite of the worldwide relevance of Rorschach's Psychodiagnostic test as a psychological assessment instrument, such technique still finds problems related to norms elaboration and its necessary updating, especially when investigating child development. In this context, the present study aimed to elaborate normative standards for using the Rorschach with 9 to 11-year-old children, as well as assessing the possible effect of variables such as gender, age and scholar origin in the results. In order to do so, hundred-eighty, 9 to 11-year-old students of a city in the country region of São Paulo were selected for the study. Criteria for inclusion also included showing indicators of a typical development, an equitable distribution in terms of gender, age and scholar origin, and being authorized to participate in the research by their parents or responsible caretaker. The instruments used were an Informative Questionnaire regarding the children's personal history (which was filled in by their parents or responsible caretakers), the Raven's Coloured Progressive Matrices and Rorschach's Psychodiagnostic test (according to the French Psychoanalytical School). All instruments were applied individually to the children and assessed according to their respective manuals. All Rorschach protocols were coded by three independent judges (psychologists with prior experience in the technique, who also received special training for the research). The analysis of the material showed high indexes of agreeing among the examiners, evidencing data reliability. The results on the Rorschach were treated in both descriptive and inferential terms, using a linear regression model for the variables related to productivity and rhythm and an univariate, adjusted model of binomial distribution for the remaining variables of the Rorschach according to the French Psychoanalytic School. Such analyzes were performed in order to check for statistically significant differences in terms of gender, age and scholar origin. The average results, in terms of productivity and rhythm, were as follows: R= 16.5, TL= 16.8s and TR= 32.8s. When regarding the apprehension types, the obtained data were G= 39,1%, D= 34,4%, Dd= 25,7% and Dbl= 0,7%. The formal indexes were the following: F= 63,1%, F+= 73,3% and F+ext= 74.4%. In its turn, the most evocated contents were A= 58.0% and H= 20.7%. The predominant affective style was coerctated. Considering the possible specificities of production related to gender, age and scholar origin, statistically significant differences were observed in a small number of variables, suggesting that the results were convergent, thus allowing the formulation of global normative standards and a single atlas for children in the age period herein assessed, of both genders and studying in both public and private schools. In spite of this, it must be stressed that age had a significant effect on some expressive variables of the Rorschach, suggesting that maturational aspects are implied in the interpretation process of this technique, thus requiring the consideration of such empirical finding in the its use and in the clinical analysis of infantile productions.

Keywords: *Rorschach, Norms, Psychological Assessment, Children, Personality.*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Artigos identificados no levantamento bibliográfico realizado no periódico <i>Journal of Personality Assessment</i> , acerca de estudos normativos do Rorschach.....	33
Tabela 2 – Caracterização da amostra (n= 180) em função do sexo, idade e origem escolar	55
Tabela 3 – Caracterização e distribuição (frequência e porcentagem) dos contatos efetuados com possíveis participantes nas escolas colaboradoras públicas e particulares	62
Tabela 4 – Panorama da distribuição e avaliação dos protocolos do Psicodiagnóstico do Rorschach.....	67
Tabela 5 – Estatística descritiva das variáveis relacionadas à produtividade no Rorschach e comparação de médias com as normas desenvolvidas por Jacquemin (1976).....	76
Tabela 6 – Resultados (frequência simples e porcentagem), para cada prancha, das variáveis associadas à produtividade no Rorschach	77
Tabela 7 – Distribuição (frequência simples e porcentagem) do total de respostas (R= 2962), nas diferentes categorias de codificação da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach.....	79
Tabela 8 – Resultados médios do conjunto de crianças avaliadas nas principais variáveis do Rorschach e sua comparação estatística com as médias de Jacquemin (1976).....	81
Tabela 9 – Distribuição (frequência simples e porcentagem) das crianças (n= 180) em função do Tipo de Ressonância Íntima (TRI) e da Fórmula das Tendências Latentes (TL).....	83
Tabela 10 – Distribuição (somatória e dados médios) do total de respostas produzidas em relação a variáveis do Rorschach associadas ao controle afetivo	84
Tabela 11 – Resultados da análise estatística das variáveis relacionadas à produtividade e ritmo no Rorschach, em função do sexo	86
Tabela 12 – Resultados da análise estatística das principais variáveis do Psicodiagnóstico de Rorschach, em função do sexo.....	87

Tabela 13 – Resultados da análise estatística das variáveis relacionadas à produtividade e ritmo no Rorschach, em função da origem escolar.....	91
Tabela 14 – Resultados da análise estatística das principais variáveis do Psicodiagnóstico de Rorschach, em função da origem escolar	92
Tabela 15 – Resultados da análise estatística das variáveis relacionadas à produtividade e ritmo no Rorschach, em função da idade.....	96
Tabela 16 – Resultados da análise estatística das principais variáveis do Psicodiagnóstico de Rorschach, em função da idade	97
Tabela 17 – Estatística descritiva dos resultados no Rorschach das crianças de 09 anos (n= 60)	102
Tabela 18 – Estatística descritiva dos resultados no Rorschach das crianças de 10 anos (n= 60)	104
Tabela 19 – Estatística descritiva dos resultados no Rorschach das crianças de 11 anos (n= 60)	106
Tabela 20 – Estatísticas descritivas das variáveis do Rorschach da amostra avaliada (n= 180), com resultados sintéticos da comparação estatística entre subgrupos	109
Tabela 21 – Dados descritivos esperados em importantes variáveis do psicograma da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach em crianças nove a 11 anos de idade	111
Tabela 22 – Lista das respostas banais (Ban) ao Rorschach, identificadas a partir do conjunto de respostas dadas (R= 2962) pela amostra total (n= 180).....	112

SUMÁRIO

RESUMO.....	xiii
ABSTRACT	xv
LISTA DE TABELAS.....	xvii
I. INTRODUÇÃO	21
I.1 Crianças de nove a 11 anos.....	23
I.2 A avaliação psicológica.....	25
I.3 O panorama nacional da avaliação psicológica.....	26
I.4 O Psicodiagnóstico de Rorschach.....	30
I.5 O Psicodiagnóstico de Rorschach no contexto brasileiro.....	40
II. OBJETIVOS	47
II.1 Objetivo Geral.....	49
II.2 Objetivos Específicos.....	49
III. MÉTODO.....	51
III.1 Características da região fonte do estudo	53
III.2 Participantes.....	54
III.3 Materiais	56
III.3.1 Carta de Apresentação da Pesquisa.....	56
III.3.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	56
III.3.3 Questionário informativo sobre histórico de vida.....	56
III.3.4 Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven	57
III.3.5 Psicodiagnóstico de Rorschach	57
III.3.6 Recursos computacionais	60
III.4. Procedimentos.....	60
III.4.1. Considerações éticas	61
III.4.2. Coleta de dados	61
III.4.2.1. Seleção dos participantes.....	61
III.4.2.2. Avaliação Psicológica.....	64
III.4.3. Análise dos resultados.....	65
III.4.3.1. Elaboração do Atlas.....	70

IV. RESULTADOS	73
IV.1 Perfil global dos resultados no Psicodiagnóstico de Rorschach	75
IV.2 Análise dos resultados no Rorschach em função do sexo.....	85
IV.3 Análise dos resultados no Rorschach em função da origem escolar.....	90
IV.4 Análise dos resultados no Rorschach em função da idade.....	95
IV.5 Síntese das comparações estatísticas dos resultados no Rorschach	108
IV.6 Síntese dos dados esperados no psicograma do Rorschach	111
IV.7 Atlas do Psicodiagnóstico de Rorschach.....	111
V. DISCUSSÃO	115
VI. REFERÊNCIAS.....	127
APÊNDICES.....	137
ANEXOS.....	159

I. INTRODUÇÃO

I.1 Crianças de nove a 11 anos

Dado que o presente trabalho focaliza os resultados de crianças com idade entre nove e 11 anos em uma técnica de avaliação de personalidade, mais especificamente no Psicodiagnóstico de Rorschach, considerou-se adequado apresentar breves explicações teóricas sobre o desenvolvimento sócio-afetivo das crianças desta faixa etária. Destaca-se que os elementos apresentados pretendem auxiliar na caracterização da fase do desenvolvimento em que se encontram as crianças avaliadas pelo presente estudo, bem como atuar como dados úteis à posterior compreensão dos resultados no instrumento em foco.

Discorrendo sobre as principais teorias do desenvolvimento infantil, Bee (1996) afirma que as abordagens psicanalíticas retratam o desenvolvimento da personalidade fundamentalmente em estágios, sendo que cada estágio apresenta-se centrado em uma tarefa específica. Dentro deste contexto, encontra-se a teoria psicossocial proposta por Erikson (1998), que apresenta uma concepção bastante útil e compreensiva dos indivíduos. Em seu modelo, o desenvolvimento humano se processa em função da vivência de determinados estágios psicossociais. Estes, segundo o referido autor, são influenciados pela maturação biológica, mas principalmente por demandas culturais comuns de determinada idade. Assim, os indivíduos tendem a se desenvolver ao longo de uma seqüência fixa de tarefas ou dilemas, cada uma situada no desenvolvimento de uma determinada faceta da identidade (Bee, 1996).

O primeiro estágio proposto por Erikson (1998), caracterizado pela constituição da confiança básica em contraposição à desconfiança, ocorre durante o primeiro ano de vida. Nesta etapa, a criança deve desenvolver um senso de confiança básica na uniformidade e na continuidade dos provedores externos, mas também em si própria e na sua capacidade de afetar os eventos ao seu redor. Os primeiros anos de vida são marcados por intensa agitação afetiva e relacional, sendo considerados como etapa crucial para o desenvolvimento da personalidade infantil (Palacios & Hidalgo, 2004).

O segundo estágio, por sua vez, é marcado pela tarefa entre a autonomia *versus* a vergonha e a dúvida e incide entre os dois e três anos de idade. Segundo Erikson (1998), nesta fase, as crianças tendem a direcionar sua energia à atividade exploratória e à conquista da autonomia. Assim, os esforços de independência da criança devem ser cuidadosamente orientados pelos pais, a fim de que ela não vivencie repetidos fracassos. Caso isto ocorra, os resultados das novas oportunidades de exploração podem ser a vergonha e a dúvida, em detrimento de um senso básico de autocontrole e autovalor.

Já o terceiro estágio é caracterizado pelo dilema entre a iniciativa e a culpa, circunscrevendo-se entre os quatro e cinco anos de idade. Nesta fase, a criança experimenta novas habilidades cognitivas, sendo capaz de fazer certo planejamento e de ter iniciativa para determinados objetivos. Ao mesmo tempo, sofre frustrações e pode se sentir culpada por não poder e/ou não conseguir realizar aquilo que deseja (Bee, 1996).

Em seguida, tem-se o quarto estágio, ao qual é atribuído a crise psicossocial entre a diligência e a inferioridade. Este estágio situa-se comumente entre os seis e 12 anos de idade e trata-se justamente da fase de inserção escolar, momento em que as crianças têm acesso e participam de um novo ambiente. Como conseqüência, novas fontes de influência no desenvolvimento de sua personalidade adquirem relevância e, assim, escola e família se transformam nos contextos mais influentes na configuração da personalidade infantil (Palacios & Hidalgo, 2004).

De acordo com Erikson (1998), a idade escolar – que engloba a faixa etária enfocada no presente estudo – coincide com aquilo que a psicanálise chama de período de latência, marcado por certa dormência da sexualidade infantil e pelo adiamento da maturidade genital. Nesta fase, o indivíduo é submetido ao método de escolarização oferecido por sua sociedade e aprende os rudimentos técnicos e sociais de uma situação de trabalho.

Versando mais detalhadamente sobre este estágio, Erikson (1998) aponta que a visão que a criança tem de sua capacidade para o trabalho produtivo é um importante determinante de sua auto-estima. Neste sentido, a característica que se desenvolve com a resolução bem-sucedida deste estágio do desenvolvimento psicológico é a competência, ou seja, uma visão de si mesmo como capaz de conter certas habilidades e realizar tarefas.

Em relação à maturidade emocional, as crianças desta faixa etária tornam-se mais conscientes de seus próprios anseios e também dos sentimentos alheios, tendendo a se tornarem mais empáticas e mais inclinadas ao comportamento pró-social. Ademais, interagindo mais ativamente com diferentes grupos de pessoas e se apropriando de um maior número de pontos de vista, começam a perceber que não há um padrão único a ser seguido (Papalia, Olds & Feldman 2009).

No que tange à esfera familiar, destaca-se que as crianças em idade escolar passam menos tempo com os pais, contudo, este relacionamento continua sendo de extrema importância em sua formação. Ainda nesta fase, o grupo de amigos torna-se paulatinamente mais presente, o que auxilia no desenvolvimento de habilidades necessárias à socialização, contribuindo para a assunção de um senso de afiliação e identidade (Papalia et al., 2009).

Em síntese, a entrada na escola formal possibilita às crianças a multiplicação de suas experiências, a partir do convívio em ambiente escolar, favorecendo significativas mudanças psíquicas. A interação social torna-se fundamental para seu desenvolvimento intelectual e afetivo, já que os principais contatos interpessoais acabam por se dar em contextos sociais mais amplos que o familiar. Portanto, a principal tarefa desta etapa consiste em consolidar muitos aspectos do desenvolvimento psicossocial, dentre os quais a possibilidade de fazer discriminações cada vez mais bem elaboradas na descrição de si mesmo, com a exploração de conteúdos internos e de natureza psicológica (Palacios & Hidalgo, 2004). Assim, tendo em vista as considerações apresentadas, pode-se apontar que o desenvolvimento humano durante o período compreendido entre nove e 11 anos de idade é marcado, em linhas gerais, pelo esforço infantil no sentido de adaptação social e realização de novas tarefas intelectuais e relacionais (Bee, 1996; Palacios & Hidalgo, 2004).

Cumprе ressaltar que Erikson (1998) propõe, ainda, um estágio vivenciado tipicamente na adolescência, bem como postula três estágios situados na fase adulta, no entanto, como o foco do presente trabalho encontra-se na infância, mais precisamente entre os nove e 11 anos de idade, a concisa exploração do desenvolvimento infantil enfocou o estágio relativo a esta faixa etária.

Destaca-se, por fim, que o presente trabalho trata-se de um estudo de elaboração de normas infantis para o Rorschach, circunscrevendo-se nesta diretriz. Desse modo, não se almeja desenvolver uma investigação pautada na associação entre perspectivas teóricas do desenvolvimento humano e interpretações específicas das variáveis desta técnica projetiva de avaliação psicológica. Assim, a sucinta abordagem sobre a etapa do desenvolvimento em que se encontram as crianças da faixa etária aqui focalizada teve como objetivo fundamental tecer considerações gerais sobre o tema, não pretendendo, portanto, esgotá-lo ou subsidiar interpretações teóricas em específico.

1.2 A avaliação psicológica

As sementes da avaliação psicológica, uma das importantes funções do psicólogo, foram lançadas numa fase que abrangeu o fim do século XIX e o início do século XX, época que marcou a inauguração das técnicas de exame psicológico (Cunha, 2000). Segundo Anastasi e Urbina (2000), os testes psicológicos são instrumentos de medida que investigam amostras de comportamento e devem ser capazes de auxiliar na identificação de determinadas características dos indivíduos. Assim, devem possuir adequada base científica e psicométrica

para, de fato, constituírem-se como instrumentos auxiliares no trabalho psicológico, representando de forma clara os construtos em análise. Na concepção de Urbina (2007), um teste psicológico bem construído e padronizado oferece a assistência necessária para a investigação de uma variedade de problemas práticos.

Tendo como objetivo o aperfeiçoamento da prática da avaliação psicológica, a Comissão Internacional de Testes (ITC) formulou diretrizes internacionais para a utilização destes instrumentos, incluindo importantes orientações para os processos de adaptação sócio-cultural dos mesmos. Nessa perspectiva, esta comissão destacou que os testes devem ser cuidadosamente adaptados às diferenças culturais, sendo sua mera tradução um procedimento insuficiente para a sua adequada e consistente utilização (Van de Vijver & Hambleton, 1996; Fuster, 2008). Os esforços da ITC ocorreram no sentido de elaborar passos fundamentais para a construção e para a adaptação de um teste psicológico, abordando a importância dos conceitos de validade, fidedignidade e padronização.

A validade de um teste refere-se ao que o teste mede e com que eficácia ele o faz. Assim, se um instrumento não possui evidências de validade, não há segurança de que as interpretações sobre as características psicológicas avaliadas por ele sejam legítimas (Noronha, Primi & Alchieri, 2004). A fidedignidade, por sua vez, diz respeito à consistência e à precisão do processo de mensuração. Desse modo, tal conceito pode ser entendido como a qualidade dos escores de um teste, que sugere o grau de sua consistência e de erro implícito nos processos de mensuração de elementos psíquicos e comportamentais (Urbina, 2007). Já a padronização está relacionada, de modo geral, à uniformização da administração, da avaliação e da interpretação dos resultados do instrumento. Em se tratando mais especificamente da análise de resultados, uma estratégia técnica bastante utilizada consiste no estabelecimento de normas, isto é, no desenvolvimento de padrões de referência de desempenho em um determinado teste. Pode-se notar, portanto, que esses três elementos – validade, precisão e normas – são componentes centrais na fundamentação da qualidade de um teste psicológico e, assim, requerem devida atenção e análise específica, constituindo-se em seus indicadores psicométricos básicos.

1.3 O panorama nacional da avaliação psicológica

No contexto brasileiro, os testes psicológicos adquiriram valor majoritariamente a partir dos anos 20, quando foram disseminados nos serviços de seleção de pessoal, na psicologia aplicada à educação, nos exames psicotécnicos de motoristas e no sistema judiciário. Contudo, nos anos 70 e 80, as avaliações psicológicas sofreram marcante queda de

prestígio, recebendo questionamentos sobre suas bases tecnicistas e, especialmente, a crítica histórica da associação dos modelos de avaliação psicológica com a cultura norte-americana (Ciência e Profissão Diálogos, 2005).

No entanto, na década de 90, os instrumentos de avaliação reconquistaram seu merecido respeito, devido aos esforços de pesquisadores que procuraram demonstrar os alcances e limites destes recursos técnicos da Psicologia, adequando-os às condições sócio-culturais do Brasil. Desse modo, os instrumentos de avaliação psicológica passaram a ser foco de muitas investigações científicas, ampliando as possibilidades de se evidenciar, empiricamente, seu rigor metodológico e sua sustentação psicométrica, retornando a sua base epistemológica original.

Discorrendo sobre o processo do conhecimento em avaliação psicológica, Cruz (2002) apresenta o aprimoramento da ciência psicológica como questão ética, o que engloba necessariamente o investimento e o compromisso com a construção do conhecimento. Tal autor destaca, ainda, que esta construção se dá a partir da permanente revisão das informações produzidas pela prática profissional, da discussão qualificada em eventos científicos, da atualização dos instrumentos e técnicas de diagnóstico e intervenção utilizadas e, principalmente, da publicação dos resultados obtidos, de forma a disseminar os avanços teórico-técnicos para estimular o aperfeiçoamento profissional na área.

Tendo em vista esse panorama e preocupado com a qualidade metodológica e as questões éticas envolvidas nos processos de avaliação psicológica, o Conselho Federal de Psicologia (Resolução CFP, 2003) publicou uma resolução que regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos no Brasil. A Resolução nº2/2003 destaca, entre outros aspectos, a necessidade do aprimoramento dos instrumentos e procedimentos técnicos de trabalho dos psicólogos e da revisão periódica das condições dos métodos utilizados na avaliação psicológica, a fim de garantir serviços com qualidade técnica e ética à população brasileira usuária desses serviços. Além disso, esta resolução apresenta a importância de se construir um sistema contínuo de avaliação dos testes psicológicos utilizados no Brasil, de modo a favorecer qualificação da atuação profissional.

Acompanhando esta medida, o Conselho Federal de Psicologia elaborou e implementou, ainda, o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI), que tem como objetivo examinar minuciosamente a qualidade dos instrumentos psicológicos disponíveis no Brasil. Assim, todo instrumento de avaliação psicológica a ser utilizado em nosso país deve ser submetido a uma análise prévia por especialistas da área, a partir de

critérios adotados segundo normas internacionais, que estabelecem o padrão mínimo necessário para aceitação de uma técnica como instrumento de exame psicológico.

Essa crescente preocupação metodológica com os testes psicológicos levou à revisão dos instrumentos disponíveis no contexto nacional, focalizando inicialmente aqueles voltados aos aspectos intelectuais, às aptidões e aos interesses e, em seguida, às técnicas voltadas para o exame da personalidade. Contudo, analisando mais especificamente os dados referentes à validade e à fidedignidade das medidas dos instrumentos de exame da personalidade, ainda são encontrados índices muito diversos, sobretudo ao defrontarmos técnicas mais estruturadas e menos estruturadas (Alves, 2006; Bandeira, Trentini, Winck & Lieberknecht, 2006). Dentre as técnicas mais estruturadas, estão os testes psicométricos que, de acordo com Bandeira et al. (2006), são baseados em critérios objetivos para medir ou dimensionar determinado construto e estão voltados majoritariamente para a avaliação intelectual, perceptual e de aptidões e interesses. Os menos estruturados, por sua vez, são os métodos projetivos, que se utilizam de critérios dinâmicos para interpretar e/ou caracterizar um construto e estão dirigidos principalmente à investigação da personalidade ou de fatores de ordem emocional, aspectos importantes para a compreensão de um sujeito ou de uma situação vivenciada ou percebida por ele.

Questionando o uso da terminologia utilizada para qualificar testes de personalidade, Meyer e Kurtz (2006) apontam que, por muito tempo, esses testes têm sido classificados de modo dicotômico entre testes objetivos e projetivos. No entanto, segundo estes autores, é preciso que tal prática histórica seja encerrada, revendo-se esta classificação, dado que estes termos são freqüentemente utilizados de modo incerto, carregando conotações distintas e que, muitas vezes, não representam suas diferenças e singularidades. Nas palavras de Fensterseifer e Werlang (2008):

Os testes projetivos têm evidenciado a necessidade de se abandonar a dicotomia entre dados quantitativos e qualitativos, pois ambos são importantes para o estudo da personalidade humana, e é preciso técnicas adequadas para o manejo de ambos. Certamente esse já era um desafio quando do surgimento da psicologia projetiva e, hoje, permanece como o estandarte dos testes projetivos, na discussão a respeito de sua utilidade e confiabilidade (p. 22).

Embora haja questionamentos quanto a sua caracterização, os instrumentos classificados como projetivos caracterizam-se pela apresentação de um estímulo ambíguo, de modo a não revelar explicitamente o seu verdadeiro propósito, permitindo que o indivíduo interprete-o muito mais de acordo com a sua subjetividade, e não a partir de um controle consciente e objetivo da atividade proposta (Cunha, 2000; Fensterseifer & Werlang, 2008).

De acordo com Anzieu (1986), a marca típica das técnicas projetivas consiste na não existência de boas ou más respostas pré-determinadas, sendo válido, como desempenho, as manifestações que sobressaem espontaneamente à consciência. Durante muito tempo, afirmou-se que o teste projetivo não seria instrumental adequadamente estruturado aos requisitos científicos, no entanto, percebeu-se depois que este material recobre estruturas muito precisas, porém de natureza afetiva e fantasmática (Trinca, 1998).

Conforme considerações apresentadas por Trinca (1998), as técnicas projetivas não dispensam os critérios formais e as exigências metodológicas de se fazer ciência, mas, de forma geral, não permanecem aprisionadas a fórmulas e a regras proibitivas de sua própria expansão. Este pesquisador aponta, ainda, sua extensa riqueza como método de investigação e de compreensão da personalidade, como se depreende de sua afirmação:

(...) descortinamos em relação às técnicas projetivas uma imensa diversidade, que varia desde os instrumentos voltados para a mensuração de variáveis e setores específicos da atividade humana até aquelas técnicas que se orientam para uma apreensão globalística e sintética. Elas privilegiam o conhecimento das perturbações psíquicas, mas também, da personalidade inteira, indivisa e dos relacionamentos inter e intragrupais (p. 25).

Uma discussão que cerca, de modo persistente e pertinente, os métodos projetivos diz respeito à dificuldade de demonstração de suas qualidades psicométricas, em especial a elaboração de seus referenciais normativos. Embora haja consenso sobre a necessidade de normas para sua adequada avaliação, principalmente tendo em vista que esses dados atuam como base para análise e interpretação de resultados individuais e/ou grupais, o desenvolvimento de estudos de natureza normativa para as técnicas projetivas caracteriza-se como trabalhoso e demorado, dificultando sobremaneira sua atualização (Pasian, 1998; Güntert, 2000).

Discorrendo sobre as dificuldades e peculiaridades encontradas na realização de estudos sobre as propriedades psicométricas dos testes de personalidade, Fensterseifer e Werlang (2008) destacam que pesquisas que se valem de métodos quantitativos são geralmente facilitadas pelas aplicações coletivas, o que não ocorre na administração de técnicas projetivas, visto que estes são instrumentos essencialmente individuais. A investigação da personalidade a partir de um instrumento projetivo consiste em uma tarefa complexa e morosa, o que explica por que as exigências estatísticas de amostragem e de diferenças significativas são, muitas vezes, difíceis de serem satisfeitas. No entanto, apesar

destas dificuldades, as técnicas projetivas ocupam lugar de destaque entre os instrumentos de avaliação psicológica, sendo recursos empregados nos mais diversos contextos sócio-culturais (Anastasi & Urbina, 2000; Fensterseifer & Werlang, 2008; Fuster, 2008).

I.4 O Psicodiagnóstico de Rorschach

O Psicodiagnóstico de Rorschach situa-se entre as técnicas projetivas mais difundidas e utilizadas em todo o mundo. A abrangência de seu uso se dá em diversos campos da Psicologia, sendo considerado um dos métodos projetivos mais sofisticados para estudar o funcionamento psíquico de um indivíduo (Nascimento, 2002; Pasian, 2002; Lelé, 2006; Villemor-Amaral, Yagizi, Nascimento, Primi & Semer, 2006). Contudo, apesar de extremamente reconhecido e estudado, o Rorschach ainda encontra dificuldades concernentes à elaboração de suas normas e de sua constante e necessária atualização técnica. Destaca-se, todavia, que assim como em outros instrumentos de avaliação psicológica, a análise adequada do desempenho de um indivíduo no Rorschach implica na existência de resultados obtidos com grupos de referência, ou seja, fazem-se necessárias informações sobre como se comportam as variáveis desta prova projetiva na população (Pasian, 1998; Güntert, 2000).

Ao comentar sobre a necessidade da sistematização objetiva dos parâmetros utilizados pelo Rorschach, Japur (1982) afirma que, para descrever a estrutura da personalidade de uma pessoa, é necessário indicar o grupo ao qual ela pertence e, ao mesmo tempo, destacar os traços individuais que a convertem em um indivíduo específico. Dessa forma, é preciso considerar a variabilidade e a evolução das normas em função de diferentes fatores para a constituição dos grupos de indivíduos testados, bem como a época e o contexto sócio-cultural que os acompanham.

Nessa mesma perspectiva, de discutir sobre a importância de dados normativos, a fim de abalizar as avaliações de um indivíduo e/ou grupo, Pasian (1998) afirma que:

Esta contraposição do indivíduo (ou grupo de indivíduos) a determinadas características populacionais se define como procedimento básico para fundamentar as avaliações psicológicas, fornecendo indícios para hipóteses sobre o estado de desenvolvimento dessa pessoa ou grupo e também sobre seus traços individuais de personalidade (p. 7).

No caso do Psicodiagnóstico de Rorschach, a satisfação desses critérios também é indispensável e, desse modo, seus padrões normativos devem ser desenvolvidos em diferentes

contextos e condições sócio-culturais, sempre procurando acompanhar a realidade existente e suas especificidades (Adrados, 1985; Pasian, 2002; Lelé, 2005, 2006; Resende, Rezende & Martins, 2006; Villemor-Amaral et al., 2006).

Acompanhando a discussão sobre as diretrizes internacionais da avaliação psicológica, Fuster (2008) afirma que o Rorschach pode ser aplicado na maioria das populações e culturas. No entanto, a cuidadosa adaptação proposta pela Comissão Internacional de Testes (ITC) deve ser desenvolvida, na medida em que as tabelas normativas desta técnica não são aplicáveis a todas as populações, ou seja, determinados parâmetros técnicos podem não representar fidedignamente grupos com características geográficas e sócio-econômicas diversas. Van de Vijver (1999) acrescenta que o desenvolvimento de normas para o Rorschach é importante, uma vez que pode oferecer elementos para sustentar possibilidades de sua aplicação nos diferentes contextos onde foi devidamente pesquisado, ganhando em embasamento psicométrico.

Nesse contexto, pesquisadores de diferentes países têm concentrado esforços no desenvolvimento e na atualização de normas para o Rorschach e destacam, a partir da sistematização de seus resultados, a importância de que mais estudos nesse sentido sejam realizados em diversos grupos populacionais, a fim de que os profissionais possam contar com dados representativos dos indivíduos que queiram compreender. Esta recomendação técnica advém de vários trabalhos (Boscán & Penn, 1999; Pires, 1999; Silva & Dias, 2006, 2007; Matsumoto, Suzuki, Shirai & Nakabayashi, 2007; Meyer, Edberg & Shaffer, 2007), que apontam diferenças entre dados normativos em função da cultura e de padrões sócio-econômicos específicos das diversas regiões pesquisadas.

Ao se realizar uma busca relativa aos trabalhos normativos com o Psicodiagnóstico de Rorschach em publicações de congressos científicos internacionais da área, pode-se identificar esforços sistemáticos desde o XVI Congresso Internacional de Rorschach e Métodos Projetivos da *International Rorschach Society* (IRS). Exemplos deste processo são os estudos desenvolvidos por Boscán e Penn (1999) no México, Genovese, Maselli e Rossi (1999) na Itália, Mormont, Michel e Le Carvenec (1999) na França, Pires (1999) em Portugal e Nascimento (1999) no Brasil. Já no XVIII Congresso Internacional desta mesma sociedade, pode-se mencionar os trabalhos de Lelé (2005) no Brasil, Lis, Salcuni, Di Riso e Oliva (2005) e Torre e Casalegno (2005) na Itália, Silva e Dias (2005) em Portugal e Tibon (2005) em Israel.

Nessa mesma linha de investigação, examinando os anais do último evento organizado pela referida sociedade, o XIX Congresso Internacional de Rorschach e Métodos Projetivos

da IRS, realizado em julho de 2008, foi possível identificar novamente intenso empenho no desenvolvimento de estudos normativos, podendo-se citar como exemplos deste processo os trabalhos apresentados por Bagbag (2008) referente a estudo realizado na Tunísia, por Fernandez e Pardillo (2008) com um estudo desenvolvido no contexto de Cuba, por Andronikof, Chudzik e Gillaizeau (2008) concernente à pesquisa realizada na França e por Matsumoto, Morita, Suzuki, Tsuboi, Hatagaki e Shirai (2008) no Japão, além de um trabalho italiano elaborado por Lis, Salcuni, Parolin, Di Riso e Laghezza (2008). Ainda com referência a este último congresso da IRS, houve a apresentação de trabalhos de natureza normativa do Rorschach desenvolvidos no Brasil, a saber: Yazigi, Ribeiro e Semer (2008), Gattas, Brunoni, Sasaki, Parsons e Bueno (2008), Lelé (2008a) e Villemor-Amaral et al. (2008). Analisando-se estes trabalhos, pode-se constatar que a realização de estudos normativos constitui-se em uma preocupação em diversos contextos e países, principalmente tendo em vista que foram observadas diferenças de resultados entre as amostras estudadas e a literatura clássica desta técnica projetiva.

No intuito de examinar eventuais diferenças de desempenho entre determinadas amostras, Meyer et al. (2007) realizaram um estudo no qual analisaram os dados encontrados a partir de 21 amostras normativas, compostas por adultos de 17 países, tendo como referencial o Sistema Compreensivo (SC). Os pesquisadores compilaram os resultados obtidos nestes trabalhos normativos, formando um banco de dados com 4704 protocolos e integrando informações relativas a 143 variáveis do Rorschach. A partir desta análise, observou-se que algumas amostras se diferenciaram em alguns índices, mas, de modo geral, tanto a composição das amostras quanto os resultados obtidos nestes trabalhos foram bastante similares. No entanto, ao avaliar os dados concernentes a 31 amostras infantis e juvenis de cinco países, os autores observaram diferenças significativas entre os resultados alcançados. Nesse ínterim, os pesquisadores afirmam que as normas relativas à população mundial adulta podem possivelmente ser integradas, contudo, a composição de um padrão de referência internacional único não deve suceder com os dados referentes à população infantil e juvenil, tendo em vista as divergências notadas. Por fim, os autores discutem sobre as possíveis causas destas diferenças, levantando hipóteses sobre as peculiaridades culturais e sociais de determinados contextos, bem como sobre as características e os procedimentos de coleta, inquérito e codificação dos dados.

Nessa mesma perspectiva, Silva e Dias (2006) debatem amplamente sobre os limites técnicos embutidos no uso exclusivo de uma única tabela de qualidade formal no Sistema Compreensivo do Rorschach como procedimento de avaliação dos escores obtidos neste

instrumento, sobretudo na população infantil. A partir de um estudo de desenvolvimento de normas do Rorschach para crianças portuguesas com idade entre seis e 10 anos, os autores observaram dois aspectos principais relacionados ao uso de uma única tabela normativa: (1) o fato desta tabela não incluir várias respostas obtidas nos protocolos das crianças portuguesas e (2) o fato da tabela ignorar a mudança de frequência destas respostas de acordo com a idade da criança avaliada. Nesse contexto, os autores afirmam que o estabelecimento de uma tabela universal de qualidade formal das respostas ao Rorschach para crianças de diferentes países e faixas etárias pode empobrecer significativamente as informações fornecidas por este rico instrumento.

Na literatura científica sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach, nomeadamente o periódico científico *Journal of Personality Assessment* destaca-se sobremaneira, constituindo-se no veículo internacional que retrata a história e o desenvolvimento metodológico desta técnica projetiva. Assim, dado seu destaque e notoriedade na área, procurou-se desenvolver um levantamento bibliográfico neste periódico, a respeito de estudos normativos do Rorschach que focalizavam a população infantil e/ou juvenil, desenvolvidos nos últimos dez anos. Deste procedimento, foram identificados oito artigos diretamente relacionados ao tema, tal como mostra a Tabela 1. Em seguida, os trabalhos encontrados passam a ser apresentados em seus componentes principais.

Tabela 1 – *Artigos identificados no levantamento bibliográfico realizado no periódico Journal of Personality Assessment, acerca de estudos normativos do Rorschach*

Autor(es)	Ano	Nacionalidade	Participantes	Idade	Sistema
Hansen	2007	Dinamarquesa	75	9	Compreensivo
Silva & Dias	2007	Portuguesa	357	6 a 10	Compreensivo
Valetino, Shaffer, Erdberg & Figueroa	2007	Mexico-americana	42	8 a 10	Compreensivo
Salcuni, Lis, Parolin & Mazzeschi	2007	Italiana	223	5 a 11	Compreensivo
Lis, Salcuni & Parolin	2007	Italiana	223	12 a 18	Compreensivo
Hamel & Shaffer	2007	Norte-americana	100	10 a 12	Compreensivo
Van Patten, Shaffer, Erdberg & Canfield	2007	Norte-americana	37	15 a 17	Compreensivo
Matsumoto et al.	2007	Japonesa	346	5 a 14	Compreensivo

Um dos estudos localizados no referido levantamento bibliográfico, diz respeito ao trabalho desenvolvido por Hansen (2007), que avaliou uma amostra de 75 crianças, não-pacientes, de nove anos de idade e de diferentes regiões da Dinamarca, incluindo áreas urbanas e rurais. As crianças que apresentaram histórico de atendimento psicológico e/ou psiquiátrico foram excluídas da amostra. Os examinadores que fizeram parte da coleta de dados consistiram em 10 psicólogos, familiarizados com o Sistema Compreensivo (SC) e que, ainda assim, participaram de um treinamento específico sobre esta técnica projetiva. As aplicações foram realizadas na própria escola das crianças participantes e nenhum protocolo com menos de 14 respostas foi integrado à amostra. Os protocolos foram codificados pelos psicólogos colaboradores, revistos pelo grupo de pesquisa responsável e, posteriormente, reavaliados pelo citado autor, a fim de assegurar a consistência das codificações. Além disso, um total de 20 protocolos foi aleatoriamente selecionado para verificação da fidedignidade entre examinadores, a qual obteve elevados índices de acordo, que variaram de 92 a 99%, dependendo da variável analisada. Em sua discussão, o autor afirma ter selecionado uma amostra representativa da população da faixa etária estudada, na medida em que as crianças foram selecionadas aleatoriamente e são oriundas de diferentes regiões do país. No entanto, salienta que o fato da amostra ser exclusivamente proveniente de escolas públicas pode ter produzido alguma especificidade nos resultados.

Nessa mesma linha de investigação, Silva e Dias (2007) desenvolveram um estudo normativo com uma amostra de 357 crianças portuguesas, com idade entre seis e 10 anos e utilizando como critérios de exclusão a presença de distúrbios de aprendizagem, problemas comportamentais e/ou dificuldades interpessoais. Participaram da coleta de dados 18 psicólogos treinados no Sistema Compreensivo (SC) do Rorschach, mas que, ainda assim, receberam treinamento com conteúdo relativo à administração e à codificação da técnica. A avaliação propriamente dita foi iniciada com a aplicação das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven que, segundo os autores, além de ser um instrumento válido para obter dados sobre o nível intelectual das crianças, mostrou ser uma forma mais apropriada de iniciar o procedimento de coleta. Nos principais resultados sobre o padrão geral de desempenho, os autores observaram a predominância da área de localização grande detalhe (D) em detrimento da localização global (W), diferenciando-se dos resultados da amostra americana. Pôde-se notar, ainda, pequeno número de respostas com determinante cor em todos os grupos etários, elementos que foram analisados em suas possibilidades interpretativas e debatidos aos da literatura internacional da área.

Motivados pelo princípio de que as diferenças culturais encontradas na cultura hispânica e americana poderiam se refletir nos resultados do Rorschach, Valentino et al. (2007) avaliaram uma amostra composta por 42 crianças mexicanas, residentes nos Estados Unidos da América, com idade entre oito e 10 anos. Todas as crianças eram bilíngües – na medida em que falavam espanhol e inglês – no entanto, a aplicação da técnica foi realizada na língua inglesa, com o objetivo de examinar as diferenças culturais, e não linguísticas, da amostra estudada. A aplicação do Rorschach (SC) foi realizada na residência de cada criança, sendo todo o material coletado e codificado por um único examinador. Todos os protocolos apresentaram um número maior que 13 respostas e, desse modo, nenhum caso foi desconsiderado. Com o intuito de avaliar a fidedignidade entre examinadores, 25 casos foram selecionados e recodificados por uma psicóloga com experiência no instrumento, obtendo-se índices de concordância que variaram de 70 a 99%, de acordo com a variável em foco. Em linhas gerais, os resultados apontaram para um número médio de respostas (R) de 24,0, estilo de vivência afetiva predominantemente evitativo e prevalência de respostas globais (W), seguidas das de grande (D) e pequeno detalhe (Dd). Em suas conclusões, os autores enfatizam que, embora o estudo tenha sido desenvolvido com reduzido número de participantes, este consiste no primeiro trabalho realizado com uma amostra de participantes de uma determinada nacionalidade, mas residentes em outro país, fomentando, assim, novos desdobramentos investigativos.

Salcuni et al. (2007), por sua vez, realizaram um estudo normativo com uma amostra composta por 223 crianças, não-pacientes, oriundas de diferentes escolas públicas da Itália. Deste grupo, 75 crianças tinham idade entre cinco e sete anos e 148 crianças, entre oito e 11 anos. Os participantes que já haviam sido hospitalizados por motivos psiquiátricos, bem como aqueles que haviam tido acompanhamento psicológico dentre os últimos dois anos foram excluídos da amostra. Fizeram parte da coleta de dados 15 psicólogas, com experiência na área de avaliação psicológica, mas que, ainda assim, participaram de um curso sobre a administração do instrumento em foco. Cada uma dessas psicólogas foi responsável pela coleta de 11 a 20 protocolos. Ao todo, 10 crianças apresentaram número de respostas inferior a 14, sendo este material retirado do estudo. Posteriormente, 30 casos foram selecionados aleatoriamente e recodificados para cálculo da fidedignidade entre avaliadores, obtendo-se índices de concordância que variaram de 81 a 98%, de acordo com a variável analisada. Ao final do trabalho, as autoras discutem sobre a possibilidade de generalização de seus achados no contexto da Itália, posicionando-se favoravelmente a esta questão, já que crianças de várias regiões do país foram avaliadas. Contudo, as autoras destacam a importância de se diferenciar

trabalhos que visam a obtenção de parâmetros normativos de desempenho no Rorschach de estudos realizados com a avaliação de não-pacientes. Nesse sentido, argumentam que uma amostra normativa deve contar também com certo número de participantes que já passaram por algum tipo de tratamento relacionado à saúde mental, com o intuito de representar a diversidade e a complexidade dos indivíduos que compõem os grupos populacionais.

Também no contexto italiano, Lis et al. (2007) realizaram um estudo normativo com uma amostra de 223 jovens, divididos em 116 pré-adolescentes – com idade entre 12 e 14 anos – e 117 adolescentes – com idade entre 15 e 18 anos. Foram excluídos da amostra os jovens que já haviam sofrido alguma hospitalização psiquiátrica, passado por tratamento psicológico nos últimos dois anos e/ou haviam tido alguma doença séria durante os últimos seis meses. Essas informações foram colhidas em breve entrevista semi-estruturada, ao final da avaliação. Participaram da coleta de dados 10 estudantes de Psicologia com, pelos menos, dois anos de prática em pesquisa com o Rorschach e que, adicionalmente, receberam treinamento específico para este estudo. Cada estudante foi responsável pela aplicação e codificação de 10 a 25 protocolos, sendo estes posteriormente recodificados por pelo menos um dos dois primeiros autores do trabalho. Em seguida, 30 protocolos foram selecionados aleatoriamente e recodificados pela terceira autora do trabalho, a fim de avaliar a fidedignidade entre examinadores. A partir deste procedimento, foram obtidos índices de concordância que variaram de 81 a 97%, dependendo da variável avaliada. Nos resultados concernentes aos índices de produtividade, as autoras apontaram que a média de respostas no grupo de pré-adolescentes foi de 22,3 e no grupo de adolescentes, de 21,8. Em sua discussão, as referidas pesquisadoras refletem se os dados encontrados podem ser generalizados para além da amostra estudada, ponderando o fato de que todos os participantes são provenientes de uma área específica do país. Por fim, pontuam que seria útil a realização de outras pesquisas desta natureza para ampliar a dimensão da amostra.

Nos Estados Unidos da América, Hamel e Shaffer (2007) desenvolveram um estudo com o objetivo de formular referenciais normativos do Rorschach para o contexto americano, contando com a participação de 100 crianças, igualmente divididas em dois grupos, sendo um composto por crianças de seis a nove anos de idade e outro por crianças de 10 a 12. O material aplicado consistiu no Rorschach (SC), aplicado às crianças e no *Conner's Parent Rating Scale-93* (CPRS-93), aplicado aos pais. Foi adotado como critério de inclusão na amostra, a ausência de histórico de tratamento psicológico e/ou psiquiátrico, de violação legal, de mau comportamento estudantil e de abuso de álcool e/ou substâncias ilícitas, bem como possuir adequado rendimento escolar. A administração e a codificação de todo o material foi

realizada por um único avaliador. Em seus resultados, os autores apontam que o grupo de crianças com idade entre seis e nove anos, produziu, em termos médios, 24,5 respostas, com prevalência de respostas grande detalhe (D), seguida de respostas pequeno detalhe (Dd) e globais (W). Já o segundo grupo, composto por crianças de 10 a 12 anos, apresentou número médio de 26,5 respostas, com predomínio de respostas grande detalhe (D), mas estando estas com resultado bem próximo às globais (W) e pequeno detalhe (Dd). Os dois grupos apresentaram majoritariamente estilo de vivência afetiva evitativo.

Ainda relacionado ao contexto norte-americano, Van Patten et al. (2007) desenvolveram um estudo normativo, contando com a participação de 37 jovens, com idade entre 15 e 17 anos, selecionados de modo a não apresentarem histórico de prisão e/ou hospitalização para tratamento psiquiátrico. A aplicação e a codificação de todo o material foi realizada por um único profissional, mais precisamente pela primeira autora deste trabalho. Posteriormente, com o intuito de se calcular a fidedignidade entre examinadores, 20 protocolos foram selecionados aleatoriamente e recodificados por uma psicóloga treinada no Rorschach (SC), obtendo-se índices de concordância que variaram de 71 a 98%, de acordo com a variável em foco. Em seus resultados, os autores afirmam que os índices encontrados diferem dos referenciais desenvolvidos por Exner, em 1995, em vários aspectos como, por exemplo, o aumento de respostas pequeno detalhe (Dd) e a diminuição de respostas populares. Analisando estes dados, os autores discutem que o pequeno tamanho da amostra deve ser levado em consideração, bem como o fato dos participantes serem provenientes de uma área geográfica específica do país. Ademais, enfatizam a necessidade de se ampliar e diversificar a amostra, a fim de que ela possa, de fato, representar os jovens em um dado contexto, antes que haja a formulação de conclusões precipitadas sobre o tema em questão.

Finalizando, cabe apresentar o trabalho de Matsumoto et al. (2007), que desenvolveram um estudo normativo com 346 crianças japonesas, não-pacientes, provenientes de escolas públicas de uma província do país. Deste conjunto, 144 crianças produziram menos que 14 respostas e 12 foram identificadas como mal-ajustadas ou deficientes, a partir de informações fornecidas por seus professores. Assim, somente os protocolos de 190 crianças foram considerados no estudo, sendo divididos entre cinco grupos: cinco anos (n=24), oito anos (n=43), nove anos (n=42), 12 anos (n=42) e 14 anos (n=39). Participaram da coleta de dados nove psicólogas clínicas com experiência na técnica, tendo cada uma colaborado com a coleta de 14 a 30 protocolos. Posteriormente, cada caso foi avaliado independentemente por dois juízes com domínio no instrumento e, tendo sido observado desacordo, foi feita discussão entre o grupo de pesquisa para se chegar a um consenso na codificação. Em seguida, 30

protocolos foram selecionados aleatoriamente para o cálculo da fidedignidade entre avaliadores, a qual obteve índices de concordância que variaram de 87 a 100%, dependendo da variável analisada. Nos resultados, os autores afirmam que as crianças japonesas produziram reduzido número de respostas – com média entre 18 e 20 – sendo que o grupo de crianças com cinco anos apresentou índices médios de produtividade ainda inferiores aos demais grupos avaliados. Para estes pesquisadores, o baixo índice de produtividade obtido pelas crianças de cinco anos pode ser atribuído ao restrito repertório verbal e ao reduzido leque de experiências vividas até esta fase da vida. Na análise, há o apontamento de que os dados obtidos mostraram-se notavelmente diferentes dos encontrados por estudos americanos e franceses, levando a concluir que, em comparação a estes estudos internacionais, as crianças japonesas são mais modestas em sua expressão verbal e emocional, evitam estímulos exteriores e se mostram mais passivas nos relacionamentos interpessoais. Para os autores, o fato de o Rorschach depender da expressão verbal pode contribuir para os resultados encontrados e, neste sentido, tais aspectos devem necessariamente ser vistos e interpretados em função de fatores culturais japoneses. Em suas considerações finais, os autores salientam a importância do aumento da amostra de participantes, com o intuito de ampliar a base de dados normativa. Eles evidenciam, ainda, a necessidade da realização de trabalhos transculturais para o Rorschach, ressaltando a diversidade social e humana existente nos diferentes países, o que pode explicar grande parte das divergências presentes nos vários estudos normativos com este instrumento.

A partir da busca sistemática de artigos científicos sobre o tema em questão, foi possível, ainda, identificar o trabalho de Azoulay et al. (2007). Estes pesquisadores estão desenvolvendo um estudo normativo do Rorschach, seguindo o referencial da Escola Psicanalítica Francesa, voltado para a população francesa entre 13 e 65 anos, estratificada em função do sexo, idade e nível sócio-cultural. Na primeira publicação a respeito deste trabalho, os autores apresentaram resultados parciais referentes a uma amostra de 278 indivíduos, com idade compreendida entre 13 e 25 anos, organizada em função do sexo (feminino e masculino), da faixa etária (13-15 anos, 16-18 anos e 19-24 anos) e do nível sócio-cultural (favorecido, mediano e desfavorecido). Os integrantes da amostra foram recrutados em diversos lugares, tais como colégios, escolas profissionais, universidades e centros de trabalho. A aplicação do Rorschach foi realizada, individualmente, por uma equipe de jovens pesquisadores treinados para esta finalidade, padronizando, portanto, a coleta de dados. A codificação de cada caso, por sua vez, foi feita por seu próprio aplicador e por mais dois psicólogos, de modo independente. Como resultados, os referidos pesquisadores apontaram

que o número de respostas variou de 12 a 57, com média de 25,8. Ao todo, foram observadas 51 recusas, sendo o cartão IX e II, respectivamente, aqueles que mais provocaram este tipo de reação. Concernente aos modos de apreensão, foram encontrados índices médios semelhantes de G (43,3 %) e de D (43,6 %), seguidos de Dd (10,2 %) e Dbl (2,9 %).

Em comparação aos dados normativos até então utilizados na França, Azoulay et al. (2007) observaram considerável aumento de respostas globais (G) e diminuição de respostas grande detalhe (D). Em relação aos determinantes, os principais dados encontrados são relativos aos índices médios de F (61,3%), F+ (65,2%) e F+ extenso (66,0%). O número médio de respostas cinestésicas foi de 4,7 por indivíduo, ao passo que a média das respostas determinadas pela cor e estompagem, aproximou-se de 6,5. Em se tratando dos conteúdos, os mais evocados foram o conteúdo animal e humano, com índices de A (47,2 %) e H (20,4 %), sem diferenças significativas das normas correntemente utilizadas no país. Já na lista de banalidades, foram notadas algumas modificações, na medida em que o número de Ban declinou a nove no lugar das 10 reconhecidas anteriormente.

Na discussão dos resultados do referido estudo, os autores levantam algumas hipóteses a respeito das particularidades encontradas nos seus dados comparativamente às normas do Rorschach vigentes na França, questionando se tais divergências se devem a uma diferença do funcionamento entre adolescentes e adultos ou a uma evolução das características das respostas ao Rorschach da população em geral. No entanto, argumentam que somente conseguirão responder a esta e a outras questões com o término da análise de dados da amostra delineada e o conseqüente refinamento estatístico. Além disso, os autores apontam, ainda, a ausência de diferenças significativas importantes nos resultados do Rorschach em função das variáveis sexo, idade e nível sócio-cultural. Todavia, tecem algumas considerações a respeito dos dados relativos à produtividade dos distintos grupos sócio-culturais, na medida em que o grupo desfavorecido apresentou um número médio de respostas inferior ao grupo favorecido e mediano. Por fim, enfatizam a importância da realização de estudos normativos para o Psicodiagnóstico de Rorschach e mencionam o andamento de estudos na Argélia e em Istambul, dentro da perspectiva da Escola Psicanalítica Francesa.

Enfocando a população infantil e juvenil, faz-se necessário, ainda, apontar a existência dos clássicos trabalhos desenvolvidos por Ames, Learned, Metraux e Walker (1972) e Ames, Metraux e Walker (1977). O primeiro refere-se a um estudo normativo que contou com a participação de 650 meninos e meninas norte-americanos, com idade entre dois e 10 anos. Já o segundo diz respeito a um estudo que avaliou 348 crianças e adolescentes, com idade entre 10 e 16 anos, mas que apresentou, em seus resultados, dados referentes a 700 protocolos, na

medida em que parte destes indivíduos foi avaliado em diferentes faixas etárias. Na composição da amostra, os dois trabalhos consideraram as variáveis sexo, idade, status sócio-econômico e nível de inteligência, sendo os dados apresentados em análises específicas por idade, com a comparação das possíveis diferenças encontradas entre sexos. Devido a sua magnitude e importância, estes estudos são considerados como referências clássicas entre os trabalhos de padronização do Rorschach, fazendo-se relevante pontuar seus principais resultados frente às evidências empíricas do presente trabalho, elementos a serem oportunamente apresentados e discutidos.

Em suma, a partir dos dados e trabalhos apresentados, pode-se perceber a constante preocupação de pesquisadores em formular referenciais normativos que realmente representem os diferentes grupos e populações existentes (Hansen, 2007; Silva & Dias, 2007; Valentino et al., 2007; Salcuni et al., 2007; Matsumoto et al., 2007). No Brasil, os estudiosos também reconhecem esta necessidade e procuram, cada vez mais, acompanhar tal tendência, com o desenvolvimento de trabalhos desta natureza.

1.5 O Psicodiagnóstico de Rorschach no contexto brasileiro

Ao focalizar a questão das possibilidades de utilização do Psicodiagnóstico de Rorschach na realidade brasileira, Pasian (2002) realizou um levantamento dos estudos normativos desenvolvidos em nosso país até a década de 90, procurando fundamentar a válida utilização desta técnica projetiva no contexto sócio-cultural nacional. O panorama encontrado, dentro dos materiais acessíveis a consulta direta, indicou a presença de 19 estudos. Destes, cinco avaliaram crianças até 13 anos, três estudaram pré-adolescentes e adolescentes (até 16-17 anos), oito abordaram indivíduos adultos, um estudo avaliou adolescentes e adultos, um outro abordou crianças e adolescentes e, um último, foi voltado aos idosos.

Destacando-se os estudos normativos do Rorschach dirigidos particularmente à população infantil, Pasian (2002) detalha a existência dos trabalhos dos seguintes autores: Barreto (1955), com a avaliação de crianças de seis a 10 anos de idade, em Recife; Viana-Guerra (1958), com o estudo de crianças de três a oito anos, no Rio de Janeiro; Windholz (1969), com a avaliação de crianças de sete a 10 anos, em São Paulo, Jacquemin (1976), com a investigação de crianças de três a 10 anos, em Ribeirão Preto; Japur (1982) com o estudo de crianças e adolescentes de 11 a 13 anos, em Ribeirão Preto e Adrados (1985), com a avaliação de crianças e adolescentes com idade entre sete e 14 anos, no Rio de Janeiro. Como pode ser observado, os trabalhos citados foram desenvolvidos há, pelo menos, duas décadas e carecem

de atualização técnica, conforme preconizado pelas diretrizes internacionais de utilização de instrumentos de avaliação psicológica.

A importância da realização de estudos normativos com as técnicas projetivas de avaliação psicológica, bem como seu contínuo refinamento, é também aludida por Adrados (1985), principalmente tendo em vista as peculiares características sociais e territoriais existentes no Brasil. Segundo esta autora, “mesmo em nosso país, com sua vasta dimensão continental, as características da personalidade, válidas para determinada região, não podem ser extensivas ao resto da população brasileira” (p. 8).

A multiplicidade cultural brasileira também é apontada por Lelé (2006), como um aspecto que deve ser seriamente considerado em processos de avaliação psicológica. Em suas palavras:

O Psicodiagnóstico de Rorschach é utilizado com frequência no Brasil e está necessitando de maior reflexão em várias regiões do país, devido, justamente, à enorme diversidade de paisagens humanas, sociais e culturais que pode trazer marcas significativas aos resultados desta prova projetiva. Como pode ser observado, a cultura influencia, de alguma forma, a percepção de indivíduos. Daí a importância de ter dados normativos em diferentes regiões do país (p. 97).

Diante desta realidade, novos estudos de caráter normativo têm sido desenvolvidos no Brasil, focalizando o Psicodiagnóstico de Rorschach, com diferentes grupos de indivíduos. Nesta perspectiva, utilizando o Sistema Compreensivo do Rorschach, Nascimento (1999) avaliou 200 sujeitos, não-pacientes, de ambos os sexos, residentes na cidade de São Paulo, com idade entre 17 e 65 anos e abarcando diferentes graus de escolaridade e níveis sócio-econômicos. Os resultados apontaram várias especificidades produtivas dos indivíduos brasileiros, quando comparados às normas apresentadas por Exner, para os Estados Unidos da América, mas algumas semelhanças com os estudos apresentados por especialistas de outros países, especialmente, os de origem latina. Nesse sentido, a necessidade da realização de estudos normativos nacionais foi fortalecida, a fim de se evitar leituras errôneas de determinados padrões de desempenho em técnicas de avaliação de personalidade.

A partir da constatação da necessidade de se prosseguirem com estudos brasileiros específicos para a elaboração de normas do Psicodiagnóstico de Rorschach, Villemor-Amaral et al. (2006) criaram um banco de dados com protocolos desta técnica, composto pelo material produzido por 600 indivíduos maiores de 18 anos, de ambos os sexos, de diferentes estratos sociais e níveis distintos de escolaridade. Este trabalho almeja, ao seu final, realizar

um mapeamento das áreas de localização das respostas e da qualidade formal dos conceitos percebidos em amostras brasileiras, contribuindo para maior fidedignidade das avaliações psicológicas baseadas no Rorschach em nosso país.

Com a mesma finalidade – porém abordando a faixa etária infantil – Resende et al. (2006) estão desenvolvendo um estudo cujo objetivo final é disponibilizar dados normativos do Rorschach (SC) de 336 crianças e adolescentes, com idade entre três e 14 anos e residentes no estado de Goiás (GO). As autoras justificam seu trabalho apontando a carência de estudos normativos do Rorschach para crianças brasileiras e, especificamente, para sua região. Os resultados apresentados dizem respeito a uma amostra de 66 crianças, até então avaliadas, e indicam que o número de respostas torna-se progressivamente maior com o aumento da faixa etária, com exceção das crianças com idade de 10 e 11 anos. Os dados também mostraram que a porcentagem média de respostas unicamente formais (F%) apresentou-se superior a das crianças e adolescentes norte-americanos, com índices que variaram de 66,7 a 80,2%.

Ainda com o objetivo de se mapear as investigações desenvolvidas no Brasil voltadas à elaboração de referenciais normativos do Rorschach, fez-se uma pesquisa acerca dos trabalhos apresentados nos últimos eventos científicos de avaliação psicológica e métodos projetivos, tais como o XV e XVI Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos – ASBRo (2006, 2008) e o IV Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica – IBAP (2009), realizado juntamente com XIV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos e o V Congresso Brasileiro de Rorschach e Métodos Projetivos. Adotou-se este tipo de levantamento, de busca de trabalhos em eventos científicos, na medida em que, nacionalmente, a publicação de material desta natureza não segue necessariamente um padrão de divulgação em periódicos científicos. Assim, tal procedimento permitiu identificar os trabalhos normativos do Rorschach recentemente desenvolvidos, expostos a seguir em seus principais elementos.

Com base na Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach, foram encontrados os estudos de Fernandes e Pasian (2008), Fernandes, Pasian, Paula e Barrenha (2009), Lelé (2006, 2008b), Souza e Duarte Junior (2008), além das comunicações parciais dos achados da presente pesquisa (Raspantini & Pasian, 2008; Raspantini, Alves & Pasian, 2009; Raspantini, Paula, Barrenha & Pasian, 2009). Fernandes e Pasian (2008), do mesmo centro de investigações desta pesquisadora, estão desenvolvendo um estudo com 180 crianças de seis a oito anos de idade, de ambos os sexos e provenientes de escolas públicas e privadas de uma cidade do interior de Estado de São Paulo. Em divulgação posterior a respeito de resultados preliminares do estudo acima mencionado, Fernandes, Pasian, Paula e Barrenha (2009)

apresentaram os dados encontrados a partir de uma amostra parcial de 70 crianças, provindas de escolas particulares e com sinais de desenvolvimento típico, igualmente divididas entre o sexo feminino e masculino. O trabalho apresentou como objetivo avaliar possíveis diferenças entre sexos nos principais indicadores do Rorschach. Em seus resultados, os autores apontam para semelhanças em relação à produtividade, tipos de apreensão, conteúdos evocados e tipo de vivência afetiva. No entanto, foram encontrados maiores índices de precisão formal no grupo feminino em detrimento do masculino, sugerindo maior rigor analítico nas meninas de seis a oito anos de idade. Lelé (2006, 2008b), por sua vez, apresentou evidências empíricas de uma pesquisa desenvolvida com 100 adultos mineiros, de ambos os sexos, com idade variando entre 18 e 36 anos e de diversos níveis de escolaridade. A amostra foi selecionada de forma a não apresentar, em sua história pessoal, antecedentes críticos de ordem psiquiátrica ou psicológica. Em seus resultados, o autor encontrou especificidades na lista de respostas banais entre seus voluntários, confirmando a necessidade de trabalhos de investigação nesta área. Desenvolvido na região norte do Brasil, Souza e Duarte Junior (2008) avaliaram 506 adultos paraenses, residentes na cidade de Belém, com idade entre 18 e 50 anos, com o objetivo de analisar as respostas banais produzidas neste contexto sócio-cultural. Em seus resultados, os autores pontuam determinadas semelhanças e divergências aos dados obtidos em outros estados brasileiros, enfatizando a importância de revisões periódicas de estudos normativos.

Ainda com base nos trabalhos do Rorschach apresentados nos últimos eventos científicos sobre avaliação psicológica e métodos projetivos, foi possível identificar estudos de natureza normativa pautados pelo Sistema Compreensivo (SC), confirmando as várias possibilidades técnicas deste instrumento projetivo. Nesta perspectiva, foram encontradas as pesquisas de Nascimento, Brunoni, Sasaki, Bueno e Parsons (2008), Nascimento, Batistuzzo, Sato, Brunoni, Bueno e Marques (2009) e Ribeiro, Yazigi e Semer (2008, 2009). Nascimento et al. (2008, 2009) estão realizando um estudo normativo com uma amostra de 120 adolescentes, não-pacientes, do Estado de São Paulo. Os dados até então obtidos mostram, ao mesmo tempo, semelhanças e diferenças aos resultados encontrados em adultos paulistanos e em adolescentes de outros países. Os autores destacam, todavia, que os resultados são preliminares e requerem explorações mais sistemáticas para quaisquer conclusões. Ribeiro et al. (2008), por sua vez, desenvolveram um estudo normativo contando com a participação de 211 crianças, distribuídas em quatro grupos de idade (sete, oito, nove e 10 anos), de ambos os sexos, provenientes de escolas públicas e particulares de Cuiabá, Estado do Mato Grosso. Para a composição da amostra, foi aplicada aos pais das crianças a *Child Behavior Checklist*

(CBCL), a fim de avaliar a competência social e identificar problemas de comportamento dos possíveis participantes. Em seguida, o teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven foi administrado às crianças selecionadas pela CBCL, com o intuito de se excluir as crianças com baixo rendimento intelectual. Na apresentação dos resultados, as crianças foram divididas em quatro grupos, tendo em vista sua idade. Em relação aos índices médios de produtividade, as crianças de sete anos apresentaram $R= 15,9$, as de oito, $R= 16,6$, as de nove, $R= 16,2$ e, por fim, as de 10 obtiveram $R= 16,8$. Já com o objetivo específico de avaliar a pertinência da construção de tabelas normativas para as crianças cuiabanas de escolas públicas e privadas, Ribeiro et al. (2009) apresentaram um estudo com a amostra já mencionada de 211 crianças, sendo 110 oriundas de escolas públicas e 101 de escolas privadas. Segundo as autoras, as classes sociais mais favorecidas foram contempladas pelas crianças de escolas particulares e as classes sociais menos favorecidas pelas crianças de escolas públicas. De modo geral, os resultados revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, na medida em que as crianças provenientes de escolas particulares apresentaram índices mais elevados de R , $Sum Y$, $Blends$, $Mistos$ e Índice de Intelectualização, enquanto as crianças de escolas públicas obtiveram índices mais elevados na variável $Lambda$. Em sua discussão, as autoras afirmam que as crianças de escolas particulares apresentaram mais recursos cognitivos, mostraram maior facilidade em lidar com situações afetivas complexas e, ainda, apresentaram maior estresse situacional. As crianças de escolas públicas, por sua vez, apresentaram maior grau de simplificação perceptiva, com atitude mais defensiva e evitativa.

Em sua tese de doutorado, além dos dados acima descritos, Ribeiro (2010) apresenta os resultados relativos às peculiaridades encontradas na comparação entre os sexos masculino e feminino, no que diz respeito à referida amostra de 211 crianças cuiabanas, com idade entre sete e 10 anos. Nesta análise, os meninos apresentaram maiores índices nas variáveis C e Mp , sugerindo menor controle dos impulsos e comportamento mais passivo nas relações, em comparação às meninas. Estas, por sua vez, apresentaram resultados mais elevados nas variáveis $Pares$, Ego , D , DQo , $Popular$, Na , Bt , $Isolate/R$ e DV . Assim, segundo a autora, as meninas tendem a ser mais auto-centradas e com melhor auto-estima, bem como expressam mais sinais de percepção da realidade objetiva, com maior facilidade para processar informações simples. Ademais, as meninas parecem mais adaptadas às convenções sociais, mais voltadas para ambientes simples, menos complexos e menos desafiadores, apresentando-se mais afastadas nas relações interpessoais e com mais deslizes cognitivos, quando comparadas aos meninos.

Diante desta conjuntura, pode-se observar que, apesar dos valiosos esforços de alguns pesquisadores brasileiros (Barreto, 1955; Viana Guerra, 1958; Windholz, 1969; Jacquemin, 1976; Resende et al., 2006; Fernandes & Pasian, 2008; Ribeiro et al., 2008, 2009; Ribeiro, 2010), os estudos sobre o Rorschach em crianças ainda se mostram insuficientes, podendo não representar adequadamente os padrões contemporâneos de resposta a esta técnica projetiva, sobretudo diante da grande diversidade de estilos individuais e da velocidade das mudanças sócio-culturais e ambientais. Resende et al. (2006) confirmam estas evidências, retratando as ricas possibilidades informativas do Rorschach, como se depreende neste trecho:

O Método de Rorschach é um instrumento de avaliação da personalidade que tem uma linguagem universal, é reconhecido mundialmente por sua eficácia no diagnóstico do funcionamento psíquico de crianças pré-escolares à idade adulta e senil, e tem ampla aceitação no âmbito nacional. Ele é utilizado com frequência no Brasil e requer uma maior reflexão de sua aplicação na população infantil e adolescente, para a qual não se dispõe de normas atualizadas (p. 124).

Assim, considerando os elementos apresentados, nota-se a insuficiência e a necessidade de novas investigações focadas no desenvolvimento de referências atualizadas para o uso adequado do Psicodiagnóstico de Rorschach. Diante deste contexto, justifica-se a presente proposta de realização de um estudo normativo com crianças do interior do Estado de São Paulo (SP), almejando-se apresentar seus padrões típicos de desempenho nesta técnica, bem como fornecer contribuições científicas úteis e relevantes na área da avaliação psicológica nacional.

II. OBJETIVOS

II.1 Objetivo Geral

O presente trabalho teve como objetivo elaborar padrões normativos do Psicodiagnóstico de Rorschach, a partir dos referenciais da Escola Psicanalítica Francesa, para crianças com idade entre nove e 11 anos. Pretendeu-se, portanto, desenvolver normas avaliativas para crianças desta faixa etária, a fim de subsidiar processos analítico-interpretativos adequados à atual realidade sócio-cultural, a partir desta técnica projetiva.

II.2 Objetivos Específicos

No presente estudo normativo almejou-se, mais especificamente, delimitar os seguintes aspectos técnicos:

- ❖ Caracterizar o padrão dos resultados do grupo total de indivíduos, no Psicodiagnóstico de Rorschach, analisando-se a distribuição de frequência das diversas categorias de classificação das respostas (localizações, determinantes e conteúdos), verificando especificidades de produção associadas ao sexo, à idade e à origem escolar.
- ❖ Comparar os dados obtidos com os resultados encontrados pelo estudo normativo desenvolvido por Jacquemin (1976).
- ❖ Examinar os recortes interpretativos nas pranchas do Rorschach, realizados pelo conjunto global de crianças avaliadas, a fim de identificar as áreas detalhe (D) e pequeno detalhe (Dd), a partir do critério de frequência de sua interpretação no total de respostas coletadas.
- ❖ Examinar a qualidade formal (bem-vistas, mal-vistas e imprecisas) do conjunto de respostas obtidas com o grupo total de crianças avaliadas.
- ❖ Verificar a frequência específica de cada resposta do Rorschach, em cada área circunscrita da prancha, para que seja possível identificar as respostas banalidade (Ban).
- ❖ Elaborar um atlas do Rorschach, para crianças com idade entre nove e 11 anos, listando as áreas interpretadas e a qualidade formal das respostas nelas evocadas.

III. MÉTODO

III.1 Características da região fonte do estudo

De acordo com os dados disponíveis no endereço eletrônico da Prefeitura Municipal de Pirassununga (2010) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), a cidade de Pirassununga (SP), contexto onde foi realizado o presente estudo, situa-se no nordeste do Estado de São Paulo, a 206 km de distância da capital e a 107 km da cidade de Ribeirão Preto. Seu perímetro urbano corresponde a 727 km², com estimativa populacional de 71.470 habitantes, taxa de urbanização próxima a 91% e índice de crescimento anual da população em torno de 1,2%. Com renda per capita média de 3,8 salários mínimos, a economia do município destaca-se pela prestação de serviços e, em seguida, pela indústria e agropecuária.

A principal fonte de arrecadação de impostos da cidade é o setor sucroalcooleiro, com destaque para as indústrias de aguardente, açúcar líquido e as usinas de açúcar e álcool. Além da indústria sucroalcooleira, destacam-se ainda as indústrias de cadernos, artefatos de joalheria e próteses dentárias. Na agricultura, além da cana-de açúcar, há também a produção expressiva de laranja, inclusive com a existência de uma filial da Coopercitrus (Cooperativa de Cafeicultores e Citricultores de São Paulo).

No que tange a índices demográficos, a cidade de Pirassununga (SP) apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M)¹ de 0,839, considerado como um alto nível desenvolvimento humano. Cabe destacar que, em 2009, o Brasil obteve um IDH de 0,813.

Em termos educacionais, a partir dos dados obtidos no último Censo Educacional (IBGE, 2008), Pirassununga (SP) possui 37 escolas de Ensino Fundamental, com um total de 8925 alunos matriculados. Destas, 27 são escolas públicas (13 estaduais, com um total de 3617 alunos, e 14 municipais, com um total de 2739) e 10 são particulares, com uma estimativa total de 2569 alunos matriculados.

A cidade é conhecida, sobretudo no meio militar, por sediar a Academia da Força Aérea, onde são formados oficiais militares da Força Aérea Brasileira, e o Forte Anhangüera, que abriga o 13^o Regimento de Cavalaria Mecanizada do Exército Brasileiro. Além disso, Pirassununga (SP) conta com um campus da Universidade de São Paulo (USP), que oferece os cursos de Engenharia de Alimentos, Engenharia de Biossistemas e Medicina Veterinária e

¹ O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é uma medida padronizada de avaliação do bem-estar da população, que leva em consideração a riqueza, a expectativa média de vida e a educação de determinada região. Inicialmente, o IDH foi divulgado pela ONU (Organização das Nações Unidas). No entanto, atualmente, além da reconhecida medida internacional, com a avaliação de países, tal índice tem assumido significativa importância nacional, na medida em que estados e municípios brasileiros geralmente são avaliados a partir deste critério.

Zootecnia, e outras universidades particulares. A cidade possui, ainda, um turismo gastronômico, representado pelos vários restaurantes especializados em peixe, situados em Cachoeira de Emas, os quais se constituem como a principal atração para seus visitantes.

Uma breve caracterização da cidade de Pirassununga (SP), local de realização do presente estudo, teve como objetivo fornecer elementos mínimos para que se possa compreender que o lugar onde os dados foram colhidos possui, estruturalmente, semelhanças com vários outros contextos de cidades brasileiras. Desta forma, procurou-se, a partir de sucinta contextualização da cidade, permitir que os resultados referentes às normas infantis do Psicodiagnóstico do Rorschach possam ser úteis para outros locais, especialmente àqueles onde forem identificadas similaridades estruturais entre regiões. Destaca-se que, para avaliar a possibilidade de transposição dos dados, será necessário o julgamento analítico dos psicólogos que utilizarem este material, elaborado a partir do referencial da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach.

Cabe apontar, ainda, que o presente estudo integra parte dos esforços gerais do Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, que vem desenvolvendo pesquisas relativas a normas para técnicas projetivas de avaliação psicológica para a região de Ribeirão Preto (SP), tendo em vista as características de proximidade física e sócio-cultural das cidades que compõem esta área do Estado de São Paulo, além de sua possibilidade de transposição para outros contextos similares.

III.2 Participantes

Dada a importância de uma adequada seleção e composição da amostra, foi realizado um levantamento sobre a quantidade e distribuição dos estudantes matriculados em escolas do Ensino Fundamental da cidade de Pirassununga (SP), a fim de se estimar um número de participantes que garantisse a possibilidade de dados significativos da população a ser estudada.

A partir de dados do Censo Educacional, disponíveis no endereço eletrônico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), encontrou-se uma estimativa de 8925 matrículas efetuadas no Ensino Fundamental de escolas públicas e particulares do município em questão, no ano letivo de 2008². Nesse contexto, pensou-se na viabilidade técnica de

² A partir de informações obtidas no endereço eletrônico do IBGE, em 2007, ano de início da coleta de dados do presente trabalho, foram efetuadas 9070 matrículas no Ensino Fundamental. No entanto, a fim de disponibilizar dados demográficos mais atualizados, optou-se por destacar os dados referentes ao ano de 2008.

compor uma amostra de 180 crianças, correspondendo a 2% dos estudantes matriculados em instituições públicas e particulares do Ensino Fundamental da referida cidade, o que pode ser considerado suficiente para o tipo de trabalho proposto.

Nesse ínterim, tendo em vista a proposta de focalizar a faixa etária de nove a 11 anos, delineou-se uma amostra com 180 crianças desta faixa etária, de ambos os sexos, provenientes de escolas públicas e particulares de Pirassununga (SP). As crianças foram distribuídas equitativamente em função das variáveis sexo, idade e origem escolar, como pode ser visualizado na Tabela 2.

Tabela 2 – *Caracterização da amostra (n= 180) em função do sexo, idade e origem escolar*

		Origem Escolar				Total
		Pública		Particular		
Idade \ Sexo		Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	
09 anos		15	15	15	15	60
10 anos		15	15	15	15	60
11 anos		15	15	15	15	60
Total		45	45	45	45	180

O sexo, a idade e o padrão socioeconômico-cultural constituem-se como variáveis sabidamente reconhecidas pela literatura científica como influentes na construção e elaboração das características de personalidade, funcionando, portanto, como três aspectos centrais para se examinar dados relativos ao padrão de respostas no Rorschach. Cumpre destacar que, dada a complexidade e a diversidade de estratégias utilizadas para avaliar o padrão socioeconômico-cultural de um indivíduo, no presente trabalho, optou-se por considerar a origem escolar como elemento representativo desta variável. Desta forma, a escola pública aqui representa as crianças de menor nível econômico, enquanto a escola particular representa os estudantes de melhor padrão econômico. Apesar dos limites inerentes a este tipo de classificação, na prática cotidiana em pesquisa este tipo de critério externo tem sido adotado e se apresentado como eficaz na identificação do padrão econômico de voluntários, uma vez que os dados de auto-relato relativos a este tópico não são simples de serem coletados e, muitas vezes, são apresentados de forma a corresponder a expectativas socialmente desejadas, distanciando-se da realidade efetivamente vivenciada pelos indivíduos.

Cabe pontuar, ainda, que no processo de seleção das crianças, os seguintes critérios foram considerados: (1) ausência de indicadores de limitação intelectual, examinada a partir

dos resultados obtidos no Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven e (2) ausência de tratamento psicológico, neurológico e/ou psiquiátrico no último ano, conforme informação referida por pais e/ou responsáveis em questionário informativo. Desse modo, foram integradas à amostra crianças que apresentaram, dentro das possibilidades de informação, índices de desenvolvimento típico para sua faixa etária.

III.3 Materiais

III.3.1 Carta de Apresentação da Pesquisa

A Carta de Apresentação da Pesquisa (APÊNDICE A), contendo informações sobre os objetivos do trabalho e os procedimentos implicados na coleta de dados, foi elaborada pela pesquisadora e entregue aos coordenadores de determinadas escolas públicas e particulares de Pirassununga (SP). Este documento serviu como base de aproximação da pesquisadora com as instituições de ensino, a fim de que estas pudessem colaborar no desenvolvimento do projeto, autorizando a inserção da pesquisadora no estabelecimento educacional sob sua responsabilidade.

III.3.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Com base nos princípios reguladores da Pesquisa com Seres Humanos no Brasil, a pesquisadora elaborou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), que apresenta, de forma sucinta, os objetivos da pesquisa, os deveres e os direitos dos participantes e o nome e telefone de contato das pesquisadoras responsáveis. Este documento foi enviado aos pais dos possíveis participantes e, aqueles que concordaram com a participação do(a) filho(a) no estudo, assinaram o documento em duas vias, permanecendo uma cópia com eles e outra com a pesquisadora.

III.3.3 Questionário informativo sobre histórico de vida

Com a finalidade de obter informações a respeito da história pessoal dos possíveis participantes do estudo, foi elaborado um questionário, contendo perguntas relativas ao seu desenvolvimento pessoal e acadêmico (APÊNDICE C). Este questionário foi enviado aos pais

e/ou responsáveis das crianças convidadas a participar deste trabalho, com o intuito de subsidiar o processo de seleção para a composição da amostra.

III.3.4 Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven

O Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (Raven, Raven & Court, 1988) destina-se à avaliação do desenvolvimento intelectual de crianças de cinco a 11 anos de idade e, portanto, mostrou-se adequado aos propósitos de se conhecer o potencial cognitivo dos eventuais participantes deste trabalho. De modo geral, a técnica consiste em pedir que a criança aponte, dentre seis possibilidades, aquela que completa corretamente a matriz que está com uma parte inacabada.

Como parâmetro de análise do desempenho das crianças deste estudo, recorreu-se ao trabalho de Angelini, Alves, Custódio, Duarte e Duarte (1999), que contém normas adequadas para a avaliação da faixa etária em foco e recebeu parecer favorável para uso no Brasil, pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) do Conselho Federal de Psicologia (CFP).

O material do teste é composto por manual, crivo de correção, caderno de aplicação e folhas de resposta. Cabe destacar que foram inclusas na amostra, as crianças que atingiram desempenho compatível com o percentil superior a 25 (nível III-), classificado como nível médio inferior nesta técnica de investigação intelectual.

III.3.5 Psicodiagnóstico de Rorschach

Como material específico para a realização do estudo normativo propriamente dito, foi utilizado o Psicodiagnóstico de Rorschach (Rorschach, 1921), aprovado para uso no Brasil pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP).

O Psicodiagnóstico de Rorschach trata-se de uma técnica projetiva criada por Hermann Rorschach, na Suíça, e amplamente utilizada na investigação da personalidade. Seus princípios analítico-interpretativos foram desenvolvidos em diferentes contextos científicos e temporais, resultando em estratégias avaliativas diferenciadas (Pasian, 1998). O referencial técnico-científico utilizado neste trabalho foi o sistema desenvolvido por Ombredane e Canivet do Rorschach, conhecido como Escola Psicanalítica Francesa, conforme orientações de Rausch de Traubenberg (1998) e Anzieu (1986).

Em linhas gerais, o instrumento em questão caracteriza-se por solicitar dos respondentes interpretações a dez pranchas com manchas de tinta, sendo que, a partir das respostas obtidas, pode-se obter um quadro amplo da dinâmica psicológica dos indivíduos. O material para sua aplicação e avaliação é composto por um conjunto padronizado de dez pranchas com manchas de tinta, folhas para registro dos dados, folha padronizada de localização das respostas, folha para codificação das respostas e cronômetro para registro do ritmo do trabalho associativo e interpretativo do participante. A aplicação é individual e os cartões são apresentados um a um.

Neste trabalho, foram adotados os critérios de codificação das respostas segundo a Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach³, conforme orientações presentes em Jacquemin (1976), Pasian (1998), Rausch de Trautenberg (1998) e Azoulay et al. (2007). Esta opção teórico-técnica teve como propósito favorecer a comparação de resultados entre estudos normativos desenvolvidos na região de Ribeirão Preto (SP).

Apresentando mais detalhadamente o processo de codificação das respostas pela Escola Psicanalítica Francesa, pode-se apontar que esta prevê cinco possibilidades concernentes às localizações das respostas. São elas: G (área global), D (grande detalhe), Dd (pequeno detalhe), Dbl (detalhe branco) e Do (detalhe oligofrênico/inibitório). Para a caracterização dessas variáveis, cabe destacar aqui os critérios estatísticos adotados:

- D = área da prancha interpretada com frequência maior ou igual a 4% do total de respostas ao cartão.

- Dd = área da prancha que recebeu menos de 4% do total de respostas emitidas ao cartão.

Para a classe dos determinantes, segundo Rausch de Trautenberg (1998), Anzieu (1986) e Jacquemin (1976), há as seguintes possibilidades de categorização das respostas:

a) FORMA: resposta determinada exclusivamente pelo contorno/configuração da mancha. Pode ser subdividida, em função de sua qualidade formal, em:

F+: forma associada à precisão perceptual. Corresponde à resposta que, determinada pela forma, obteve frequência igual ou superior a 2% do total de sujeitos avaliados. Pode corresponder, ainda, àquela resposta que, na avaliação independente de três examinadores, alcançou classificação de boa forma.

³ Ao final do trabalho, foi disposto um Glossário (APÊNDICE D), com a apresentação e caracterização das principais variáveis consideradas por este referencial.

F-: forma inadequada à configuração do estímulo. Corresponde à resposta que, determinada pela forma, obteve frequência inferior a 2% do total de sujeitos avaliados. Pode corresponder, ainda, àquela resposta que, na avaliação independente de três examinadores, alcançou classificação de má forma.

b) MOVIMENTO: respostas determinadas prioritariamente pela cinestesia, podendo ser classificadas em:

K: movimento humano

kp: movimento de parte humana

kan: movimento animal

kob: movimento de objeto

c) COR: respostas determinadas prioritariamente pela cor do cartão, podendo ser classificadas em:

FC: cor com boa qualidade formal

CF: cor com má qualidade formal

C: cor pura

Caso o elemento determinante da resposta tenha sido a cor branca, cinza ou preta, o símbolo C deve ser substituído por C', com as mesmas possibilidades de combinação existentes com o código C.

d) SOMBREADO: respostas determinadas prioritariamente pelo manchado e sombreado do cartão, podendo ser classificadas em:

FE: sombreado com boa qualidade formal.

EF: sombreado com má qualidade formal.

E: sombreado puro.

Ainda dentro da classe dos determinantes ligados ao sombreado, há a possibilidade de classificação com o código Clob e suas combinações, de acordo com a qualidade formal da resposta (FClob, ClobF e Clob). Esta categorização é aplicada no caso da resposta estar determinada por uma área escura da prancha e associada a conteúdo claramente disfórico, caracterizando reação carregada de aspectos afetivos negativos.

Na seqüência da classificação das respostas, dá-se a categorização de seus conteúdos. Segundo Rausch de Trautenberg (1998), Anzieu (1986) e Jacquemin (1976), existem as seguintes possibilidades de categorização dos conteúdos das respostas: H, (H), Hd, (Hd) –

relacionadas ao conteúdo humano; A, (A), Ad, (Ad) – relacionadas ao conteúdo animal; Anat (anatômico); Sex (sexual); Sg (sangue); Bot (botânico); Geo (geográfico); Nat (natureza); Pais (paisagem); Obj (objeto); Arq (arquitetura); Art (arte); Simb (símbolo); Abst (abstrato); Elem (elemento) e Frag (fragmento).

Por fim, avalia-se se a resposta atingiu o critério para corresponder a uma resposta banal (Ban), caracterizada como sendo uma resposta bastante frequente no grupo de referência. Neste estudo, adotou-se o critério de que uma resposta seria banal caso aparecesse uma vez a cada seis protocolos (razão crítica = 1/6), ou seja, corresponde-se à resposta com frequência igual ou superior a 16,7% do total de indivíduos avaliados, respeitando-se o padrão técnico adotado em Jacquemin (1976).

É interessante pontuar que cada resposta ao Rorschach deve ser codificada em sua localização, determinante, conteúdo e possível banalidade, cabendo ainda classificações complementares e secundárias, registradas como *tendências* e utilizadas majoritariamente na prática clínica, devido ao seu caráter interpretativo específico. Assim, as codificações referentes aos elementos de tendências presentes nas respostas das crianças, dado os objetivos deste estudo, não foram sistematizadas.

III.3.6 Recursos computacionais

Foram utilizados recursos computacionais para registro, digitalização e análise de dados, tais como *Microsoft Word 2007*, *Microsoft Office Excel 2007*, *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* para Windows (versão 16.0), *PROC NLMIXED* e *PROC LOGISTIC* do software SAS (versão 9.1) e *Adobe Fireworks CS4*.

III.4. Procedimentos

O estudo foi desenvolvido em diferentes etapas, descritas detalhadamente a seguir. É válido informar que o trabalho de contato com as escolas e os participantes, assim como a avaliação psicológica propriamente dita, foram realizadas integralmente pela própria pesquisadora que, apesar da experiência prévia em psicodiagnóstico, recebeu treinamento específico e sistematizado para o desenvolvimento e concretização deste trabalho.

III.4.1. Considerações éticas

Após a devida análise e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP (ANEXO A), conforme Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (conselho.saude.gov.br/docs/Resoluções/Reso196.doc) e Resolução 16/00 do Conselho Federal de Psicologia (www.pol.org.br/legislacao/doc/resolucao2000_016.doc), o processo de coleta de dados foi iniciado, seguindo-se os devidos cuidados técnicos e éticos para com os participantes, de modo a garantir o sigilo e a liberdade de participação na pesquisa.

Aos interessados e às escolas colaboradoras, ao final do projeto, foram realizadas reuniões informativas sobre os principais resultados do trabalho, a fim de oferecer possível contribuição técnica aos participantes da pesquisa. Além disso, caso identificado, entre os participantes, crianças com dificuldades significativas no desenvolvimento típico para sua idade, foi considerada a possibilidade de encaminhamento a serviços específicos de saúde nos respectivos órgãos de referência de atendimento psicológico da cidade. No entanto, nenhum caso com tais características ocorreu no presente estudo. Os estudantes eliminados pelo critério de desempenho cognitivo ($n= 4$), apesar desse resultado, encontravam-se bem adaptados e sem queixas escolares, não exigindo providências adicionais no momento da avaliação psicológica.

III.4.2. Coleta de dados

III.4.2.1. Seleção dos participantes

A partir dos dados obtidos pelo Departamento de Educação de Pirassununga (SP), foi realizado um levantamento das escolas públicas e particulares de Ensino Fundamental da cidade. Dentre essas, foram identificadas aquelas que atendiam crianças entre nove e 11 anos de idade, buscando-se conciliar as necessidades de representatividade populacional com a viabilidade do estudo.

A definição das escolas possivelmente colaboradoras foi feita optando-se por aquelas que possuíam grande concentração de alunos da faixa etária focalizada e facilidade de acesso, contribuindo, assim, para o bom andamento da coleta de dados. Esta decisão técnica não supre a efetiva representação da diversidade sócio-econômica e cultural dos estudantes desta faixa etária na cidade em questão, porém, tratou-se de um mecanismo essencial para a viabilização

do presente trabalho. Apesar desta delimitação, considera-se que o tamanho da amostra alcançada oferece o devido suporte para se abarcar, em grau suficiente, uma diversidade de estilos individuais, de modo a poder retratar o desempenho típico dos estudantes de nove a 11 anos, no Psicodiagnóstico de Rorschach, da região focalizada.

Após a seleção dos possíveis estabelecimentos de ensino, a pesquisadora levou às mãos das devidas coordenações a Carta de Apresentação do Projeto, explicitando os objetivos da pesquisa, o modo como a coleta de dados deveria ser desenvolvida e a importância de sua colaboração. A partir da anuência da direção das escolas, a pesquisadora visitou as salas de aula dos anos escolares que geralmente concentram estudantes da faixa etária enfocada e apresentou, em linhas gerais e em linguagem adequada, o delineamento da pesquisa, convidando as crianças a participarem. Juntamente com esta apresentação, a pesquisadora forneceu, para cada aluno, um envelope contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, e o Questionário informativo sobre histórico de vida, orientando-os a entregar esses documentos aos seus pais e/ou responsáveis. Foi mencionado, ainda, que, caso os pais e/ou responsáveis autorizassem a participação do estudante, os documentos deveriam ser totalmente preenchidos e devolvidos à pesquisadora. Por outro lado, caso os pais e/ou responsáveis não autorizassem sua participação, o estudante deveria devolver os documentos em branco. Após dois ou três dias do processo de apresentação do trabalho, a pesquisadora retornou às salas de aula contatadas e buscou os envelopes trazidos pelos estudantes.

Ao todo, esse procedimento foi realizado com duas escolas públicas e três particulares, que prontamente autorizaram a inserção da pesquisadora e o desenvolvimento do projeto de pesquisa em suas dependências. A Tabela 3 mostra mais detalhadamente os contatos realizados com os alunos das instituições escolares colaboradoras da pesquisa, ilustrando, quantitativamente, o índice de aceitação deste tipo de estudo nestes contextos.

Tabela 3 – *Caracterização e distribuição (frequência e porcentagem) dos contatos efetuados com possíveis participantes nas escolas colaboradoras públicas e particulares*

Contatos realizados e envio de documentos*	Pública		Particular		Total
	f	%	f	%	f
Número de documentos entregues	215	49,3	221	50,7	436
Número de documentos devolvidos	191	51,8	178	48,2	369
Número de crianças autorizadas	147	59,5	100	40,5	247
Número de crianças não autorizadas	44	36,1	78	63,9	122

*Documentos enviados aos pais e/ou responsáveis: TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e Questionário Informativo.

Como pode ser observado, nas escolas públicas, foi entregue um total de 215 envelopes contendo os TCLEs e os questionários informativos. Do montante distribuído, 191 envelopes foram devolvidos e 147 crianças foram autorizadas por seus pais e/ou responsáveis a participar do estudo. Já nas três escolas particulares, foram entregues 221 envelopes. Deste total, 178 foram devolvidos e 100 crianças obtiveram autorização de seus pais e/ou responsáveis. Em síntese, 436 crianças foram convidadas a participar, porém 247 foram realmente autorizadas, valor que caracteriza o universo amostral inicial do presente estudo.

Em posse dos TCLEs e dos questionários preenchidos, a pesquisadora analisou os documentos, a fim de examinar quais participantes autorizados por seus pais e/ou responsáveis poderiam ser aceitos como representantes da população infantil com desenvolvimento típico, a partir dos critérios de inclusão estabelecidos para a pesquisa e detalhadamente descritos abaixo:

(a) Ausência de relato de ocorrência de transtornos de ordem psicológica e/ou psiquiátrica no desenvolvimento pessoal. O critério básico adotado foi de que, no último ano, a criança não estivesse realizando tratamento psiquiátrico, neurológico e/ou psicológico e não estivesse fazendo uso de medicação psicotrópica. Com base no critério acima descrito, realizou-se a seleção prévia dos participantes a partir das informações contidas no questionário informativo respondido pelos pais e/ou responsáveis e, através desta seleção, foram excluídas 26 crianças, sendo 17 provenientes da rede pública de ensino e nove oriundas de escolas particulares.

(b) Ausência de indicadores de limitação intelectual. De acordo com o desempenho das crianças nas Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, foram inclusas na amostra aquelas que atingiram um desempenho compatível com o percentil superior a 25. A partir deste critério, foram excluídas da amostra quatro crianças, sendo três provindas de escolas públicas e uma de escola particular.

Ainda em relação à composição da amostra, cabe destacar que, nas escolas públicas, o número de crianças autorizadas por seus pais e/ou responsáveis e com características compatíveis com os critérios de inclusão delineados, excedeu ao pretendido para a realização deste trabalho. Sendo assim, foi realizado um sorteio que definiu as crianças que efetivamente participariam da avaliação psicológica propriamente dita. A partir deste procedimento, 37 crianças não participaram da avaliação psicológica, mesmo estando disponíveis e autorizadas para este processo.

Já nas escolas particulares, o sorteio de participantes não precisou ser realizado, na medida em que o número de crianças autorizadas e selecionadas não alcançou o esperado para o estudo, mesmo com a colaboração de três instituições. Das 100 crianças provenientes de

escolas particulares e autorizadas a participar do estudo, 10 foram excluídas pelos critérios aqui delineados. Além disso, a avaliação psicológica não pôde ser realizada com três crianças devido a dificuldades no agendamento de horário para a atividade. Diante desta conjuntura e com a perspectiva de viabilização do estudo, a pesquisadora fez contato com algumas famílias de seu contato social amplo, que possuíam membros nesta faixa etária e que eram estudantes de escolas particulares, a fim de completar a amostra desejada. Cabe destacar, todavia, que somente três participantes foram inclusos desse modo.

III.4.2.2. Avaliação Psicológica

Após a referida seleção dos participantes, a pesquisadora agendou, sob anuência da coordenação da escola, um horário em que a criança poderia se ausentar de suas atividades escolares para participar da avaliação psicológica implícita neste projeto. Nesse contato, a pesquisadora fez um breve *rapport* com cada participante e realizou, individualmente, o processo de avaliação psicológica propriamente dito, com a aplicação das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (Angelini, Alves, Custódio, Duarte & Duarte, 1999) e do Psicodiagnóstico de Rorschach, seguindo-se a abordagem da Escola Psicanalítica Francesa.

Versando mais detalhadamente sobre a administração do Psicodiagnóstico de Rorschach, segue abaixo a instrução padrão utilizada, baseada nas orientações de Jacquemin (1976) e Pasion (1998).

“Aqui há um conjunto de cartões, nos quais existem algumas manchas de tinta. Eu gostaria de saber com o que você acha que estas manchas poderiam se parecer. As manchas podem se parecer com várias coisas. Cada pessoa acha que se parece com algo diferente e, assim, não existem respostas certas ou erradas. Você pode dizer tudo o que acha que pode parecer. Enquanto você estiver respondendo, vou anotar suas respostas, para que eu possa me lembrar delas depois. Eu também vou anotar o tempo, mas o tempo da atividade é livre; temos o tempo de que você precisar. Então, eu vou apresentar os cartões, um de cada vez, e você deve me falar tudo aquilo que pode parecer. Quando você achar que não se parece com mais nada, pode me devolver o cartão. Podemos começar?”

Essas instruções foram adaptadas, conforme o nível de compreensão e de motivação de cada participante, incentivando-o a relatar suas percepções. Terminada esta primeira etapa, dava-se início ao processo de inquérito. Neste momento, a pesquisadora mostrava novamente cada um dos cartões à criança, solicitando que esta localizasse exatamente onde havia percebido cada uma de suas respostas. Ademais, questionava-se o porquê lhe pareceu e o que fez com que lhe parecesse determinada resposta, conforme orientações dadas por Rausch de

Trautenberg (1998). Este procedimento seguia-se até que as explicações fornecidas fossem suficientes para a devida compreensão de sua produção. De modo geral, observou-se que as crianças aceitaram a realização da tarefa com entusiasmo, encarando-a como uma atividade divertida e diferente de tudo que já haviam feito até então.

Ao término da aplicação, a pesquisadora encerrava o encontro, agradecendo à criança e questionando se esta gostaria de dizer algo a respeito da atividade. Em seguida, finalizava a tarefa e acompanhava o participante até a sala de aula. Destaca-se que o processo de avaliação psicológica foi realizado majoritariamente na própria escola da criança, em local adequado e respeitando-se seu ritmo, o que resultou em sessões únicas de 60 a 120 minutos de duração. Nos três casos em que os participantes não eram estudantes das escolas particulares contatadas, a avaliação ocorreu na própria residência, em local reservado, com duração similar.

III.4.3. Análise dos resultados

Os resultados obtidos a partir das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven foram examinados, segundo seus referenciais técnicos, recorrendo-se aos padrões analíticos desenvolvidos por Angelini et al. (1999).

Para adequada na análise do Psicodiagnóstico de Rorschach, a codificação de cada um dos 180 protocolos foi realizada por três examinadores independentes, para posterior verificação de sua precisão. Esses avaliadores foram psicólogos – membros do grupo de pesquisa sobre avaliação psicológica, do qual a autora deste trabalho faz parte – que possuíam experiência prévia com a atividade de psicodiagnóstico e com o Rorschach propriamente dito, mas que, ainda sim, receberam treinamento específico para a realização das codificações do material coletado.

Este treinamento consistiu na revisão de alguns conceitos propostos pela Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach e na codificação conjunta de alguns protocolos já existentes, utilizando-se estes materiais como base para discussão de dúvidas no processo de codificação. Foram realizadas diversas reuniões entre esses avaliadores para debater os casos de maior complexidade, solucionando eventuais incertezas, a fim de se alcançar adequada compreensão e domínio técnico dos procedimentos. Nesta etapa de treinamento, participaram seis psicólogos, sendo um deles a própria pesquisadora.

Após a referida etapa de treino, a pesquisadora selecionou aleatoriamente e distribuiu 10 casos comuns a cada um dos seis avaliadores, para que estes os codificassem em atividade

independente. O material de referência utilizado para a classificação das respostas foi o atlas desenvolvido por Jacquemin (1976), referente a um estudo normativo com crianças de três a 10 anos e 11 meses da cidade de Ribeirão Preto (SP), também com referencial da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach.

Em seguida, a partir da avaliação destes 10 casos, o nível de concordância entre os seis examinadores foi calculado, seguindo-se as orientações de Weiner (1991) e considerando-se três possibilidades (acordo total, acordo parcial ou desacordo) para as quatro principais categorias de codificação das respostas (localização, determinante/qualidade formal, conteúdo e banalidade). Foi considerado acordo total, quando a codificação da resposta mostrou-se idêntica entre os seis juízes. O acordo parcial, por sua vez, foi atribuído quando quatro ou cinco dos avaliadores atribuíram as mesmas codificações ao segmento da resposta. Já o desacordo foi caracterizado quando apenas três juízes, ou menos, atribuíram as mesmas classificações para cada componente da resposta ao Rorschach.

Cabe pontuar que tanto o acordo total como o acordo parcial foram computados como acordo entre os avaliadores independentes. Contudo, pareceu sensato ponderar as concordâncias parciais para o cálculo final da porcentagem de acordo. Para tanto, seguiu-se a estratégia descrita a seguir:

$$\begin{array}{ccccccc}
 & & 4/6 & & 5/6 & & 6/6 \\
 & & x & & x & & x \\
 \text{Índice de} & & \text{n}^\circ. \text{ de segmentos de} & & \text{n}^\circ. \text{ de segmentos de} & & \text{n}^\circ. \text{ de segmentos} \\
 \text{acordo entre} & = & \text{respostas que} & + & \text{respostas que} & + & \text{de respostas que} \\
 \text{examinadores} & & \text{obtiveram quatro} & & \text{obtiveram cinco} & & \text{de respostas que} \\
 & & \text{codificações} & & \text{codificações} & & \text{obtiveram a} \\
 & & \text{semelhantes dos} & & \text{semelhantes dos} & & \text{mesma} \\
 & & \text{seis juízes} & & \text{seis juízes} & & \text{codificação dos} \\
 & & & & & & \text{seis juízes}
 \end{array}$$

Os resultados encontrados a partir desses cálculos apontaram elevados índices de concordância entre avaliadores independentes nas quatro principais categorias de classificação das respostas da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach, atingindo os seguintes valores de acordo: (a) localização = 99%, (b) determinante = 92%, (c) conteúdo = 98% e (d) banalidade = 91%. Estas evidências permitiram concluir que o treinamento técnico efetuado com os psicólogos colaboradores foi eficiente, favorecendo a continuidade do processo de análise dos resultados, focalizando os demais casos da amostra do presente estudo.

Assim, cada um dos 180 protocolos do Psicodiagnóstico do Rorschach foi distribuído e avaliado por três examinadores, de modo independente. Mais especificamente, os casos foram atribuídos da maneira ilustrada na Tabela 4.

Tabela 4 – *Panorama da distribuição e avaliação dos protocolos do Psicodiagnóstico do Rorschach*

Avaliação	1ª avaliação	2ª avaliação	3ª avaliação
Juiz independente	Autora do presente trabalho	Pesquisadora responsável por estudo similar	Quatro membros do grupo de pesquisa em avaliação psicológica
Casos examinados	180	180	45 cada

Como pode ser observado, a própria autora deste trabalho, exercendo a função de primeiro juiz independente, avaliou o total de 180 protocolos. O segundo juiz foi representado pela pesquisadora de um estudo similar a este e também responsável pela codificação de 180 casos. Já a terceira classificação de cada protocolo foi realizada por um dos quatro demais psicólogos da equipe, de modo que cada um codificou 45 protocolos, totalizando os 180 casos.

Faz-se necessário ressaltar que, na tentativa de evitar vieses no processo de codificação dos protocolos, no material atribuído a cada um dos seis avaliadores, constava apenas o número de registro do caso e dados sobre idade, sexo e escolaridade dos participantes, encontrando-se isento de qualquer identificação pessoal. Em outras palavras, a classificação das respostas do Rorschach foi realizada por meio de procedimento “às cegas”. Com relação às codificações da própria aplicadora, tentou-se distanciar o período de tempo entre as aplicações e as codificações, de modo a favorecer imparcialidade na classificação dos dados, fortalecendo sua precisão.

Terminadas as codificações dos protocolos, foi calculado o índice final de precisão entre as três avaliações, seguindo-se as orientações já citadas de Weiner (1991). Para tanto, selecionou-se aleatoriamente 36 protocolos, correspondente a 20% do total de casos. Em seguida, replicou-se o procedimento utilizado para o cálculo da concordância inicial, dividindo-se cada resposta em quatro categorias de classificação (localização, determinante/qualidade formal, conteúdo e banalidade) e calculando-se, em cada uma delas, a porcentagem de acordo entre os psicólogos. No entanto, uma vez que, nesta etapa, cada protocolo foi avaliado por três examinadores, as possibilidades foram assim consideradas: (a)

acordo total: codificação idêntica do segmento da resposta pelos três juízes; (b) acordo parcial: duas codificações semelhantes ao segmento da resposta e (c) desacordo: codificação diferenciada ao segmento da resposta pelos três juízes.

Mais uma vez, as concordâncias parciais foram avaliadas como acordo entre os juízes, tomando-se cuidado de ponderá-las para o cálculo final do índice de acordo, a fim de não superestimá-lo. Nessa perspectiva, a estratégia abaixo descrita foi adotada:

$$\text{Índice de acordo entre examinadores} = \frac{2/3 \times \text{n}^\circ. \text{ de segmentos de respostas que obtiveram duas codificações semelhantes dos três juízes}}{3} + \frac{3/3 \times \text{n}^\circ. \text{ de segmentos de respostas que obtiveram a mesma codificação dos três juízes}}{3}$$

A partir desta equação, os valores de acordo atingidos nas quatro principais categorias de classificação das respostas, tendo por base a Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach foram os seguintes: (a) localização = 99%, (b) determinante = 92%, (c) conteúdo = 97% e (d) banalidades = 93%. Avaliando-se mais detalhadamente estes resultados, nota-se que a categoria dos determinantes foi a que obteve menor índice de acordo. Diante deste panorama, cabe lembrar que, no sistema avaliativo adotado, esta categoria está acoplada à qualidade formal das respostas. Ademais, foi constatado que muitas das respostas obtidas no presente estudo não constavam na lista de classificações do material de referência utilizado pelos avaliadores para as codificações (Jacquemin, 1976). Deste modo, a qualidade formal destas interpretações precisou ser avaliada por semelhança a outras respostas e este movimento implicou em maior diversidade avaliativa na codificação desta categoria, emergindo maior variabilidade entre os juízes.

Além disso, cabe pontuar que na Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach codificava-se apenas um determinante para cada resposta, ainda que a mesma contenha elementos complementares nesta categoria. Assim, o que se observou, de fato, foi que parte desta variabilidade na codificação do determinante relacionou-se com a valorização diferente que os juízes fizeram sobre o fator central para a determinação daquela resposta. Notou-se, por uma inspeção qualitativa do material, que, em muitos casos, o que um avaliador considerou determinante de uma resposta foi por outro avaliado como elemento secundário, mas, na realidade, ambos abordavam elementos complementares da mesma resposta. Destaca-se, todavia, que, apesar desta variabilidade, o índice final de concordância entre os avaliadores

independentes para as principais categorias de classificação das respostas apresentou valor superior aos 80% recomendados por Weiner (1991), o que pode ser considerado, portanto, como bastante satisfatório, apontando bom índice de precisão no método.

Posteriormente, a partir das três codificações independentes, a pesquisadora elaborou uma folha final de codificação para cada caso do Rorschach, composta a partir do consenso entre os julgamentos feitos pelos juízes. Considerou-se consenso numa codificação o fato de, pelos menos, dois dos avaliadores atribuírem codificação semelhante para o segmento (localização, determinante/qualidade formal, conteúdo e banalidade) de cada uma das respostas do protocolo. Quando isto não ocorreu, a pesquisadora revisou a resposta em questão, discutindo com o grupo de pesquisa e a orientadora, a fim de se estabelecer uma classificação plausível para a resposta, definida empiricamente por esta estratégia de consenso.

Concluída esta etapa, as codificações finais dos protocolos foram inseridas em um banco de dados desenvolvido no *Microsoft Office Excel 2007*. Em seguida, parte desse banco de dados foi transposto para o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para Windows, bem como para o programa estatístico computacional desenvolvido pela assessoria estatística contatada, a partir dos aplicativos *PROC NLMIXED* e *PROC LOGISTIC* do software SAS (versão 9.1), no qual foram realizadas análises descritivas e inferenciais dos resultados. Adotou-se como nível de significância o valor de $p \leq 0,05$, tendo sido efetivadas as seguintes análises:

- (1) Estatísticas descritivas (média, desvio-padrão, valor mínimo, mediana e valor máximo) das principais variáveis da Escola Psicanalítica Francesa do Psicodiagnóstico de Rorschach, considerando-se o conjunto de indivíduos avaliados ($n = 180$).
- (2) Comparação dos resultados médios do conjunto de participantes com os parâmetros normativos de Jacquemin (1976), recorrendo-se ao Teste *t* de *Student* para uma amostra. Destaca-se que a comparação de médias a partir do teste *t* geralmente é realizada com dados que atendem aos critérios de normalidade, no entanto, essa foi a única estratégia técnica encontrada para que tais resultados fossem comparados, uma vez que os dados normativos disponíveis de Jacquemin (1976) foram apresentados unicamente em resultados médios.
- (3) Para se testar eventual efeito do sexo, da idade e da origem escolar no perfil de resultados das crianças no Psicodiagnóstico de Rorschach, foi feita a aplicação do

modelo de regressão linear simples e ajustado às variáveis relacionadas à produtividade e ritmo⁴ e do modelo de distribuição binomial às demais variáveis da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach⁵, considerando o modelo univariado e o modelo ajustado para detectar possíveis confundimentos. Segundo consulta feita à assessoria estatística, o modelo de distribuição binomial é comumente aplicado ao conjunto de dados que se apresentam em forma de proporções. No caso do Rorschach, as variáveis associadas à localização, aos determinantes, aos conteúdos e às banalidades são examinadas em suas proporções relativas frente ao número total de respostas do protocolo (R), sendo assim, a utilização deste modelo de análise estatística mostrou-se adequado.

III.4.3.1. Elaboração do Atlas

Para a elaboração do atlas proposto neste trabalho, o total de respostas dos 180 participantes foi devidamente registrado no *Microsoft Office Excel 2007* e relacionado à sua área específica de interpretação. Assim, elaborou-se um robusto banco de dados que atrela cada resposta a sua respectiva área de localização. Com isso, foi possível sistematizar todas as áreas interpretadas, o número de vezes que cada uma delas foi evocada e sua respectiva resposta, em cada cartão do Psicodiagnóstico de Rorschach.

Tendo em vista o elevado número de recortes feitos pelos participantes, tomou-se a decisão técnica de aglutinar alguns recortes similares, a fim de se obter um conjunto de dados mais integrado. Para tanto, as respostas dadas em recortes evocados diminutas vezes e com características extremamente semelhantes (tanto na pregnância do recorte como em seu conteúdo) a outra área interpretada mais recorrentemente, foram transpostas a esta última. Destaca-se que todo processo de transposição das respostas foi realizado a partir de discussões sobre sua pertinência e relevância, com a participação da autora do presente trabalho, sua orientadora e uma pesquisadora responsável por um estudo similar a este, mas dirigido para outra faixa etária.

Em seguida, passou-se para a definição das áreas que deveriam ser consideradas como D (grande detalhe) ou Dd (pequeno detalhe). Como já comentado, adotou-se como D a área

⁴ Variáveis relacionadas à produtividade e ritmo: R, RA, Recusa, Denegação, Tempo de latência médio e Tempo de reação médio.

⁵ Demais variáveis analisadas: G, D, Dd, Dbl, Do (modos de apreensão); F+, F+/-, F-, K, kan, kp, kob, k, FC, CF, C, FE, EF, E, FClob, ClobF, Clob (determinantes); A, (A), Ad, (Ad), ΣA, H, (H), Hd, (Hd), ΣH, Anat, Sex, Sg, Bot, Geo, Nat, Pais, Obj, Arq, Art, Simb, Abst, Elem, Frag (conteúdos); Ban (banalidades).

interpretada com freqüência maior ou igual a 4% do total de respostas ao cartão e Dd a área que recebeu menos de 4% do total de respostas emitidas ao cartão, seguindo-se os procedimentos da proposta avaliativa elaborada por Jacquemin (1976) e Pasian (1998).

Concluída a etapa acima descrita, foi possível estabelecer quais áreas evocadas poderiam ser consideradas como uma resposta classificada como G amputado⁶. Neste trabalho, foi classificada como G amputado a interpretação dada a uma área global da mancha, mas que excluiu uma área Dd ou a resposta dada em uma área G que, retiradas diminutas frações de seu contorno, manteve sua configuração de interpretação da totalidade da mancha. Esse modo de apreensão (G amputado) foi, para efeito quantitativo, computado na categoria das respostas globais (G). As decisões relativas a este procedimento foram feitas em conjunto com a autora e a orientadora deste estudo, tendo em vista os critérios acima descritos.

Com todas as áreas devidamente caracterizadas como G, D ou Dd, passou-se, então, para a análise da qualidade formal das respostas. Nesta fase, recorreu-se, primeiramente, à análise de freqüência das interpretações. Deste modo, uma resposta foi classificada como tendo boa qualidade formal quando, em determinada área, obteve freqüência maior ou igual a 2% do total de indivíduos avaliados. Assim, a partir deste critério, a resposta com boa qualidade consistiu naquela que foi verbalizada por, pelo menos, quatro crianças, numa área circunscrita do cartão. Posteriormente a esta análise, realizou-se, ainda, a inspeção qualitativa do material, de modo a identificar respostas que possuíam adequada constituição formal, embora sem atingir o critério estatístico de freqüência. Com este objetivo, as respostas que não atingiram a freqüência de 2% dos casos avaliados foram submetidas à apreciação de três juízes no tocante a sua qualidade formal (bem vista, mal vista ou imprecisa). Neste momento, foi também considerada uma resposta com boa qualidade formal aquela que obteve classificação positiva na avaliação independente de, pelo menos, dois examinadores. Em contrapartida, foi considerada uma resposta com má qualidade formal aquela que, na avaliação de dois juízes, não correspondia formalmente à área interpretada, classificada, portanto, como resposta mal vista.

Tendo sido definida a qualidade formal das respostas em suas respectivas áreas, verificou-se, ainda, a freqüência específica de cada resposta em cada área circunscrita dos cartões, para que fosse possível identificar as respostas banalidade (Ban). Respeitando-se o padrão técnico adotado por Jacquemin (1976) e Pasian (1998), adotou-se como resposta banal

⁶ Nomenclatura utilizada na Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach.

aquela que foi referida numa proporção de 1 para 6, ou seja, foram consideradas respostas banais aquelas que foram verbalizadas por, pelo menos, trinta crianças, numa área circunscrita específica do cartão.

Por fim, paralelamente a realização das análises mencionadas, a pesquisadora recorreu à assessoria digital e gráfica, com o intuito de digitalizar os recortes interpretados pelos participantes do estudo, operacionalizando uma estratégia didática para representar e ilustrar o conjunto das produções alcançadas com o total de crianças avaliadas. É válido pontuar que este procedimento de digitalização e registro computacional das áreas interpretadas teve direto e rigoroso acompanhamento e supervisão da pesquisadora, a fim de que os recortes pudessem ser registrados da forma mais fidedigna possível, preservando as produções infantis originais.

IV. RESULTADOS

Tendo em vista a multiplicidade dos dados a serem apresentados, considerou-se pertinente sua exposição em duas etapas. A primeira parte consiste na caracterização do desempenho do grupo de participantes, com a elaboração do perfil global dos resultados nas principais variáveis da Escola Psicanalítica Francesa do Psicodiagnóstico de Rorschach, ao passo que a segunda parte aborda a caracterização e análise comparativa dos resultados em função das variáveis sexo, idade e origem escolar.

Cabe destacar que o procedimento de descrição dos resultados será acompanhado por breves comparações com o estudo normativo desenvolvido por Jacquemin (1976), por se tratar de referência para a avaliação infantil pela Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach. O referido pesquisador avaliou 480 crianças, de ambos os sexos, com idade entre três e 10 anos e 11 meses de idade, estudantes de escolas públicas e particulares da cidade de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo. Na análise de dados, esta amostra foi subdividida em dois grupos, sendo um caracterizado por crianças de três a seis anos (Grupo I) e outro, por crianças de sete a 10 anos e 11 meses de idade (Grupo II). Assim, levando-se em consideração que a amostra do presente trabalho envolve crianças de nove a 11 anos de idade, os resultados aqui encontrados foram comparados àqueles encontrados no Grupo II de Jacquemin (1976).

Torna-se necessário ressaltar, ainda, que, embora a mediana possa se configurar como uma estratégia da estatística descritiva mais adequada para retratar resultados onde exista grande variabilidade de desempenhos – como é o caso no Rorschach e nas técnicas projetivas em geral – optou-se por apresentar os dados em função da média, uma vez que foi esse o tratamento aplicado na sistematização dos resultados elaborados por Jacquemin (1976). Tal forma de apresentação possibilitou análises estatísticas comparativas dos atuais dados com o citado estudo, referencial normativo disponível na Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach no Brasil, até o momento.

IV.1 Perfil global dos resultados no Psicodiagnóstico de Rorschach

A fim de caracterizar o perfil global das crianças avaliadas neste estudo, as principais variáveis do Psicodiagnóstico do Rorschach foram examinadas. Inicialmente, serão apresentados os índices relativos à produtividade e ritmo de trabalho da amostra total ($n = 180$) e sua comparação com os dados obtidos por Jacquemin (1976), conforme mostra a Tabela 5.

Tabela 5 – *Estatística descritiva das variáveis relacionadas à produtividade no Rorschach e comparação de médias com as normas desenvolvidas por Jacquemin (1976)*

Variável Rorschach	Estatística Descritiva					Média normativa	Comparação estatística	
	Média	DP	Mínimo	Mediana	Máximo		<i>t</i>	<i>p</i>
R	16,5	7,5	9,0	14,0	65,0	18,8 ⁷	-4,196	0,000
RA	0,3	0,8	0,0	0,0	6,0	-	-	-
Recusa	0,1	0,5	0,0	0,0	3,0	-	-	-
Denegação	0,0	0,3	0,0	0,0	2,0	-	-	-
TLm	16,8	11,2	2,8	13,9	59,1	10 a 27	-	-
TRm	32,8	12,2	13,9	29,5	76,9	45,3	-13,774	0,000

*R= número total de respostas, RA= número de respostas adicionais, Recusa= número de recusas, Denegação= número de respostas dadas espontaneamente na aplicação e negadas no inquérito, TLm= tempo de latência médio e TRm= tempo de reação médio.

O conjunto das variáveis relacionadas à produtividade no Rorschach apontou indicadores de boa capacidade associativa e interpretativa das crianças de nove a 11 anos de idade, uma vez que estas ofereceram, em média, cerca de 16 interpretações a esta técnica projetiva. As respostas adicionais, recusas e denegações foram praticamente ausentes, sinalizando inexistência de maciça repressão em seu trabalho. Os indicadores relativos ao ritmo apontaram, por sua vez, agilidade nos processos de reação e de elaboração de respostas aos cartões, confirmando a hipótese de boa capacidade geral de produção nas crianças. Estas evidências eram realmente esperadas, visto se tratar de amostra normativa, selecionada por critérios compatíveis com o desenvolvimento típico para esta faixa etária.

Em um segundo momento, focalizou-se a análise da comparação dos atuais resultados com os indicadores de produtividade encontrados no estudo normativo de Jacquemin (1976). Esta comparação pôde ser efetuada para a variável R, mas não para as respostas adicionais, recusas e denegações, uma vez que estas não foram apresentadas em termos médios ou medianos nos referenciais propostos por Jacquemin (1976). Assim, pode-se identificar, conforme assinalado na Tabela 5, número de respostas significativamente inferior nas crianças do presente trabalho, comparativamente ao estudo normativo disponível para comparação. A diferença, no entanto, em termos qualitativos, não alteraria a interpretação apresentada para os resultados destas crianças, visto que estas conseguiram atingir, em média, uma a duas respostas por cartão, o que é um índice sinalizador de boa capacidade produtiva e associativa.

⁷ Grupo II de Jacquemin (1976).

No que diz respeito ao TLm e ao TRm, os participantes deste estudo apresentaram TL médio de 16,8 segundos e TR médio de 32,8 segundos. Em seu trabalho normativo, Jacquemin (1976) não oferece o TL médio das crianças avaliadas, no entanto, assinala que os dados médios oscilaram entre 10 e 27 segundos, dado convergente ao aqui encontrado. Já em relação ao TR médio, pode-se constatar maior rapidez associativa nas crianças atualmente analisadas, uma vez que os dados apresentados por Jacquemin (1976) mostram um TR médio de 45,3 segundos.

Ainda em se tratando dos índices de produtividade no Psicodiagnóstico de Rorschach, sistematizou-se o número de respostas, respostas adicionais, recusas e denegações, para cada prancha, do conjunto de crianças avaliadas. Estes dados estão presentes na Tabela 6, de modo a permitir a visualização das especificidades de reação interpretativa para cada estímulo desta prova projetiva.

Tabela 6 – *Resultados (frequência simples e porcentagem), para cada prancha, das variáveis associadas à produtividade no Rorschach*

Prancha	R		RA		Recusa		Denegação	
	f	%	f	%	f	%	f	%
I	296	10,0	4	6,5	0	0,0	2	25,0
II	270	9,1	11	17,7	4	18,2	0	0,0
III	317	10,7	11	17,7	2	9,1	0	0,0
IV	264	8,9	5	8,1	1	4,5	1	12,5
V	263	8,9	5	8,1	0	0,0	0	0,0
VI	259	8,7	4	6,5	7	31,8	2	25,0
VII	255	8,6	5	8,1	2	9,1	0	0,0
VIII	281	9,5	6	9,7	1	4,5	0	0,0
IX	269	9,1	3	4,8	4	18,2	3	37,5
X	488	16,5	8	12,9	1	4,5	0	0,0
Total	2962	100	62	100	22	100	8	100

Pode-se notar que, somados os protocolos da amostra avaliada, foram obtidas 2962 respostas, 62 respostas adicionais, 22 recusas e oito denegações. A prancha X foi a que provocou o maior número de respostas (16,5%), seguida da prancha III (10,7%) e da prancha I (10%). Na sequência, aparecem as pranchas VIII (9,5%), II (9,1%) e IX (9,1%). Por fim, tem-se a prancha IV e V (ambas apresentando 8,9%), VI (8,7%) e a prancha VII (8,6%), com o menor número de interpretações. É interessante observar a grande diferença entre o número de respostas da prancha mais produtiva (X) e das pranchas menos produtivas (IV, V, VI e

VII), assinalando importante variação no grau de estimulação potencial de cada um dos cartões.

A natureza das manchas dos cartões faz-se também visível sobre a quantidade de respostas adicionais, recusas e denegações, que podem ser compreendidas como sinais de impacto emocional sofrido no contato com o estímulo. Nessa perspectiva, observa-se que as pranchas II e III foram as que apresentaram maior número de respostas adicionais, seguindo-se, em ordem decrescente, as pranchas X e VIII. Estes elementos fazem pensar que a natureza fragmentada ou as cores implicadas na mancha – como o vermelho e preto, no caso das pranchas II e III e o colorido nas pranchas VIII e X – podem estar associadas a reações favorecedoras de maior mobilização emocional, que tendem a ser superadas no segundo contato com os estímulos. Já vislumbrando a prancha como o menor número de respostas adicionais, tem-se a prancha IX. Estes resultados fazem refletir sobre a associação entre as características dos cartões e a capacidade produtiva, sendo esta última influenciada por elementos de ordem estrutural dos estímulos, aspecto a ser considerado na formulação das hipóteses interpretativas das variáveis da técnica projetiva em questão.

Analisando a distribuição das recusas pelas pranchas, pode-se notar o predomínio desta reação diante do cartão VI (31,8%), II e IX (ambos com 18,2%). É interessante destacar que os dados encontrados por Jacquemin (1976) se assemelham a estes, na medida em que mostram que esses três cartões também foram os mais recusados pelas crianças. Contudo, a ordem das pranchas apresentou-se divergente, uma vez que, no trabalho deste autor, a frequência de recusas foi maior em IX e, em seguida, em II e VI.

Na sequência da análise das reações às diferentes pranchas do Psicodiagnóstico de Rorschach, nota-se que a prancha que apresentou maior número de denegações foi a IX. Considerando que este cartão também figura entre os mais recusados, pode-se pensar, a partir de seu valor simbólico privilegiado dentro da Escola Psicanalítica Francesa (Anzieu, 1986; Rausch de Traubenberg, 1998), que as crianças sinalizaram vivência de algum impacto emocional diante da proposta de contato com os elementos mais primitivos e inconscientes de sua personalidade.

Seguindo com a caracterização dos padrões globais de produção, elaborou-se um perfil dos resultados das principais variáveis de codificação das respostas, o que pode ser visto na Tabela 7. Destaca-se que as codificações destas respostas foram pautadas no atlas elaborado por Jacquemin (1976).

Tabela 7 – *Distribuição (frequência simples e porcentagem) do total de respostas (R= 2962), nas diferentes categorias de codificação da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach*

	Categoria	f	%	
Localização	G	1159	39,1	
	D	1020	34,4	
	Dd	761	25,7	
	Dbl	22	0,7	
	Do	0	0,0	
Determinante	F+	1369	46,2	
	F+/-	4	0,1	63,1
	F-	498	16,8	
	K	191	6,4	
	kan	293	9,9	17,7
	kob	23	0,8	
	kp	17	0,6	
	FC	264	8,9	
	CF	124	4,2	13,4
	C	9	0,3	
	FE	117	4,0	
	EF	50	1,7	5,8
	E	3	0,1	
	FClob	0	0,0	
	ClobF	0	0,0	0,0
Clob	0	0,0		
Conteúdo	A	1338	45,2	
	(A)	115	3,9	58,0
	Ad	247	8,3	
	(Ad)	19	0,6	
	H	318	10,7	
	(H)	126	4,3	20,7
	Hd	138	4,7	
	(Hd)	30	1,0	
	Anat	77	2,6	
	Sg	6	0,2	
	Sex	0	0,0	
	Obj	235	7,9	
	Art	12	0,4	
	Arq	34	1,1	
	Simb	23	0,8	
	Abst	9	0,3	
	Bot	103	3,5	
	Geo	37	1,2	
	Nat	6	0,2	
	Pais	37	1,2	
Elem	8	0,3		
Frag	44	1,5		

Em relação à área eleita para interpretação, nota-se maior ocorrência de apreensões globais dos estímulos ($G= 39,1\%$), seguida pelas respostas vinculadas a detalhes ($D= 34,4\%$) e pelas apreensões de pequenos detalhes ($Dd= 25,7\%$). A localização Dbl foi pouco utilizada pelos participantes e a localização Do – de difícil definição operacional – não foi constatada em nenhum caso.

Em relação aos determinantes, pode-se observar que as respostas determinadas unicamente pela forma corresponderam à grande maioria das respostas ($63,1\%$), deixando pouco espaço para os determinantes associados a elementos afetivos e imaginativos, ou seja, para os determinantes ligados a movimento, cor e sombreado. Entre estes, as respostas associadas ao movimento (humano, animal ou de objeto) aparecem com mais destaque ($17,7\%$), logo seguidas das respostas determinadas pela cor ($13,4\%$) – cromática ou acromática – e pelo sombreado ($5,8\%$). Esses dados sugerem que as crianças avaliadas no presente estudo, em sua maioria, detiveram-se aos elementos formais dos estímulos, produzindo respostas com reduzido nível de elaboração.

Ao se examinar a distribuição das respostas unicamente determinadas pela forma, sob a ótica de sua qualidade formal (F+, F- e F+/-), pode-se notar o predomínio de F+ ($46,2\%$), seguido por F- ($16,8\%$) e uma inexpressiva porcentagem de F+/- . Esta distribuição de resultados mostra-se sugestiva de adequado índice de precisão perceptiva no grupo de crianças avaliadas, acompanhando as expectativas esperadas para estas variáveis, tendo em vista a cuidadosa composição da amostra.

Concernente aos determinantes relacionados ao movimento, pode-se observar que as pequenas cinestésias ocorreram em frequência superior às grandes cinestésias ($kan + kob + kp= 11,3\% > K= 6,4\%$). Tal dado pode sinalizar que os recursos internos de dinamismo, associados a este determinante, encontram-se ainda pouco amadurecidos e parcialmente desenvolvidos, limitando possibilidades de abstração e de criatividade nessas crianças, o que, contudo, parece acompanhar o seu nível de desenvolvimento geral.

Em relação aos determinantes associados à cor, nota-se prevalência de FC ($8,9\%$) sobre CF ($4,2\%$) e C ($0,3\%$), sinalizando adequada integração do elemento racional a este determinante relacionado ao afeto. Esta integração também pode ser observada na distribuição das respostas com determinantes ligados ao sombreado, na medida em que FE ($4,0\%$) também se mostrou mais elevado que EF ($1,7\%$) e E ($0,1\%$).

Em se tratando dos conteúdos, as respostas do tipo animal (58%) e humano ($20,7\%$) somaram $78,7\%$ do conjunto da produção ao Psicodiagnóstico de Rorschach, caracterizando a grande maioria das interpretações das crianças avaliadas. Em seguida a eles, houve predominância

da classe dos objetos (7,9%) – incluindo as subcategorias de alimento, máscara e vestimenta, as respostas de conteúdo botânico (3,5%), anatômico (2,6%) e de fragmento (1,5%). Os demais conteúdos ocorreram em frequência próxima ou inferior a 1% do total de respostas, sendo, portanto, pouco expressivos. Os dados encontrados por Jacquemin (1976) também assinalam a ocorrência prioritária dos conteúdos animal e humano nas interpretações de suas crianças, seguida pelas respostas classificadas na categoria de objeto.

Os dados acima descritos referem-se à frequência das principais variáveis do Psicodiagnóstico de Rorschach em relação ao número total de respostas obtidas. No entanto, com o intuito de apresentar também os resultados de algumas variáveis da amostra avaliada e compará-los com os resultados obtidos por Jacquemin (1976), elaborou-se a Tabela 8. Cumpre destacar que foram listadas aqui apenas as variáveis que possibilitaram a comparação estatística com os dados do estudo do referido pesquisador, utilizando-se como parâmetro os resultados brutos expressos em termos médios.

Tabela 8 – *Resultados médios do conjunto de crianças avaliadas nas principais variáveis do Rorschach e sua comparação estatística com as médias de Jacquemin (1976)*

Variável	Presente estudo	Jacquemin (1976)	<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>f</i>	<i>f</i>		
R	16,5	18,8	-4,196	0,000
G	6,4	7,3	-4,012	0,000
D	5,7	8,6	-10,228	0,000
Dd	4,2	2,6	4,161	0,000
DbI	0,1	0,3	-6,106	0,000
F	10,4	13,2	-6,457	0,000
A	9,6	10,5	-2,734	0,007
H	3,4	3,0	0,045	0,045

Observando a distribuição das variáveis acima apresentadas, pode-se notar diferenças consideráveis entre os resultados do presente trabalho e do estudo de Jacquemin (1976). As variáveis relacionadas à localização (G, D, Dd e DbI) mostraram-se diferenças estatisticamente significativas nos dois trabalhos comparados. Ao analisarmos mais detalhadamente esses resultados, os dados da presente investigação apontaram para menor frequência de interpretações em áreas globais (G) e em detalhes significativos (D) dos cartões, acompanhados por maior número de apreensões dos pequenos detalhes (Dd) e mínima atenção aos detalhes brancos (DbI). Esses elementos caracterizariam um estilo perceptivo

marcado principalmente pela busca de apreensão das minúcias, dinâmica esta que tenderia a diminuir a atenção dirigida aos elementos centrais e significativos da realidade.

Assim interpretado, este tipo de apreensão do Rorschach poderia caracterizar limites no processo adaptativo individual, na medida em que dificultaria a captação de aspectos relevantes do ambiente, não presentes em seus elementos centrais e gerais. É nesse ponto, todavia, que se torna evidente a importância de um referencial normativo atualizado. Ao se considerar os referenciais propostos por Jacquemin (1976), o tipo de apreensão encontrado no presente trabalho favoreceria interpretações de dificuldades adaptativas, o que, no entanto, não deve ser assim considerado, uma vez que corresponde ao padrão perceptivo de 180 crianças com indicadores de desenvolvimento típico. Nesse contexto, os desvios dos dados atuais em relação ao esperado devem ser interpretados como indicadores da relatividade das normas avaliativas do Rorschach, assim como de qualquer técnica de avaliação psicológica. As diferenças sócio-culturais existentes entre os grupos de referência, bem como a evolução temporal do comportamento humano acabam por impor a necessidade de revisões sistemáticas dos parâmetros adotados como normativos nos processos de avaliação psicológica, razão maior desta investigação científica.

Analisando o número médio de respostas unicamente formais (F), também se pode notar diferença estatisticamente significativa entre os dados dos estudos aqui comparados. Em relação aos referenciais de Jacquemin (1976), o presente trabalho identificou menor número de respostas unicamente determinadas pela forma, fazendo supor a possibilidade de maior projeção de elementos afetivos e imaginativos nas crianças aqui avaliadas, comparativamente àquelas examinadas na década de 70. Ressalva-se que a comparação dos demais determinantes das respostas não pôde ser efetuada, devido a estes dados não terem sido sistematicamente apresentados no trabalho de Jacquemin (1976) e à inacessibilidade ao seu banco de dados original. Trata-se, portanto, de hipótese especulativa a respeito das atuais evidências encontradas sobre a distribuição do determinante formal das respostas ao Psicodiagnóstico de Rorschach.

A continuidade da comparação estatística das principais variáveis do Rorschach apontou que as respostas de conteúdo animal (A) e humano (H) também apresentaram diferença estatisticamente significativa entre os estudos aqui analisados, sinalizando menor ocorrência do conteúdo animal e maior frequência do conteúdo humano no presente trabalho. Novamente, interpretações precisas sobre o significado destas evidências empíricas tornam-se difíceis de serem elaboradas, mas há que se explicar o sentido de menor número de respostas de conteúdo animal das crianças presentemente avaliadas como uma possibilidade de responderem ao

Rorschach de modo mais diversificado que as crianças avaliadas por Jacquemin (1976), sinalizando eventual efeito das mudanças no contexto sócio-cultural por elas vivenciado.

Apresentadas as diferenças e semelhanças entre os dados encontrados no presente estudo e os referenciais de Jacquemin (1976) quanto a algumas variáveis relacionadas às localizações, determinantes e conteúdos, torna-se importante focalizar como ficam estabelecidas as proporções entre as variáveis do Psicodiagnóstico do Rorschach associadas à sensibilidade e ao controle afetivo. Para melhor vislumbrar esta análise, os dados relativos aos tipos de vivência afetiva das crianças, a partir do Tipo de Ressonância Íntimo e da Fórmula das Tendências Latentes foram sistematizados e dispostos na Tabela 9, a seguir apresentada.

Tabela 9 – *Distribuição (frequência simples e porcentagem) das crianças (n= 180) em função do Tipo de Ressonância Íntima (TRI) e da Fórmula das Tendências Latentes (TL)*

Tipo de Vivência Afetiva		TRI			TL		
		f		%	f		%
Introversivo	Puro	9	35	19,4	37	82	45,5
	Dilatado	26			45		
Extratensivo	Puro	25	51	28,3	3	5	2,8
	Dilatado	26			2		
Coartativo		66	91	50,6	60	90	50,0
Coartado		25			30		
Ambigüal		3	3	1,7	3	3	1,7
Total		180		100	180		100

Esses resultados apontam para participantes com TRI predominantemente coartativo-coartado (50,6%), sinalizando que grande parte das crianças reagiu ao Psicodiagnóstico de Rorschach – e tendem a reagir aos estímulos da realidade, por inferência teórica – de modo inibitório, sugerindo certa restrição da manifestação afetiva. Tal dado também pode ser compreendido como evidência de que as crianças tendem a vivenciar os afetos no cotidiano de forma repressiva, associada a estratégias internas de coerção dos impulsos. Essas características são teoricamente esperadas para a faixa etária em estudo, tendo em vista suas necessidades de desenvolvimento e de elaboração psíquica.

Continuando a análise do TRI, pode-se notar que o tipo extratensivo apareceu em segundo lugar, com porcentagem de 28,3%, repartindo-se quase igualmente entre os subtipos puro e dilatado. Nota-se, contudo, que a proporção do tipo extratensivo no TRI é praticamente a metade do tipo coartativo-coartado, caracterizando o funcionamento afetivo da maioria da

amostra como marcado pelo esforço de repressão emocional. Em seguida, o tipo introversivo aparece com 19,4%, sendo o tipo dilatado o mais presente. Por fim, aparece o tipo ambigüal (1,7%), de modo bastante reduzido.

Esses resultados apresentam-se semelhantes aos encontrados por Jacquemin (1976), que apresentou o mesmo tipo de ressonância íntima (coartativo-coartado) como predominante nas crianças por ele avaliadas, com porcentagem de 37,1%. Destaca-se, todavia, que apesar dos dois estudos assinalarem este estilo de vivência afetiva como predominante, a proporção aqui encontrada é claramente maior do que a de Jacquemin (1976). Desse modo, novamente será preciso refletir, com a devida parcimônia, sobre as implicações dos atuais resultados como representantes de modificações possíveis na dinâmica de vida das crianças associadas a mudanças ambientais decorridas, nestas três últimas décadas, em seu ambiente sócio-cultural.

Avaliando agora os índices relativos à segunda fórmula das vivências afetivas do Psicodiagnóstico de Rorschach (TL), nota-se que a maioria das crianças aqui avaliadas foi classificada também no tipo coartativo-coartado (50%), assim como Jacquemin (1976), que observou frequência deste tipo de TL em 49,1% de sua amostra. Secundariamente, têm-se as tendências introversivas (45,5%) e, com índices bem diminutos, as tendências extratensivas (2,8%) e ambigüais (1,7%). Estes resultados, portanto, reforçam a hipótese de vivências inibitórias da afetividade nas crianças de nove a 11 anos de idade, como anteriormente se pontuou, aspecto a ser devidamente ponderado frente à literatura científica da área.

Na tentativa de retratar, ainda, os aspectos da afetividade das crianças a partir do Psicodiagnóstico de Rorschach, tomou-se para análise algumas variáveis teoricamente relacionadas, na Escola Psicanalítica Francesa, ao controle dos impulsos. Estes resultados encontram-se na Tabela 10. Para a construção desta tabela, tomou-se como parâmetro a somatória de ocorrência e as proporções médias das variáveis, no total de respostas obtidas com a amostra avaliada, ou seja, dentro de um conjunto de 2962 respostas produzidas pelas 180 crianças.

Tabela 10 – *Distribuição (somatória e dados médios) do total de respostas produzidas em relação a variáveis do Rorschach associadas ao controle afetivo*

Variáveis do Rorschach	Frequência total (somatória)	Proporção média
G : K	1159 : 191	6,1 : 1,0
K : Σk	191 : 333	1,0 : 1,7
FC : CF + C	264 : 133	2,0 : 1,0
FE : EF + E	117 : 53	2,2 : 1,0

A análise cuidadosa destas evidências empíricas apontou maior frequência da localização G em relação ao determinante de movimento humano (K). Este resultado pode ser compreendido como sinal de ampla captação dos estímulos e do ambiente em detrimento de sua interpretação mais reflexiva e elaborada, indicando uma abordagem mais superficial da realidade. Este resultado, novamente, parece compreensível em função da faixa etária focalizada, podendo apenas ser retrato do nível de desenvolvimento geral das crianças nesta fase da vida.

A proporção $K : \Sigma k$, por sua vez, evidenciou bom potencial de dinamismo interno, mas que não está sendo plenamente desenvolvido, sinalizando imaturidade emocional, mais uma vez compreensível na faixa etária aqui examinada. Já ao se analisar as proporções $FC : CF + C$ e de $FE : EF + E$, com maiores valores em seu lado esquerdo, pode-se hipotetizar que as crianças avaliadas no presente estudo apresentaram indícios de boa capacidade de controle racional sobre suas emoções e eficiência também no controle racional da ansiedade. Estes resultados podem ser compreendidos novamente como compatíveis ao teoricamente esperado para um grupo normativo, selecionado a partir de critérios de desenvolvimento típico, como no caso do presente estudo.

Até o momento, os resultados relativos ao padrão geral do conjunto das crianças avaliadas pelo Rorschach foram retratados, inclusive comparando-os com as normas disponíveis atualmente (Jacquemin, 1976). A seguir, prosseguir-se-á com a abordagem da análise do possível efeito das variáveis sexo, idade e origem escolar na distribuição destes resultados.

IV.2 Análise dos resultados no Rorschach em função do sexo

O objetivo de elaboração de referenciais normativos para análise das produções de crianças de nove a 11 anos, no Psicodiagnóstico de Rorschach, exigiu a verificação de possíveis semelhanças ou especificidades de desempenho em função do sexo. Ao existir diferenças estatisticamente significativas entre estes subgrupos de crianças – equitativamente dividido entre 90 meninos e 90 meninas – seria necessário também elaborar normas específicas para o seu perfil de resultados nesta técnica projetiva, razão para seu exame minucioso neste momento do trabalho.

A fim de se efetivar a análise comparativa entre os resultados das crianças no Psicodiagnóstico de Rorschach, foi utilizado, como já mencionado, o modelo de regressão linear simples e múltiplo, para as variáveis mais diretamente relacionadas à produtividade e

ritmo, e o modelo univariado e ajustado da distribuição binomial, para as demais variáveis. As Tabela 11 e 12 exprimem os dados derivados desta comparação estatística em função do sexo, nas principais variáveis de classificação das respostas da Escola Psicanalítica Francesa.

Tabela 11 – *Resultados da análise estatística das variáveis relacionadas à produtividade e ritmo no Rorschach, em função do sexo*

Variável	Sexo	Média	DP	p-valor	p-valor ajustado
R	F	16,4	7,4	0,874	0,874
	M	16,5	7,7		
RA	F	0,4	0,9	0,849	0,849
	M	0,3	0,6		
Recusa	F	0,1	0,4	0,745	0,746
	M	0,1	0,5		
Denegação	F	0,0	0,2	0,560	0,562
	M	0,1	0,3		
TLm	F	18,4	12,0	0,048	0,049
	M	15,2	10,1		
TRm	F	33,8	11,9	0,281	0,281
	M	31,8	12,4		

Dentre as variáveis relacionadas à produtividade e ritmo, pode-se constatar diferença estatisticamente significativa em apenas uma, mais precisamente no tempo de latência médio (TLm), apontando que o grupo feminino apresentou maior tempo para reagir aos cartões do que o masculino. Em seu estudo normativo, Jacquemin (1976) também observou diferença entre os sexos no que diz respeito ao TLm, hipotetizando que as meninas demonstrariam maior dificuldade na formulação das primeiras respostas aos cartões. No entanto, pode-se observar, pelos dados apresentados, que o ritmo associativo das meninas é que parece diferenciado dos meninos, não se tratando, de fato, de dificuldades associativas, na medida em que não houve diferenças nos índices de produtividade entre os sexos. As meninas evidenciaram desempenho compatível com maior tempo no processamento interno para elaborar suas interpretações aos estímulos, sugerindo talvez maior cautela ou mesmo nível diferenciado de elaboração destas respostas, como será visto a seguir, na Tabela 12.

Tabela 12 – Resultados da análise estatística das principais variáveis do Psicodiagnóstico de Rorschach, em função do sexo

Variável	Sexo	Proporção ⁸	%	p-valor	p-valor ajustado
G	F	558/1473	37,9	0,167	0,164
	M	601/1489	40,4		
D	F	517/1473	35,1	0,451	0,455
	M	503/1489	33,8		
Dd	F	386/1473	26,2	0,525	0,505
	M	375/1489	25,2		
Dbl	F	12/1473	0,8	0,651	0,712
	M	10/1489	0,7		
Do	F	0/1473	0,0	-	-
	M	0/1489	0,0		
F+	F	684/1473	46,4	0,814	0,794
	M	685/1489	46,0		
F+/-	F	3/1473	0,2	0,336	0,313
	M	1/1489	0,1		
F-	F	209/1473	14,2	<0,001	<0,001
	M	289/1489	19,4		
F	F	896/1473	60,8	0,009	0,011
	M	975/1489	65,5		
K	F	124/1473	8,4	<0,001	<0,001
	M	67/1489	4,5		
kan	F	159/1473	10,8	0,102	0,091
	M	134/1489	9,0		
kob	F	10/1473	0,7	0,548	0,489
	M	13/1489	0,9		
kp	F	8/1473	0,5	0,825	0,778
	M	9/1489	0,6		
k	F	177/1473	12,0	0,185	0,182
	M	156/1489	10,5		
FC	F	123/1473	8,4	0,285	0,248
	M	141/1489	9,5		
CF	F	65/1473	4,4	0,541	0,539
	M	59/1489	4,0		
C	F	4/1473	0,3	0,751	0,795
	M	5/1489	0,3		
FE	F	58/1473	3,9	0,972	0,893
	M	59/1489	4,0		
EF	F	23/1473	1,6	0,595	0,576
	M	27/1489	1,8		

(continua)

⁸ Este dado diz respeito à proporção de respostas dadas em determinada variável sobre o número total de respostas produzidas, em cada subgrupo.

(continuação)

Variável	Sexo	Proporção	%	<i>p</i> -valor	<i>p</i> -valor ajustado
E	F	3/1473	0,2	0,953	0,947
	M	0/1489	0,0		
FClob	F	0/1473	0,0	-	-
	M	0/1489	0,0		
ClobF	F	0/1473	0,0	-	-
	M	0/1489	0,0		
Clob	F	0/1473	0,0	-	-
	M	0/1489	0,0		
A	F	667/1473	45,3	0,905	0,801
	M	671/1489	45,1		
(A)	F	54/1473	3,7	0,544	0,494
	M	61/1489	4,1		
Ad	F	105/1473	7,1	0,018	0,017
	M	142/1489	9,5		
(Ad)	F	8/1473	0,5	0,507	0,480
	M	11/1489	0,7		
ΣA	F	834/1473	56,6	0,120	0,144
	M	885/1489	59,4		
H	F	204/1473	13,9	<0,001	<0,001
	M	114/1489	7,7		
(H)	F	69/1473	4,7	0,249	0,244
	M	57/1489	3,8		
Hd	F	63/1473	4,3	0,327	0,289
	M	75/1489	5,0		
(Hd)	F	12/1473	0,8	0,287	0,254
	M	18/1489	1,2		
ΣH	F	348/1473	23,6	<0,001	<0,001
	M	264/1489	17,7		
Anat	F	31/1473	2,1	0,094	0,082
	M	46/1489	3,1		
Sg	F	3/1473	0,2	0,989	0,944
	M	3/1489	0,2		
Sex	F	0/1473	0,0	-	-
	M	0/1489	0,0		
Obj	F	101/1473	6,9	0,032	0,022
	M	134/1489	9,0		
Art	F	9/1473	0,6	0,095	0,085
	M	3/1489	0,2		
Arq	F	19/1473	1,3	0,472	0,433
	M	15/1489	1,0		
Simb	F	11/1473	0,8	0,855	0,835
	M	12/1489	0,8		

(conclusão)

Variável	Sexo	Proporção	%	p-valor	p-valor ajustado
Abst	F	6/1473	0,4	0,319	0,303
	M	3/1489	0,2		
Bot	F	44/1473	3,0	0,149	0,147
	M	59/1489	4,0		
Geo	F	20/1473	1,4	0,597	0,665
	M	17/1489	1,1		
Nat	F	3/1473	0,2	0,989	0,918
	M	3/1489	0,2		
Pais	F	18/1473	1,2	0,895	0,895
	M	19/1489	1,3		
Elem	F	3/1473	0,2	0,493	0,503
	M	5/1489	0,3		
Frag	F	23/1473	1,6	0,734	0,739
	M	21/1489	1,4		
Ban	F	323/1473	21,9	0,035	0,040
	M	280/1489	18,8		

Em relação às demais variáveis do Psicodiagnóstico do Rorschach, pode-se observar a presença de diferenças estatisticamente significativas em mais sete itens, a saber: qualidade formal negativa (F-), movimento humano (K), conteúdo animal parcial (Ad), conteúdo humano (H), somatória de conteúdo humano (ΣH), conteúdo objeto (Obj) e respostas banais (Ban). Pode-se apontar, portanto, que o perfil do grupo feminino e masculino foi similar, caracterizando apenas peculiaridades produtivas em algumas funções psíquicas examinadas pelo Psicodiagnóstico do Rorschach, que passarão a ser abordadas.

Na classe dos determinantes, o grupo masculino apresentou maior frequência de F- em comparação ao grupo feminino, sinalizando menor precisão perceptiva e menor atenção aos elementos de convenção social. As meninas, por sua vez, apresentaram índices mais elevados de K, o que pode sugerir expressão de indicadores representativos de maior riqueza afetiva e imaginação criadora, compatíveis com maior elaboração interna no processamento das respostas, o que, provavelmente, coaduna-se com seu maior tempo de trabalho para reagir aos estímulos e produzir suas respostas, como anteriormente apontado.

Já na classe dos conteúdos das respostas ao Rorschach, foram detectadas diferenças estatisticamente significativas em quatro variáveis, sendo elas Ad, H, ΣH e Obj. O conteúdo Ad apresentou frequência superior no grupo masculino, contudo, quando esta variável foi tratada em sua categoria geral de classificação [categoria animal – A, (A), Ad, (Ad)], tal

diferença de resultados entre os sexos desapareceu. Assim, pode-se inferir que se trata de diferença possivelmente aleatória e não consistente dentro do conjunto de dados examinados, podendo ser desprezada em seu sentido interpretativo.

Continuando a análise das diferenças encontradas, tem-se que as variáveis H e ΣH foram mais referidas pelo grupo feminino. Na verdade, ao se analisar mais atentamente estes índices, pode-se perceber que este resultado é forçosamente atrelado ao aumento das respostas K nas meninas, dado que nele está implícito – por definição técnica – o conteúdo humano.

Ainda quanto aos conteúdos, foi encontrada diferença estatisticamente significativa na categoria objeto (Obj), mais freqüente no grupo masculino, sugerindo, eventualmente, maior interesse por atividades associadas a elementos construídos pelo homem. Apesar desta evidência, a freqüência desta variável não é tão relevante nos protocolos, devendo apenas ser considerada qualitativamente no momento de interpretação do Rorschach infantil.

Por fim, destaca-se a diferença encontrada nas respostas banais (Ban), as quais foram mais comuns no grupo feminino. Este dado pode sinalizar que as meninas, de modo geral, compartilham mais recorrentemente o pensamento coletivo e têm maior participação nas convenções sociais, na interpretação da realidade.

Em suma, como síntese das análises comparativas entre os sexos no perfil no Psicodiagnóstico de Rorschach, pode-se depreender a inexistência de evidências que justifiquem a elaboração de referenciais normativos específicos para meninos e para meninas, possibilitando, assim, a proposição de um referencial normativo geral para ambos os sexos.

IV.3 Análise dos resultados no Rorschach em função da origem escolar

Tendo em vista que a infância é caracterizada por uma elevada recepção de estímulos e por grande plasticidade, a influência do contexto sócio-cultural a que a criança está inserida se faz presente e, nessa conjuntura, a escola ocupa papel de destaque. Assim, diante da realidade brasileira de estruturas e condições ambientais diferenciadas nas escolas públicas e particulares, objetivou-se examinar possível efeito da procedência escolar sobre as variáveis do Psicodiagnóstico de Rorschach.

Neste contexto, foram realizadas comparações estatísticas dos resultados das crianças oriundas de escolas públicas (n= 90) e particulares (n= 90) em 54 variáveis do Psicodiagnóstico do Rorschach, reproduzindo-se a estratégia técnica adotada na análise em função do sexo. Os resultados estão sistematizados na Tabela 13 e 14.

Tabela 13 – *Resultados da análise estatística das variáveis relacionadas à produtividade e ritmo no Rorschach, em função da origem escolar*

Variável	Origem escolar	Média	DP	p-valor	p-valor ajustado
R	Part	15,9	7,5	0,321	0,324
	Publ	17,0	7,5		
RA	Part	0,4	0,8	0,181	0,184
	Publ	0,3	0,8		
Recusa	Part	0,1	0,5	0,515	0,518
	Publ	0,1	0,4		
Denegação	Part	0,0	0,2	0,560	0,562
	Publ	0,1	0,3		
TLm	Part	16,5	9,8	0,730	0,728
	Publ	17,1	12,5		
TRm	Part	33,9	11,2	0,218	0,219
	Publ	31,7	13,0		

A partir da tabela acima, pode-se notar que não foi encontrada diferença estatisticamente significativa no que tange às variáveis associadas à produtividade e ritmo, em função da origem escolar das crianças avaliadas. A seguir, as demais variáveis da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach serão analisadas, como mostra a Tabela 14.

Tabela 14 – Resultados da análise estatística das principais variáveis do Psicodiagnóstico de Rorschach, em função da origem escolar

Variável	Origem Escolar	Proporção	%	p-valor	p-valor ajustado
G	Part	594/1431	41,5	0,010	0,008
	Publ	565/1531	36,9		
D	Part	473/1431	33,1	0,126	0,122
	Publ	547/1531	35,7		
Dd	Part	351/1431	24,5	0,161	0,140
	Publ	410/1531	26,8		
Dbl	Part	13/1431	0,9	0,314	0,335
	Publ	9/1531	0,6		
Do	Part	0/1431	0,0	-	-
	Publ	0/1531	0,0		
F+	Part	648/1431	45,3	0,324	0,336
	Publ	721/1531	47,1		
F+/-	Part	0/1431	0,0	0,947	0,943
	Publ	4/1531	0,3		
F-	Part	239/1431	16,7	0,876	0,959
	Publ	259/1531	16,9		
F	Part	887/1431	62,0	0,197	0,235
	Publ	984/1531	64,3		
K	Part	83/1431	5,8	0,166	0,132
	Publ	108/1531	7,1		
kan	Part	138/1431	9,6	0,662	0,623
	Publ	155/1531	10,1		
kob	Part	14/1431	1,0	0,231	0,232
	Publ	9/1531	0,6		
kp	Part	9/1431	0,6	0,702	0,692
	Publ	8/1531	0,5		
k	Part	161/1431	11,3	0,989	0,975
	Publ	172/1531	11,2		
FC	Part	147/1431	10,3	0,012	0,011
	Publ	117/1531	7,6		
CF	Part	66/1431	4,6	0,264	0,283
	Publ	58/1531	3,8		
C	Part	3/1431	0,2	0,376	0,394
	Publ	6/1531	0,4		
FE	Part	63/1431	4,4	0,223	0,233
	Publ	54/1531	3,5		
EF	Part	19/1431	1,3	0,144	0,140
	Publ	31/1531	2,0		
E	Part	2/1431	0,1	0,534	0,568
	Publ	1/1531	0,1		

(continua)

(continuação)

Variável	Origem Escolar	Proporção	%	p-valor	p-valor ajustado
FClob	Part	0/1431	0,0	-	-
	Publ	0/1531	0,0		
ClobF	Part	0/1431	0,0	-	-
	Publ	0/1531	0,0		
Clob	Part	0/1431	0,0	-	-
	Publ	0/1531	0,0		
A	Part	630/1431	44,0	0,225	0,235
	Publ	708/1531	46,2		
(A)	Part	73/1431	5,1	0,001	0,001
	Publ	42/1531	2,7		
Ad	Part	108/1431	7,6	0,132	0,133
	Publ	139/1531	9,1		
(Ad)	Part	12/1431	0,8	0,201	0,181
	Publ	7/1531	0,5		
ΣA	Part	823/1431	57,5	0,577	0,615
	Publ	896/1531	58,5		
H	Part	129/1431	9,0	0,004	0,002
	Publ	189/1531	12,3		
(H)	Part	60/1431	4,2	0,874	0,836
	Publ	66/1531	4,3		
Hd	Part	65/1431	4,5	0,771	0,780
	Publ	73/1531	4,8		
(Hd)	Part	20/1431	1,4	0,048	0,045
	Publ	10/1531	0,7		
ΣH	Part	274/1431	19,2	0,049	0,036
	Publ	338/1531	22,1		
Anat	Part	44/1431	3,1	0,118	0,102
	Publ	33/1531	2,2		
Sg	Part	2/1431	0,1	0,470	0,467
	Publ	4/1531	0,3		
Sex	Part	0/1431	0,0	-	-
	Publ	0/1531	0,0		
Obj	Part	136/1431	9,5	0,002	0,002
	Publ	99/1531	6,5		
Art	Part	3/1431	0,2	0,121	0,112
	Publ	9/1531	0,6		
Arq	Part	15/1431	1,1	0,623	0,609
	Publ	19/1531	1,2		
Simb	Part	14/1431	1,0	0,231	0,240
	Publ	9/1531	0,6		

(conclusão)

Variável	Origem Escolar	Proporção	%	p-valor	p-valor ajustado
Abst	Part	4/1431	0,3	0,816	0,806
	Publ	5/1531	0,3		
Bot	Part	51/1431	3,6	0,804	0,291
	Publ	52/1531	3,4		
Geo	Part	24/1431	1,7	0,047	0,053
	Publ	13/1531	0,8		
Nat	Part	1/1431	0,1	0,159	0,154
	Publ	5/1531	0,3		
Pais	Part	13/1431	0,9	0,111	0,111
	Publ	24/1531	1,6		
Elem	Part	5/1431	0,4	0,428	0,417
	Publ	3/1531	0,2		
Frag	Part	22/1431	1,5	0,821	0,822
	Publ	22/1531	1,4		
Ban	Part	302/1431	21,1	0,330	0,343
	Publ	301/1531	19,7		

Examinando os dados expostos acima, pode-se observar que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em oito das variáveis comparadas, sendo elas: G, FC, (A), H, (Hd), Σ H, Obj e Geo.

Em relação à localização das respostas, nota-se que as crianças oriundas de escolas particulares apresentaram maior frequência de respostas globais do que as crianças de escolas públicas, sugerindo maior atenção aos aspectos gerais na interpretação da realidade. Na classe dos determinantes, por sua vez, pode-se observar maior incidência de respostas FC também nas crianças provenientes de escolas particulares, sinalizando expressão mais influente da afetividade na determinação das respostas destas crianças e, por conseguinte, na interpretação da realidade como um todo.

Concernente a classe dos conteúdos, pode-se notar que o conteúdo (Hd) apresentou frequência superior no grupo de crianças oriundas de escolas particulares, ao passo que os conteúdos H e Σ H mostraram-se mais elevados no grupo procedente de escolas públicas. Esses resultados indicam que as crianças de escolas particulares tendem a representar o humano de modo mais particularizado, com possível vivência de ansiedade. Já as crianças de escolas públicas tendem a se identificar com o humano em um sentido mais completo e íntegro, sugerindo maior nível de adaptação social e interesse pelo outro.

Outra diferença observada na classe dos conteúdos diz respeito aos conteúdos (A), Obj e Geo, mais aludidos pelas crianças de escolas particulares. Embora mereça atenção, estes

dados, examinados em separado, não possuem expressivo significado interpretativo, de modo a não justificar a divisão de normas avaliativas em função da origem escolar.

Assim, em vista da análise geral dos resultados obtidos, pode-se afirmar que o número e a natureza das diferenças observadas entre as variáveis do Psicodiagnóstico do Rorschach não permite generalizar o efeito da variável origem escolar como pregnante, propiciando, portanto, a integração dos dados de crianças provindas de escolas públicas e particulares.

IV.4 *Análise dos resultados no Rorschach em função da idade*

Completando a investigação sobre a possível influência de determinadas variáveis demográficas no perfil de resultados de crianças no Psicodiagnóstico de Rorschach, foram realizadas análises para verificar se a idade específica das crianças estaria associada a resultados diferenciados nas variáveis da técnica em questão. Para tanto, foram realizadas comparações estatísticas dos resultados em função da idade das crianças, compondo-se três subgrupos, equitativamente divididos, ou seja, com 60 crianças para cada ano de idade aqui estudado. Esta comparação foi realizada para as principais variáveis do Psicodiagnóstico do Rorschach, reproduzindo-se a estratégia técnica adotada nas análises precedentes. Os resultados estão dispostos na Tabela 15 e 16.

Tabela 15 – *Resultados da análise estatística das variáveis relacionadas à produtividade e ritmo no Rorschach, em função da idade*

Variável	Idade	Média	DP	p-valor	p-valor ajustado
R	9	15,68	6,1	0,560	0,561
	10	18,80	10,1		
	11	14,88	4,9		
RA	9	0,38	0,7	0,726	0,726
	10	0,32	0,9		
	11	0,33	0,7		
Recusa	9	0,12	0,5	0,842	0,843
	10	0,12	0,4		
	11	0,13	0,5		
Denegação	9	0,02	0,1	1,000	1,000
	10	0,10	0,4		
	11	0,02	0,1		
TLm	9	17,08	11,6	0,998	0,998
	10	16,23	11,9		
	11	17,08	10,2		
TRm	9	33,67	12,3	0,939	0,939
	10	31,25	13,0		
	11	33,50	11,2		

Examinando os dados apresentados acima, pode-se constatar que nenhuma das variáveis mais claramente associadas à produtividade e ao ritmo no Psicodiagnóstico de Rorschach apresentou diferença estatisticamente significativa em função da idade das crianças avaliadas. A Tabela 16, disposta a seguir, mostra os resultados nas demais variáveis analisadas.

Tabela 16 – Resultados da análise estatística das principais variáveis do Psicodiagnóstico de Rorschach, em função da idade

Variável	Idade	Proporção	%	p-valor	p-valor ajustado
G	9	404/941	42,9	0,003	0,003
	10	401/1128	35,6		
	11	354/893	39,6		
D	9	298/941	31,7	0,051	0,054
	10	391/1128	34,7		
	11	331/893	37,1		
Dd	9	236/941	25,1	0,011	0,010
	10	322/1128	28,6		
	11	203/893	22,7		
Dbl	9	3/941	0,3	0,055	0,058
	10	14/1128	1,2		
	11	5/893	0,6		
Do	9	0/941	0,0	-	-
	10	0/1128	0,0		
	11	0/893	0,0		
F+	9	430/941	45,7	0,060	0,062
	10	498/1128	44,2		
	11	441/893	49,4		
F+/-	9	1/941	0,1	0,888	0,885
	10	2/1128	0,2		
	11	1/893	0,1		
F-	9	176/941	18,7	0,021	0,024
	10	197/1128	17,5		
	11	125/893	14,0		
F	9	607/941	64,5	0,431	0,473
	10	697/1128	61,8		
	11	567/893	63,5		
K	9	56/941	6,0	0,090	0,102
	10	64/1128	5,7		
	11	71/893	8,0		
kan	9	103/941	11,0	0,424	0,397
	10	106/1128	9,4		
	11	84/893	9,4		
kob	9	3/941	0,3	0,125	0,125
	10	13/1128	1,2		
	11	7/893	0,8		
kp	9	2/941	0,2	0,187	0,184
	10	7/1128	0,6		
	11	8/893	0,9		

(continua)

(continuação)

Variável	Idade	Proporção	%	p-valor	p-valor ajustado
k	9	108/941	11,5	0,961	0,950
	10	126/1128	11,2		
	11	99/893	11,1		
FC	9	84/941	8,9	0,924	0,937
	10	103/1128	9,1		
	11	77/893	8,6		
CF	9	47/941	5,0	0,069	0,068
	10	51/1128	4,5		
	11	26/893	2,9		
C	9	4/941	0,4	0,321	0,327
	10	1/1128	0,1		
	11	4/893	0,5		
FE	9	27/941	2,9	0,038	0,039
	10	57/1128	5,1		
	11	33/893	3,7		
EF	9	8/941	0,9	0,032	0,030
	10	27/1128	2,4		
	11	15/893	1,7		
E	9	0/941	0,0	0,930	0,935
	10	2/1128	0,2		
	11	1/893	0,1		
FClob	9	0/941	0,0	-	-
	10	0/1128	0,0		
	11	0/893	0,0		
ClobF	9	0/941	0,0	-	-
	10	0/1128	0,0		
	11	0/893	0,0		
Clob	9	0/941	0,0	-	-
	10	0/1128	0,0		
	11	0/893	0,0		
A	9	464/941	49,3	0,003	0,003
	10	471/1128	41,8		
	11	403/893	45,1		
(A)	9	44/941	4,7	0,311	0,310
	10	39/1128	3,5		
	11	32/893	3,6		
Ad	9	66/941	7,0	<0,001	<0,001
	10	126/1128	11,2		
	11	55/893	6,2		
(Ad)	9	6/941	0,6	0,081	0,077
	10	3/1128	0,3		
	11	10/893	1,1		

(continuação)

Variável	Idade	Proporção	%	<i>p</i> -valor	<i>p</i> -valor ajustado
ΣA	9	580/941	61,6	0,024	0,027
	10	639/1128	56,7		
	11	500/893	56,0		
H	9	87/941	9,3	0,010	0,015
	10	112/1128	9,9		
	11	119/893	13,3		
(H)	9	41/941	4,4	0,836	0,830
	10	50/1128	4,4		
	11	35/893	3,9		
Hd	9	28/941	3,0	0,012	0,011
	10	64/1128	5,7		
	11	46/893	5,2		
(Hd)	9	9/941	1,0	0,831	0,841
	10	13/1128	1,2		
	11	8/893	0,9		
ΣH	9	165/941	17,5	0,009	0,012
	10	239/1128	21,2		
	11	208/893	23,3		
Anat	9	23/941	2,4	0,635	0,611
	10	27/1128	2,4		
	11	27/893	3,0		
Sg	9	3/941	0,3	0,618	0,617
	10	2/1128	0,2		
	11	1/893	0,1		
Sex	9	0/941	0,0	-	-
	10	0/1128	0,0		
	11	0/893	0,0		
Obj	9	67/941	7,1	0,212	0,212
	10	102/1128	9,0		
	11	66/893	7,4		
Art	9	4/941	0,4	0,594	0,606
	10	3/1128	0,3		
	11	5/893	0,6		
Arq	9	15/941	1,6	0,297	0,288
	10	10/1128	0,9		
	11	9/893	1,0		
Simb	9	9/941	1,0	0,118	0,121
	10	12/1128	1,1		
	11	2/893	0,2		
Abst	9	4/941	0,4	0,321	0,318
	10	1/1128	0,1		
	11	4/893	0,5		

<i>(conclusão)</i>					
Variável	Idade	Proporção	%	<i>p</i> -valor	<i>p</i> -valor ajustado
Bot	9	33/941	3,5	0,465	0,989
	10	34/1128	3,0		
	11	36/893	4,0		
Geo	9	9/941	1,0	0,030	0,032
	10	22/1128	2,0		
	11	6/893	0,7		
Nat	9	3/941	0,3	0,975	0,978
	10	3/1128	0,3		
	11	0/893	0,0		
Pais	9	7/941	0,7	0,243	0,241
	10	16/1128	1,4		
	11	14/893	1,6		
Elem	9	5/941	0,5	0,636	0,642
	10	3/1128	0,3		
	11	0/893	0,0		
Frag	9	14/941	1,5	0,812	0,810
	10	15/1128	1,3		
	11	15/893	1,7		
Ban	9	179/941	19,0	0,008	0,008
	10	211/1128	18,7		
	11	213/893	23,9		

Os resultados dispostos na Tabela 16 indicam que, das 54 variáveis analisadas, 13 apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre a faixa etária estudada. Mais especificamente, as diferenças ocorreram diante das seguintes variáveis: G, Dd, F-, FE, EF, A, Ad, ΣA, H, Hd, ΣH, Geo e Ban.

Em relação à localização das respostas, pode-se verificar que as crianças de nove anos apresentaram maior frequência de respostas globais (G) em detrimento das demais faixas etárias, principalmente ao se considerar as crianças de 10 anos. Estas, por sua vez, apresentaram maior ocorrência de respostas pequeno detalhe (Dd), sobretudo em comparação às crianças de 11 anos. Assim, pode-se observar peculiaridades nos modos de apreensão e contato com a realidade nas diferentes idades avaliadas.

Concernente aos determinantes, pode-se observar diferença estatística significativa na variável F- a qual se mostrou mais elevada nas crianças de nove anos, decrescendo conforme o aumento da idade. Este dado sugere, de modo geral, que, com o advento da idade, aumenta-se o índice de precisão e qualidade formal na avaliação da realidade. Ainda na classe dos determinantes, foram encontradas diferenças nas variáveis FE e EF, as quais se mostraram consideravelmente mais elevadas nas crianças de 10 anos, o que pode sinalizar maior vivência

de ansiedade nesta faixa etária, quer seja como expressão de sensibilidade adaptativa à realidade ou como expressão de vivências de insegurança.

Já na classe dos conteúdos, foram observadas diferenças significativas principalmente nos conteúdos associados ao animal e ao humano. Em uma análise mais superficial, nota-se que as diferenças encontradas em A, Ad, H e Hd não seguem um padrão específico, dificultando o exame da direção dos dados. No entanto, ao se realizar uma análise mais minuciosa da categoria animal (ΣA) e humano (ΣH) como um todo, avaliando-se, sobretudo, a somatória destes conteúdos e seu significado dentro da técnica em questão, pode-se perceber distintas tendências. Versando mais detalhadamente a respeito, tem-se que, quanto maior a idade, menor a identificação com a categoria animal e maior a representação do humano. Em outras palavras, com o amadurecimento etário da criança, há uma diminuição da estereotipia do pensamento e um aumento da identificação com o humano.

Ainda em relação aos conteúdos, observou-se diferença estatística significativa quanto ao conteúdo geográfico (Geo), que se mostrou bem mais elevado nas crianças com 10 anos de idade, podendo sugerir, em termos interpretativos simbólicos, certa fuga de contato e dificuldade de interação por parte desta faixa etária. Destaca-se, contudo, que esta variável teve uma frequência diminuta no conjunto dos dados, sendo pouco expressiva nos resultados em si.

Por fim, pode-se notar que as crianças de 11 anos apresentaram um elevado índice de respostas banais (Ban) em comparação às outras idades aqui avaliadas. Esta evidência pode sinalizar esforço de adaptação e de aceitação social nesta idade, marcada por se constituir como início da fase adolescente.

A partir do conjunto dos resultados, pode-se perceber que a variável idade foi aquela que pareceu exercer maior efeito nos resultados das crianças frente ao Rorschach, sugerindo aspectos maturacionais implicados no processo de interpretação desta técnica e fazendo-se necessária a consideração desta evidência empírica para o processo de utilização e análise das produções infantis diante do instrumento em questão. Desse modo, optou-se por apresentar os dados descritivos das principais variáveis da Escola Psicanalítica do Rorschach, separadas pelas idades, tal como mostram as Tabelas 17, 18 e 19.

Tabela 17 – Estatística descritiva dos resultados no Rorschach das crianças de 09 anos (n=60)

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
R	15,7	6,1	14,0	10,0	42,0
RA	0,4	0,7	0,0	0,0	3,0
Recusa	0,1	0,5	0,0	0,0	3,0
Denegação	0,0	0,1	0,0	0,0	1,0
TLm	17,1	11,6	14,1	2,8	53,5
TRm	33,7	12,3	30,2	14,8	76,9
G	6,7	3,0	6,0	1,0	13,0
D	5,0	3,6	4,0	0,0	15,0
Dd	3,9	4,2	3,0	0,0	28,0
Dbl	0,1	0,2	0,0	0,0	1,0
Do	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
F+	7,2	3,2	6,0	3,0	17,0
F+-	0,0	0,1	0,0	0,0	1,0
F-	2,9	2,9	2,0	0,0	12,0
F	10,1	5,1	9,0	3,0	29,0
K	0,9	1,3	1,0	0,0	6,0
kan	1,7	1,8	1,0	0,0	7,0
kob	0,1	0,2	0,0	0,0	1,0
kp	0,0	0,2	0,0	0,0	1,0
k	1,8	1,8	1,5	0,0	7,0
FC	1,4	1,8	1,0	0,0	9,0
CF	0,8	1,1	0,0	0,0	5,0
C	0,1	0,4	0,0	0,0	3,0
FE	0,5	0,8	0,0	0,0	3,0
EF	0,1	0,5	0,0	0,0	3,0
E	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
FClob	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
ClobF	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Clob	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
A	7,7	3,6	7,0	3,0	22,0
(A)	0,7	1,0	0,0	0,0	4,0
Ad	1,1	1,5	1,0	0,0	7,0
(Ad)	0,1	0,4	0,0	0,0	2,0
ΣA	9,7	4,3	9,0	3,0	22,0
H	1,5	1,5	1,0	0,0	6,0
(H)	0,7	0,9	0,0	0,0	4,0
Hd	0,5	0,9	0,0	0,0	4,0
(Hd)	0,2	0,4	0,0	0,0	2,0
ΣH	2,8	2,0	2,0	0,0	8,0
Anat	0,4	0,8	0,0	0,0	4,0
Sg	0,1	0,3	0,0	0,0	2,0
Sex	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Obj	1,1	1,8	1,0	0,0	10,0

(continua)

	<i>(conclusão)</i>				
Art	0,1	0,3	0,0	0,0	2,0
Arq	0,3	0,6	0,0	0,0	3,0
Simb	0,2	0,4	0,0	0,0	1,0
Abst	0,1	0,3	0,0	0,0	1,0
Bot	0,6	0,9	0,0	0,0	3,0
Geo	0,2	0,6	0,0	0,0	4,0
Nat	0,1	0,2	0,0	0,0	1,0
Pais	0,1	0,3	0,0	0,0	1,0
Elem	0,1	0,3	0,0	0,0	1,0
Frag	0,2	0,6	0,0	0,0	3,0
Ban	3,0	1,4	3,0	0,0	6,0

Tabela 18 – Estatística descritiva dos resultados no Rorschach das crianças de 10 anos (n=60)

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
R	18,8	10,1	16,0	9,0	65,0
RA	0,3	0,9	0,0	0,0	6,0
Recusa	0,1	0,4	0,0	0,0	2,0
Denegação	0,1	0,4	0,0	0,0	2,0
TLm	16,2	11,9	12,7	4,1	59,1
TRm	31,3	13,0	27,1	13,9	76,5
G	6,7	2,9	7,0	2,0	14,0
D	6,5	4,4	6,0	1,0	20,0
Dd	5,4	7,4	3,0	0,0	47,0
Dbl	0,2	0,6	0,0	0,0	3,0
Do	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
F+	8,3	4,3	7,0	3,0	27,0
F+-	0,0	0,3	0,0	0,0	2,0
F-	3,3	4,0	2,0	0,0	22,0
F	11,6	7,6	9,0	4,0	48,0
K	1,1	1,2	1,0	0,0	4,0
kan	1,8	1,6	1,0	0,0	7,0
kob	0,2	0,5	0,0	0,0	2,0
kp	0,1	0,4	0,0	0,0	2,0
k	2,1	1,8	2,0	0,0	7,0
FC	1,7	1,7	1,0	0,0	8,0
CF	0,9	1,2	0,5	0,0	5,0
C	0,0	0,1	0,0	0,0	1,0
FE	1,0	1,0	1,0	0,0	4,0
EF	0,5	0,7	0,0	0,0	4,0
E	0,0	0,2	0,0	0,0	1,0
FClob	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
ClobF	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Clob	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
A	7,9	4,0	7,0	1,0	21,0
(A)	0,7	1,0	0,0	0,0	4,0
Ad	2,1	2,7	1,0	0,0	13,0
(Ad)	0,1	0,2	0,0	0,0	1,0
ΣA	10,7	5,5	9,0	1,0	30,0
H	1,9	1,7	2,0	0,0	8,0
(H)	0,8	0,9	1,0	0,0	3,0
Hd	1,1	2,3	0,0	0,0	13,0
(Hd)	0,2	0,5	0,0	0,0	2,0
ΣH	4,0	3,0	3,0	0,0	19,0
Anat	0,5	0,9	0,0	0,0	5,0
Sg	0,0	0,2	0,0	0,0	1,0
Sex	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Obj	1,7	2,2	1,0	0,0	11,0

(continua)

	<i>(conclusão)</i>				
Art	0,1	0,2	0,0	0,0	1,0
Arq	0,2	0,4	0,0	0,0	1,0
Simb	0,2	0,4	0,0	0,0	2,0
Abst	0,0	0,1	0,0	0,0	1,0
Bot	0,6	0,8	0,0	0,0	3,0
Geo	0,4	1,0	0,0	0,0	6,0
Nat	0,1	0,2	0,0	0,0	1,0
Pais	0,3	0,7	0,0	0,0	3,0
Elem	0,1	0,3	0,0	0,0	2,0
Frag	0,3	0,6	0,0	0,0	3,0
Ban	3,5	1,5	3,0	1,0	7,0

Tabela 19 – Estatística descritiva dos resultados no Rorschach das crianças de 11 anos (n=60)

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Mediana	Máximo
R	14,9	4,9	9,0	13,0	34,0
RA	0,3	0,7	0,0	0,0	3,0
Recusa	0,1	0,5	0,0	0,0	3,0
Denegação	0,0	0,1	0,0	0,0	1,0
TLm	17,1	10,2	3,4	15,2	53,0
TRm	33,5	11,2	15,6	30,8	61,9
G	5,9	2,7	2,0	6,0	17,0
D	5,5	3,3	0,0	5,0	15,0
Dd	3,4	2,9	0,0	3,0	17,0
Dbl	0,1	0,3	0,0	0,0	1,0
Do	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
F+	7,4	3,5	2,0	7,0	17,0
F+-	0,0	0,1	0,0	0,0	1,0
F-	2,1	1,7	0,0	2,0	9,0
F	9,5	4,1	3,0	9,0	24,0
K	1,2	1,4	0,0	1,0	6,0
kan	1,4	1,6	0,0	1,0	6,0
kob	0,1	0,3	0,0	0,0	1,0
kp	0,1	0,4	0,0	0,0	2,0
k	1,7	1,8	0,0	1,0	8,0
FC	1,3	1,3	0,0	1,0	7,0
CF	0,4	0,7	0,0	0,0	3,0
C	0,1	0,3	0,0	0,0	2,0
FE	0,6	0,7	0,0	0,0	3,0
EF	0,3	0,5	0,0	0,0	2,0
E	0,0	0,1	0,0	0,0	1,0
FClob	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
ClobF	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Clob	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
A	6,7	3,3	2,0	6,0	18,0
(A)	0,5	0,9	0,0	0,0	5,0
Ad	0,9	1,1	0,0	1,0	5,0
(Ad)	0,2	0,5	0,0	0,0	2,0
ΣA	8,3	3,8	3,0	8,0	21,0
H	2,0	1,9	0,0	1,0	9,0
(H)	0,6	0,9	0,0	0,0	5,0
Hd	0,8	1,2	0,0	0,0	6,0
(Hd)	0,1	0,3	0,0	0,0	1,0
ΣH	3,5	2,8	0,0	3,0	14,0
Anat	0,5	0,8	0,0	0,0	3,0
Sg	0,0	0,1	0,0	0,0	1,0
Sex	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Obj	1,1	1,2	0,0	1,0	6,0

(continua)

	<i>(conclusão)</i>				
Art	0,1	0,4	0,0	0,0	3,0
Arq	0,2	0,4	0,0	0,0	2,0
Simb	0,0	0,2	0,0	0,0	1,0
Abst	0,1	0,3	0,0	0,0	2,0
Bot	0,6	0,9	0,0	0,0	3,0
Geo	0,1	0,3	0,0	0,0	1,0
Nat	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Pais	0,2	0,6	0,0	0,0	2,0
Elem	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Frag	0,3	0,6	0,0	0,0	3,0
Ban	3,6	1,6	0,0	4,0	8,0

IV.5 Síntese das comparações estatísticas dos resultados no Rorschach

Diante do exposto nas análises prévias, considerou-se pertinente, para clareza didática dos resultados, a elaboração de uma apresentação do perfil global das crianças avaliadas, marcando as especificidades de produção advindas do sexo, idade e origem escolar. A sistematização destes resultados foi elaborada em termos de estatísticas descritivas do conjunto de 54 variáveis da Escola Francesa do Psicodiagnóstico do Rorschach, devendo funcionar como parâmetro normativo atual para as crianças de nove a 11 anos de idade, objetivo maior da presente investigação científica. Estes dados encontram-se apresentados na Tabela 20, disposta a seguir.

Tabela 20 – Estatísticas descritivas das variáveis do Rorschach da amostra avaliada (n= 180), com resultados sintéticos da comparação estatística entre subgrupos

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo	Diferenças estatisticamente significativas entre subgrupos ⁹
R	16,5	7,5	14,0	9,0	65,0	
RA	0,3	0,8	0,0	0,0	6,0	
Recusa	0,1	0,5	0,0	0,0	3,0	
Denegação	0,0	0,3	0,0	0,0	2,0	
TLm¹⁰	16,8	11,2	13,9	2,8	59,1	Fem>Masc
TRm	32,8	12,2	29,5	13,9	76,9	
G	6,4	2,9	6,0	1,0	17,0	Part>Publ 9>11>10
D	5,7	3,9	5,0	0,0	20,0	
Dd	4,2	5,3	3,0	0,0	47,0	10>9>11
Dbl	0,1	0,4	0,0	0,0	3,0	
Do	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	
F+	7,6	3,7	7,0	2,0	27,0	
F+-	0,0	0,2	0,0	0,0	2,0	
F-	2,8	3,1	2,0	0,0	22,0	Masc>Fem 9>10>11
F	10,4	5,8	9,0	3,0	48,0	
K	1,1	1,3	1,0	0,0	6,0	Fem>Masc
kan	1,6	1,6	1,0	0,0	7,0	
kob	0,1	0,4	0,0	0,0	2,0	
kp	0,1	0,4	0,0	0,0	2,0	
k	1,9	1,8	1,0	0,0	8,0	
FC	1,5	1,6	1,0	0,0	9,0	Part>Publ
CF	0,7	1,0	0,0	0,0	5,0	
C	0,1	0,3	0,0	0,0	3,0	
FE	0,7	0,9	0,0	0,0	4,0	10>11>9
EF	0,3	0,6	0,0	0,0	4,0	10>11>9
E	0,0	0,1	0,0	0,0	1,0	
FClob	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	
ClobF	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	
Clob	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	

(continua)

⁹ Os subgrupos serão assim identificados: relativos ao sexo (Fem= sexo feminino e Masc= sexo masculino), à idade (9= 9 anos; 10= 10 anos e 11= 11 anos) e à origem escolar (Publ= escola pública e Part= escola particular).

¹⁰ O tempo de latência médio (TLm) e o tempo de reação médio (TRm) estão expressos em segundos.

(conclusão)

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo	Diferenças estatisticamente significativas entre subgrupos
A	7,4	3,7	7,0	1,0	22,0	9>11>10
(A)	0,6	1,0	0,0	0,0	5,0	Part>Publ
Ad	1,4	2,0	1,0	0,0	13,0	10>9>11
(Ad)	0,1	0,4	0,0	0,0	2,0	
ΣA	9,6	4,7	8,5	1,0	30,0	9>10>11
H	1,8	1,7	1,0	0,0	9,0	Fem>Masc Publ>Part 11>10>9
(H)	0,7	0,9	0,0	0,0	5,0	
Hd	0,8	1,6	0,0	0,0	13,0	10>11>9
(Hd)	0,2	0,4	0,0	0,0	2,0	Part>Publ
ΣH	3,4	2,7	3,0	0,0	19,0	Fem>Masc Publ>Part 11>10>9
Anat	0,4	0,8	0,0	0,0	5,0	
Sg	0,0	0,2	0,0	0,0	2,0	
Sex	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	
Obj	1,3	1,8	1,0	0,0	11,0	Masc>Fem Part>Publ
Art	0,1	0,3	0,0	0,0	3,0	
Arq	0,2	0,5	0,0	0,0	3,0	
Simb	0,1	0,4	0,0	0,0	2,0	
Abst	0,1	0,2	0,0	0,0	2,0	
Bot	0,6	0,9	0,0	0,0	3,0	
Geo	0,2	0,7	0,0	0,0	6,0	Part>Publ 10>9>11
Nat	0,0	0,2	0,0	0,0	1,0	
Pais	0,2	0,6	0,0	0,0	3,0	
Elem	0,0	0,2	0,0	0,0	2,0	
Frag	0,2	0,6	0,0	0,0	3,0	
Ban	3,4	1,5	3,0	0,0	8,0	Fem>Masc 11>9>10

Os resultados mostram que das 54 variáveis consideradas, 19 apresentaram diferenças estatisticamente significativas, ou seja, é importante considerar algumas especificidades de respostas das crianças ao querer compará-las com um padrão normativo no Rorschach. Na prática clínica, essas variáveis do Rorschach onde foram diferenças significativas devem ser observadas atentamente pelo avaliador para adequada interpretação de seus resultados.

IV.6 Síntese dos dados esperados no psicograma do Rorschach

Na prática cotidiana de avaliação clínica por meio do Rorschach, recorre-se, necessariamente, à comparação do protocolo produzido por um indivíduo ao perfil de resultados de determinado grupo sócio-cultural de referência. No entanto, apesar dos estudos normativos focalizarem variáveis específicas e as apresentarem descritivamente em termos de sua frequência, as análises interpretativas são comumente pautadas em variáveis derivadas desses dados preliminares e expressas em proporções ou porcentagens. Mais especificamente no caso da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach, os dados são geralmente ponderados a partir do número total de respostas do protocolo. Com base nestas diretrizes, julgou-se adequado apresentar um panorama geral dos resultados da síntese quantitativa do Rorschach. Estes resultados compõem a Tabela 21 e foram elaborados a partir das estatísticas descritivas de expressivas variáveis contidas no psicograma.

Tabela 21 – *Dados descritivos esperados em importantes variáveis do psicograma da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach em crianças de nove a 11 anos de idade*

Variáveis	Média	(%)	D.P.	Mediana	Mínimo	Máximo
R	16,5	-	7,5	14,0	9,0	65,0
G	6,4	39,1	2,9	6,0	1,0	17,0
D	5,7	34,4	3,9	5,0	0,0	20,0
Dd	4,2	25,7	5,3	3,0	0,0	47,0
Db1	0,1	0,7	0,4	0,0	0,0	3,0
F	10,4	63,1	5,8	9,0	3,0	48,0
F+	7,6	73,3	3,7	7,0	2,0	27,0
A	9,6	58,0	4,7	8,5	1,0	30,0
H	3,4	20,7	2,7	3,0	0,0	19,0
Ban	3,4	20,4	1,5	3,0	0,0	8,0

A partir do exposto na referida tabela, pode-se notar o predomínio de G (39,1%) sobre D (34,4%) e Dd (25,7%), elevado índice de respostas unicamente determinadas pela forma (F= 63,1%) e bons índices de qualidade formal (F+= 73,3%). Os conteúdos mais evocados foram os conteúdos animal (58,0%) e humano (20,7%). Destaca-se que estes referenciais devem ser examinados com devida parcimônia e compreensão de seu alcance técnico.

IV.7 Atlas do Psicodiagnóstico de Rorschach

Os recortes interpretativos e as respostas produzidas pelas 180 crianças avaliadas, embora constituam resultado essencial neste trabalho, foram dispostas ao final deste trabalho (APÊNDICE E), dada a sua dimensão. Destaca-se que, ao todo, foram obtidas 2962 respostas, devidamente analisadas por três juízes independentes, de acordo com o procedimento já descrito.

Primeiramente, estão expostas as áreas interpretadas de cada cartão e sua classificação como área D ou Dd. Destaca-se que o número atribuído a cada área D ou Dd acompanhou sua respectiva frequência de interpretações, ou seja, a área nomeada como D1 obteve um número de respostas superior a área D2 e assim sucessivamente. No caso de duas áreas distintas terem apresentado o mesmo número de respostas, a numeração foi dada de modo aleatório.

Acompanhando cada área interpretada, tem-se as respostas nela suscitadas, a frequência específica de cada resposta e sua respectiva qualidade formal, assinalada como + (resposta bem vista), - (resposta mal vista) e +/- (resposta imprecisa).

Ainda concernente ao atlas do Rorschach, cabe destacar que, a partir da adoção do critério previamente apresentado, de proporção 1/6, foram localizadas 11 respostas banais (Ban) do conjunto de respostas dadas pela amostra total (n= 180) do presente trabalho. A listagem destas respostas banais compõem a Tabela 22.

Tabela 22 – *Lista das respostas banais (Ban) ao Rorschach, identificadas a partir do conjunto de respostas dadas (R= 2962) pela amostra total (n= 180)*

Cartão	Localização	Conteúdo	f	%
I	G	Borboleta	34	18,9
I	G	Cabeça de animal	34	18,9
I	G	Morcego	51	28,3
III	Gtec	Figuras humanas (duas) e objeto	35	19,4
III	D3	Figuras humanas (duas)	89	49,4
V	G	Borboleta	52	28,9
V	G	Morcego	56	31,1
VII	G	Figuras humanas (duas)	35	19,4
VII	D1	Figura humana	30	16,7
VIII	G	Animais quadrúpedes (dois) e árvore ou planta ou montanha	32	17,8
VIII	D1	Animal quadrúpede	125	69,4

A partir dos dados acima expostos, nota-se que, embora classificadas com Ban, as respostas apresentam diferentes proporções de ocorrência. Há algumas respostas, por

exemplo, como o *morcego* tanto no cartão I como no V, as *figuras humanas* no cartão III, a *borboleta* no cartão V e o *animal* (quadrúpede) no cartão VIII, que foram bem mais referidas que outras, sugerindo, portanto, que determinadas respostas consideradas banais são, de fato, muito mais populares do que outras.

Por fim, um outro aspecto a ser analisado diz respeito ao fato de que algumas das respostas banais (Ban) não exigiram reagrupamento de respostas semelhantes para atingirem o critério de frequência necessário, tal como é o caso da *borboleta* e do *morcego* nos cartões I e V, das *figuras humanas* no cartão III e das *figuras humanas* no cartão VII. Por outro lado, nas demais banalidades, foi preciso agrupar respostas similares para que aquela classe de percepto atingisse a frequência mínima de classificação como Ban. Nesse contexto, pode-se pensar que há determinados perceptos que são bastante esperados em um protocolo, pois se apresentam quase de forma evidente no cartão, de modo que, do ponto de vista qualitativo, torna-se mais interessante considerar – como elemento a ser interpretado – sua eventual ausência, do que sua presença propriamente dita.

V. DISCUSSÃO

Como ponto inicial e pensando no objetivo especificamente delineado para a presente investigação, voltado à caracterização do padrão de resultados de crianças de nove a 11 anos de idade no Psicodiagnóstico de Rorschach, pode-se apontar a concretização desta meta. Ademais, foi possível comparar os dados aqui encontrados com os referenciais normativos desenvolvidos por Jacquemin (1976), em seu estudo normativo realizado com crianças de três a 10 anos e 11 meses de idade, na cidade de Ribeirão Preto (SP).

A partir desta comparação, pôde-se observar diferenças estatisticamente significativas entre os resultados destes dois grupos, sugerindo a existência de padrões normativos distintos entre as crianças do atual contexto sócio-cultural e aquelas avaliadas no referido estudo. Dentre as variáveis analisadas da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach, as diferenças estatisticamente significativas mostraram-se presentes, de modo geral, nos índices de produtividade, nos modos de apreensão, no número de respostas determinadas unicamente pela forma e no número de respostas de conteúdo animal e humano. Na verdade, foram detectadas diferenças relevantes em todas as variáveis em que foi possível efetivar a comparação de resultados, justificando plenamente a realização deste trabalho. Nesse contexto, as especificidades de produção encontradas nas diversas variáveis da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach serão detalhadamente consideradas e comparadas ao estudo normativo atualmente disponível para crianças (Jacquemin, 1976).

Em relação à produtividade, tem-se no presente estudo um resultado inferior ao encontrado por Jacquemin (1976), uma vez que a média atualmente obtida foi de 16,5 respostas, em comparação a 18,8 do estudo anterior realizado em Ribeirão Preto (SP). Com relação ao tempo médio de resposta (TRm), constatou-se que as crianças da amostra aqui avaliada foram consideravelmente mais rápidas em seus processos associativos do que aquelas analisadas por Jacquemin (1976), tendo em vista a diferença encontrada nos dois grupos, de 32,8 e 45,3 segundos, respectivamente. Estes indicadores técnicos parecem se relacionar de forma inversamente proporcional, na medida em que mais rapidez ao reagir ao Rorschach resultou em um menor número de respostas na amostra recentemente avaliada, enquanto que, no estudo anterior, o tempo médio de resposta gasto pelas crianças foi maior, porém estas produziram mais interpretações. Há de se refletir se isto evidencia algum efeito das experiências cotidianas da amostra atual de crianças, que vivencia um ambiente contemporâneo onde a aceleração das atividades é estimulada e valorizada. Na literatura específica sobre o Rorschach a que se teve acesso, não foram encontrados estudos que enfocassem esta perspectiva analítica, provavelmente porque sua realização demandaria acompanhamentos longitudinais de longa duração, difíceis de serem implementados. No

entanto, considera-se que esta reflexão merece devido destaque, na medida em que pode trazer implicações diretas sobre a prática cotidiana dos cuidados ao desenvolvimento infantil na faixa etária avaliada.

Focalizando-se a análise dos modos de apreensão, foram observadas consideráveis diferenças entre os resultados aqui encontrados e as evidências apresentadas em Jacquemin (1976). A localização Dd foi mais freqüente no presente trabalho, na medida em que sua média foi de 25,7%, em comparação aos 13,7% do já citado estudo. Em contrapartida, houve claro decréscimo de interpretações em áreas D, sendo a média atualmente obtida de 34,4%, em comparação ao 45,8% encontrados por Jacquemin (1976). A localização G, por sua vez, obteve índices semelhantes nos dois estudos, com média atual de 39,1% e anterior de 38,9%. A partir destes dados, poder-se-ia afirmar, portanto, com base nas considerações teóricas dos significados dos tipos de apreensão, que as crianças avaliadas no presente momento diminuíram sua atenção aos aspectos relevantes do seu contexto, realizando prioritariamente análises gerais – e talvez mais superficiais – da realidade e se concentrando em minúcias do ambiente. Esta abordagem interpretativa pode corresponder, eventualmente, a mudanças nos modos de apreensão da realidade pelas crianças do atual ensino fundamental, porém, devem ser claramente ponderadas em seu significado.

Esta ponderação torna-se importante, visto que se faz ainda necessário revisar os dados apresentados, de acordo com a classificação das áreas produzidas pelas crianças aqui avaliadas, de modo a retratar, com a devida fidelidade, seus focos interpretativos das manchas do Rorschach. Pretende-se efetivar este árduo trabalho em momento futuro e oportuno, dado que ultrapassa a viabilidade e os alcances delineados para a presente investigação científica. Contudo, neste momento, cabe ressaltar a relevância dos resultados obtidos, de modo a demonstrar a relatividade dos padrões normativos infantis do Rorschach – e de qualquer referencial normativo – como bem pontuado no trabalho de Pasion (1998). A partir desta perspectiva é que os atuais resultados devem ser considerados, exigindo os devidos cuidados interpretativos por parte dos profissionais que utilizam esta reconhecida técnica de avaliação da personalidade.

Concernente às respostas com determinantes unicamente formais, pode-se observar também diferenças relevantes entre os dois estudos agora focalizados, uma vez que a média encontrada por Jacquemin (1976) para o determinante formal (F) foi de 70,2% e a média obtida pelo presente estudo igual a 63,1%. Este dado pode sugerir menor investimento racional, bem como certo aumento da projeção de elementos afetivos e imaginativos na

interpretação da realidade pelas crianças aqui avaliadas, comparativamente às aquelas examinadas pelo referido autor.

Em relação ao conteúdo das respostas, houve prevalência dos conteúdos animal (58,0%) e humano (20,7%) Esta tendência acompanha os resultados encontrados na pesquisa realizada por Jacquemin (1976), em que os conteúdos animal e humano foram também os mais evocados, correspondendo respectivamente a 56,0% e 16,0%. No entanto, foi observada diferença estatisticamente significativa entre o resultado médio destes conteúdos entre os estudos, havendo rebaixamento do conteúdo animal e aumento do conteúdo humano no presente trabalho. Estes resultados podem refletir menor concretismo e estereotipia de pensamento, bem como aumento da identificação com o outro na amostra atual.

No que tange às respostas banalidade (Ban), no presente trabalho, foram identificadas 11 respostas banais, ao passo que, em Jacquemin (1976), 15 respostas atingiram o critério para serem caracterizadas como tal. No entanto, esses resultados devem ser vistos com parcimônia, tendo em vista que a amostra aqui avaliada ($n= 180$) pode ainda não ser suficientemente extensa para subsidiar a identificação deste tipo de padrão de respostas. Isto porque, para se encontrar as respostas tipicamente produzidas ao Rorschach por um grupo específico de respondentes, faz-se necessária devida ampliação amostral, de modo a conseguir retratar a diversidade existente diante dessa técnica projetiva, bem como seus pontos de convergência produtiva, que sinalizam, exatamente, as respostas populares. Nesse sentido, é válido pontuar que determinadas respostas consideradas banais nas referências normativas vigentes do Rorschach, tal como aranha no cartão X, não atingiram aqui o critério estatístico para integrarem a lista de banalidades, no entanto, mostraram-se respostas bastante freqüentes no conjunto dos dados, devendo ser compreendidas como tendências de resposta banalidade. Pode-se pensar que, na medida em que houver a associação dos resultados atuais a outros grupos infantis, ampliando-se a amostragem, possivelmente algumas respostas passarão a ser consideradas, de fato, respostas banais, e não apenas tendências nessa direção.

Ainda com a finalidade de confrontar os dados do presente trabalho a importantes estudos normativos brasileiros, foi feita comparação dos principais resultados aqui encontrados àqueles obtidos pelo recente estudo desenvolvido por Ribeiro (2010), sob referencial do Sistema Compreensivo, com a participação de uma amostra de 211 crianças cuiabanas, com idade entre sete e 10 anos e com indicadores de desenvolvimento típico. A partir desta comparação, em uma análise específica por idade, pôde-se observar que o número de respostas apresentado pelas crianças de nove anos mostrou-se bastante próximo nos dois estudos, uma vez que a média aqui obtida foi de 15,7 respostas, em comparação a 16,1 do

estudo realizado em Cuiabá (MT). Em contrapartida, as crianças de 10 anos aqui avaliadas apresentaram número médio de respostas mais elevado que as crianças analisadas por Ribeiro (2010), com médias de 18,8 e 16,8, respectivamente.

Apesar da relevância de se comparar os resultados obtidos em alguns trabalhos normativos nacionais enfocando a população infantil, é importante destacar que estes estudos seguem referenciais técnicos diferenciados e, assim, orientações possivelmente distintas quanto à codificação de uma resposta, visto que, em que alguns sistemas há o desdobramento de alguns perceptos em mais de uma resposta, enquanto que em outros há a integração destes em uma única resposta. Na Escola Psicanalítica Francesa – abordagem utilizada no presente trabalho e no estudo desenvolvido por Jacquemin (1976) – a perspectiva da integração é regularmente utilizada e, assim, se a criança engloba diversos perceptos em apenas uma resposta, esta é efetivamente contabilizada como uma única produção, e não desmembrada em várias respostas. No Sistema Compreensivo, Ribeiro (2010) também aponta para esta mesma direção, fornecendo elementos que subsidiam e autorizam a efetiva comparação e interpretação desta variável na interlocução destes dois reconhecidos referenciais técnicos.

Sob a perspectiva de debater os atuais resultados frente a um clássico estudo normativo, pôde-se compará-los ao relevante trabalho realizado por Ames et al. (1972), desenvolvido com 650 crianças norte-americanas, considerando-se as variáveis sexo, idade, nível socioeconômico e nível de inteligência para a composição da amostra. Este estudo se constitui como referência internacional na área, na medida em que descreve o perfil de resultados de crianças com idade entre dois e 10 anos, retratando os dados de cada idade separadamente. Desse modo, cumpre destacar que a comparação dos dados aqui encontrados às referências normativas do citado estudo prioriza análises específicas em função da idade, tal como apresentado por estes autores.

Em relação às crianças de nove anos, pôde-se notar diferenças consideráveis no padrão de desempenho entre as crianças avaliadas pelo estudo de Ames et al. (1972) e pelo presente trabalho. A título de ilustração, tem-se que as crianças norte-americanas desta faixa etária produziram, em média, 18,6 respostas, enquanto que as crianças deste estudo apresentaram média de 15,7. Em se tratando dos modos de apreensão, as crianças do estudo internacional apresentaram predomínio das respostas grande detalhe (D) sobre as respostas globais (G), enquanto que no presente trabalho houve preponderância de G sobre D. Os índices de Dd também se mostraram bastante diversos, com média de 9,0% e 25,1%, no estudo internacional e no presente estudo, respectivamente. No que diz respeito aos índices formais, 67,0% das

respostas das crianças analisadas por Ames et al. (1972) foram determinadas unicamente pela forma e 84,0% destas respostas apresentaram boa qualidade formal, ao passo que as crianças aqui avaliadas apresentaram F% de 64,5 e F+% de 70,9. No que tange aos conteúdos, as categorias animal e humano foram as interpretações mais freqüentemente referidas pelas crianças de ambos os estudos.

Concernente à faixa etária de 10 anos, também foram encontradas diferenças no padrão de desempenho das crianças avaliadas nos dois estudos em destaque. Analisando mais detalhadamente os dados do presente trabalho e do estudo realizado por Ames et al. (1972), observou-se diferenças consideráveis no que diz respeito ao índice de produtividade, uma vez que as crianças avaliadas no estudo internacional obtiveram número médio de respostas (R) de 16,6, e as crianças deste estudo, 18,8. Em relação os modos de apreensão, as crianças de 10 anos de ambos os estudos apresentaram predomínio de respostas globais (G) sobre as de grande detalhe (D). Contudo, foi observada considerável diferença na média de respostas pequeno detalhe (Dd), com 8,0% para as crianças norte-americanas e 28,6% para as crianças aqui analisadas. Quanto aos índices formais, foram observados índices semelhantes no que tange às respostas unicamente determinadas pela forma (F%), mas significativa diferença em se tratando qualidade formal destas respostas, visto que as crianças deste estudo apresentaram F+% de 71,6, ao passo que as crianças norte-americanas, de 89,0. Segundo Ames et al. (1972), de todas as faixas etárias avaliadas, as crianças de 10 anos foram aquelas que apresentaram maior índice de precisão formal em suas produções (F+%), sinalizando maior rigor no processo interpretativo nesta idade.

Em outro clássico estudo normativo, Ames et al. (1977) avaliaram 348 crianças e adolescentes norte-americanos, com idade entre 10 e 16 anos. Tendo em vista que a faixa etária deste reconhecido estudo internacional engloba a faixa etária aqui enfocada, os dados referentes às crianças de 11 anos foram comparados com o referido estudo. No que tange ao índice de produtividade (R), tem-se que as crianças norte-americanas desta faixa etária produziram, em média, 19,5 respostas, enquanto que as crianças deste estudo apresentaram média de 14,9. Concernente aos modos de apreensão, as crianças de ambos os estudos apresentaram preponderância de G sobre D, sugerindo que as crianças desta faixa etária tendem a apreender a realidade de modo predominantemente geral e global. Em se tratando dos índices formais, 62,0% das respostas das crianças analisadas por Ames et al. (1977) foram determinadas unicamente pela forma e 90,0% destas respostas apresentaram boa qualidade formal, ao passo que as crianças aqui avaliadas apresentaram F% de 63,5% e F+% de 77,9%. A análise destes dados mostra índices semelhantes no que diz respeito a F%, mas considerável

diferença quanto à F+%, sugerindo que as crianças atualmente avaliadas apresentam menor precisão na interpretação da realidade como um todo, se comparadas às crianças norte-americanas analisadas por Ames et al. (1977).

Continuando com uma perspectiva transcultural, analisando os resultados dos índices de produtividade do Rorschach em estudos internacionais desenvolvidos com crianças e/ou adolescentes, utilizando o referencial do Sistema Compreensivo (Hamel & Shaffer, 2007; Hansen, 2007; Lis et al., 2007; Matsumoto et al. 2007; Salcuni et al., 2007; Silva & Dias, 2007; Valentino et al., 2007; Van Patten et al., 2007), pôde-se notar diferenças marcantes entre os dados obtidos por estes estudos e os dados aqui encontrados. De modo geral, as crianças avaliadas pelo presente estudo apresentaram um número de respostas bastante inferior àquelas examinadas pelos referidos trabalhos, produzindo, em termos médios, 16,5 respostas. A título de comparação, as crianças americanas de 10 a 12 anos de idade produziram, em média, 26,5 respostas (Hamel & Shaffer, 2007). Já as crianças dinamarquesas de nove anos produziram, em média, 23,6 respostas (Hansen, 2007), enquanto as crianças japonesas de cinco a 14 anos apresentaram produção média nesta técnica projetiva variando entre 17,2 a 21,8 respostas, dependendo da faixa etária focalizada (Matsumoto et al., 2007). As crianças italianas de oito a 11 anos, avaliadas por Salcuni et al. (2007) produziram em média 20,7 respostas, ao passo que crianças portuguesas de seis a 10 anos apresentaram índice de produtividade entre 22,7 a 25,7 respostas, de acordo com a faixa etária considerada (Silva & Dias, 2007). Por fim, pode-se ainda apontar que as crianças mexicanas residentes nos Estados Unidos, com idade entre oito e 10 anos, estudadas por Valentino et al. (2007) produziram, em média, 24,0 respostas.

Em relação aos modos de apreensão, as crianças do presente estudo apresentaram predomínio de G, com média de 6,3 respostas globais por protocolo. Em seguida, houve a presença de D e Dd, com índices de 5,6 e 4,1, respectivamente. Comparando-se estes resultados àqueles obtidos por estudos realizados em outros países, pôde-se também notar diferenças no padrão de desempenho das crianças avaliadas. As crianças italianas, dinamarquesas e mexicanas residentes nos Estados Unidos, por exemplo, apresentaram G e D bastante próximos, seguidos de Dd. As crianças portuguesas, por sua vez, apresentaram predomínio de D sobre G e, em seguida, Dd. Já as crianças americanas apresentaram índices similares em G, D e Dd, não evidenciando diferenças marcantes entre estes três tipos de localização. Por fim, as crianças japonesas, assim como as crianças brasileiras aqui avaliadas, apresentaram, de modo geral, predomínio de G e, em seguida, D e Dd.

Analisando os resultados acima apresentados, pode-se pensar, portanto, nos apontamentos feitos por Meyer et al. (2007) que, a partir da análise de 31 amostras infantis e juvenis de estudos normativos de cinco países, constataram diferenças significativas entre os dados obtidos entre essas amostras. Os resultados levaram os autores a concluir pela impossibilidade de integração dos dados de diferentes países concernentes a crianças e adolescentes, reafirmando a necessidade de que sejam realizados estudos normativos nos mais diversos contextos.

É importante destacar que os dados dos estudos acima comparados pertencem a sistemas interpretativos diferenciados de um mesmo instrumento e, assim, é sabido que algumas variáveis são calculadas de modo distinto. Contudo, considerou-se pertinente realizar estas comparações, uma vez que, embora com algumas peculiaridades nos critérios estatísticos adotados, o significado interpretativo das principais variáveis deste instrumento é semelhante e exige reflexões teóricas e técnicas, como as presentemente pontuadas.

Ainda sob a perspectiva de comparação de estudos internacionais, pôde-se perceber que a avaliação dos protocolos por juízes independentes consiste em procedimento recorrentemente utilizado para estimar a precisão do Método de Rorschach. Tanto no presente estudo, realizado sob o referencial da Escola Psicanalítica Francesa, quanto nos estudos encontrados à luz do Sistema Compreensivo, o cálculo da fidedignidade entre examinadores foi o procedimento comum e unanimemente empregado. Nos estudos internacionais identificados, alguns protocolos foram selecionados aleatoriamente para cálculo dos índices de concordância, sendo eles apresentados em porcentagem e no coeficiente *iota*, a partir de algumas variáveis selecionadas, variando de 70 a 100% de acordo. Neste estudo, o mesmo método foi adotado, com a seleção aleatória de 36 casos – o que corresponde a 20% da amostra – e a realização dos cálculos necessários para a verificação dos índices de concordância. Como já mencionado, os dados foram bastante positivos, visto que atingiram elevados índices de fidedignidade nas quatro principais categorias de classificação das respostas, divididas entre as localizações (99%), os determinantes (92%), os conteúdos (97%) e as banalidades (93%).

Em se tratando da análise das possíveis especificidades de produção associadas ao sexo, à idade e à origem escolar, objetivo também proposto neste estudo, foram observadas diferenças estatisticamente significativas em um número diminuto de variáveis, apontando para a possibilidade de convergência dos resultados. Destaca-se, contudo, que a variável idade exerceu efeito significativo em algumas variáveis expressivas da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach, sugerindo aspectos maturacionais implicados no processo de interpretação desta técnica.

A fim de discutir os resultados obtidos na análise desta variável, breves considerações foram realizadas acerca das diferenças encontradas. Nesse íterim, um dos aspectos observados diz respeito aos índices encontrados nas categorias animal e humano, nas quais se pôde observar que, quanto maior a idade, menor a identificação com a categoria animal (A) e maior a representação do humano (H). Assim, pode-se pensar que, com o adiantamento da idade, há uma diminuição da estereotipia do pensamento e um aumento da identificação com o humano. Este dado também foi apontado no estudo normativo desenvolvido por Ames et al. (1977), que constataram um aumento no número de respostas de conteúdo humano na adolescência. De acordo com Semer (2008), o aumento da resposta humana varia diretamente com o desenvolvimento cognitivo e a maturidade social e, assim, este dado torna-se evolutivamente esperado.

No estudo normativo desenvolvido por Windholz (1969), que avaliou 400 crianças, com idade entre sete e 10 anos e estudantes de escolas públicas e particulares paulistas, também foram observadas peculiaridades de desempenho no que diz respeito à variável idade. Segundo esta autora, nos grupos de maior idade, as crianças tendem a levar mais tempo para produzir respostas e conseguem dar engramas melhor vistos e definidos. Analisando este dado, tem-se que, à medida que crescem, as crianças mostram-se mais atentas e precisas, procurando elaborar melhor suas respostas (F+%). Ademais, a citada autora também referiu um aumento de respostas convencionais (Ban), indicando que, ao lado de um processo de amadurecimento e de adaptação às normas formais, há uma diminuição na reação espontânea aos estímulos. Nesta mesma direção, foi observado que as crianças de 11 anos avaliadas no presente trabalho apresentaram um elevado índice de respostas banais (Ban) em comparação às outras faixas etárias focalizadas, sinalizando esforço de adaptação e de aceitação social nesta idade, marcada por se constituir como o início da adolescência.

Versando ainda sobre características típicas no que diz respeito à determinada faixa etária e, por conseguinte, no processo de desenvolvimento, é interessante pontuar que Rorschach (1921, *apud* Semer, 2008) fez referências a mudanças evolutivas nas respostas infantis no que se refere ao tipo de vivência e suas transformações no curso da vida. Segundo o referido autor, a criança pequena é fortemente cinestésica e, ao mesmo tempo, egocêntrica e extratensiva. Assim, o tipo de vivência afetiva típico da faixa etária por volta dos três e quatro anos de idade seria o ambigüal, sendo que o aumento da idade, caracterizado pelo aprendizado da leitura e o desenvolvimento do pensamento disciplinado, tenderia a coartar o tipo de vivência afetiva. Neste trabalho, os resultados encontrados vão em direção a esses

apontamentos, na medida em que o tipo de vivência afetiva predominante em todas as faixas etárias avaliadas foi o coartativo.

Discutindo ainda sobre determinadas especificidades de produção, Ribeiro (2010), em recente estudo normativo desenvolvido com 211 crianças cuiabanas, de ambos os sexos e provenientes de escolas públicas e particulares da cidade, apontou para diferenças de resultados no que diz respeito à comparação por origem escolar. Na apresentação de seus dados, a autora pontua que as crianças oriundas de escolas particulares apresentaram resultados mais elevados nas variáveis R, *Sum Y*, Mistos e Índice de Intelectualização, enquanto as crianças de escolas públicas apresentaram resultados mais elevados na variável *Lambda*. Analisando o valor interpretativo das diferenças destes índices nos dois grupos, a autora descreve que as crianças de escolas particulares mostraram maior liberdade para associar e produzir respostas, maior presença de estresse situacional, maior facilidade para lidar com situações afetivas complexas, bem como para manejar o afeto mais intelectualizado. As crianças de escolas públicas, por sua vez, apresentaram atitude mais impessoal, de pouco envolvimento e maior grau de simplificação afetiva.

No presente estudo, não foram detectadas muitas diferenças estatisticamente significativas na produção de respostas entre as crianças provenientes de escolas públicas e particulares, tal como encontrado no estudo de Ribeiro (2010). De fato, as diferenças aqui observadas dizem respeito principalmente às variáveis G e FC, mais elevadas em crianças oriundas de instituições privadas, sugerindo que estas detêm maior atenção aos aspectos gerais, bem como tendem a sofrer maior influência da afetividade na interpretação da realidade como um todo.

Concernente às particularidades encontradas na comparação entre o sexo masculino e feminino, Ribeiro (2010) pontua que os meninos apresentaram maiores índices nas variáveis C e Mp, sinalizando menor controle dos impulsos e comportamento mais passivo nas relações, em comparação às meninas. Estas, por sua vez, apresentaram resultados mais elevados nas variáveis Pares, Ego, D, DQo, *Popular*, Na, Bt, *Isolate/R* e DV, o que sugere que as meninas tendem a ser mais auto-centradas e com maior auto-estima, bem como expressam maior percepção da realidade objetiva e maior facilidade para trabalhar com informações simples. Ademais, as meninas parecem mais adaptadas às convenções sociais, mais voltadas para ambientes simples, mais afastadas nas relações interpessoais e com mais lapsos cognitivos, quando comparadas aos meninos.

Em relação às especificidades de produção associadas ao sexo, no presente trabalho, tem-se, em linhas gerais, que o grupo masculino apresentou maior frequência de F- em

comparação ao grupo feminino, sinalizando menor precisão perceptiva. As meninas, por sua vez, apresentaram índices mais elevados de TL, K, H, ΣH e Ban, sinalizando maior tempo de trabalho para reagir aos estímulos e indicadores de maior imaginação criadora e participação nas convenções sociais na interpretação da realidade.

No que tange à elaboração do atlas do Rorschach propriamente dito, o objetivo específico de listagem das áreas interpretadas e de avaliação da qualidade formal das respostas nelas evocadas, a partir de critérios previamente estabelecidos, foi plenamente alcançado, tal como mostra o importante material disposto no APÊNDICE E.

Assim, a partir dos dados assinalados e tendo em vista as diminutas diferenças encontradas em função do sexo, idade e origem escolar no conjunto dos resultados, pode ser vislumbrada a possibilidade da formulação de padrões normativos globais e de um atlas único para as crianças de nove a 11 anos de idade, de ambos os sexos e provenientes de escolas públicas e particulares da região. Destaca-se que as especificidades de produção no Rorschach encontradas no presente estudo devem ser consideradas qualitativamente em análises clínicas de casos individuais.

O esforço de elaboração de padrões normativos atuais e de um atlas de referência para classificação da produção infantil, retratando a faixa etária pesquisada, fazia-se imperativa na Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach – material que fica agora disponível para uso dos psicólogos brasileiros. Certamente, há ainda muitos outros aspectos técnicos a serem aprimorados a partir dos resultados obtidos, porém, o presente trabalho poderá favorecer o alcance de informações mais bem qualificadas sobre o tema. Cabe apontar, como sugerido por Pasian e Loureiro (2010), que o tipo de investigação pretendido exige e ganha valor social e prático, na medida em que contribuições de outros centros de pesquisa venham a ele se somar, favorecendo o aprimoramento técnico-científico das evidências encontradas dentro da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach.

Em suma, os dados aqui apresentados, resguardados os devidos cuidados técnicos, configuram-se como novos referenciais normativos da Escola Psicanalítica Francesa para crianças de nove a 11 anos de idade, no contexto sócio-cultural do interior do Estado de São Paulo, podendo ser transpostos para demais regiões brasileiras similares, conforme argumentação apresentada na configuração do escopo deste trabalho. Este processo atende a orientações e exigências do Conselho Federal de Psicologia para o desenvolvimento de padrões avaliativos e referências normativas adequadas a diferentes grupos de indivíduos, em seus diferentes contextos, subsidiando adequada e válida utilização dos instrumentos de avaliação psicológica, neste caso, do Psicodiagnóstico de Rorschach.

VI. REFERÊNCIAS¹¹

¹¹ Segundo o disposto nas diretrizes para a apresentação de dissertações e tese da USP – padrão APA, disponível no endereço eletrônico http://www.teses.usp.br/info/Caderno_Estudos_9_PT_2.pdf.

- Adrados, I. (1985). *A técnica do Rorschach em crianças: perfil psicológico da criança dos sete aos quatorze anos*. Petrópolis: Vozes.
- Alves, I. C. B. (2006). Considerações sobre a validade e precisão nas técnicas projetivas. In A. P. P. Noronha, A. A. A. Santos & F. F. Sisto (Orgs.), *Facetas do fazer em avaliação psicológica* (pp. 173-190). São Paulo: Vetor.
- Ames, L. B., Learned, J., Metraux, R. W., & Walker, R. N. (1972). *El Rorschach Infantil* (2^a ed.). Buenos Aires: Paidós.
- Ames, L. B., Metraux, R. W., & Walker, R. N. (1977). *El Rorschach de 10 a 16 años*. Buenos Aires: Paidós
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica* (7^a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Andronikof, A., Chudzik, L., & Gillaizeau, I. (2008). Caractéristiques des Rorschach d'adolescents (p. 176). In *Proceedings, 19. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2008, Leuven, Belgium. Leuven: IRS.
- Angelini, A. L., Alves, I. C. B., Custódio, E. M., Duarte, W. F., & Duarte, J. L. M. (1999). *Matrizes progressivas coloridas de Raven: Escala especial*. Manual. São Paulo: CETEPP.
- Anzieu, D. (1986). *Os métodos projetivos* (5^a ed.). Rio de Janeiro: Campus.
- Azoulay, C., Emmanuelli, M., Rausch de Traubenberg, N., Corroyer, D., Rozenchwajg, P., & Savina, Y. (2007). Les données normatives françaises du Rorschach à l'adolescence et chez le jeune adulte. *Psychologie Clinique et Projective*, 13, 371-409.
- Bagbag, F. (2008). Tunisian children Rorschach (p. 53). In *Proceedings, 19. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2008, Leuven, Belgium. Leuven: IRS.
- Bandeira, D. R., Trentini, C. M., Winck, G. E., & Lieberknecht, L. (2006). Considerações sobre as técnicas projetivas no contexto atual. In A. P. P. Noronha, A. A. A. Santos & F. F. Sisto (Orgs.), *Facetas do fazer em avaliação psicológica* (pp. 125-139). São Paulo: Vetor.
- Barreto, A. P. (1955). O Psicodiagnóstico aplicado à criança. *Neurobiologia*, 111 (28), 169-182.
- Bee, H. (1996). *A criança em desenvolvimento* (7^a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Boscán, D. C., & Penn, N. E. (1999). The Rorschach test: a Mexican sample using the Comprehensive System (p. 12). In *Proceedings, 16. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 1999, Amsterdam, Netherlands. Amsterdam: IRS.

Ciência e Profissão Diálogos (2005). Brasília, 3.

Cruz, R. M. (2002). O processo de conhecer em avaliação psicológica. In R. M. Cruz, J. C. Alchieri & J. J. Sardá Junior (Orgs), *Avaliação e medidas psicológicas: produção do conhecimento e da intervenção profissional* (pp.15-24). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cunha, J. A. (2000). Estratégias de avaliação: perspectivas em psicologia clínica. In: A. L. Cunha e cols. (Orgs.), *Psicodiagnóstico-V* (5ª ed.) (pp. 19-22). Porto Alegre: Artmed.

Erikson, E. H. (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artmed.

Fensterseifer, L., & Werlang, B. S. G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In A. E. Villemor-Amaral & B. S. G. Werlang (Orgs.), *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica* (pp.15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Fernandes, S. & Pasian, S. R. (2008). Crianças diante do Psicodiagnóstico de Rorschach: Especificidades de desempenho no interior de São Paulo. *Anais, 5. Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 2008, Ribeirão Preto, Brasil. Ribeirão Preto: ASBRo.

Fernandes, S., Pasian, S. R., Paula, R. C.; & Barrenha, R. P. L. (2009). Rorschach infantil: o sexo exerce efeito na produção? In *Anais, 4. Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica; 14. Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos; 5. Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e métodos projetivos* (p. 388). Campinas: IBAP.

Fernandez, P., & Pardillo, J. (2008). Listado de respuestas populares en cuba: Un estudio de normalizacion transcultural con el Rorschach (p. 136). In *Proceedings, 19. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2008, Leuven, Belgium. Leuven: IRS.

Fuster, P. J. (2008). Adaptar el Rorschach (SC) a las diferentes poblaciones: un estudio generalizable desde la poblacion española (p. 135). In *Proceedings, 19. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2008, Leuven, Belgium. Leuven: IRS.

Gattas, R. S., Brunoni, G. R., Sasaki, T. N. D., Parsons, T. G., & Bueno, R. R. (2008) Preliminary results of a normative study of the Rorschach Comprehensive System in a non patient Brazilian adolescent sample (p. 52). In *Proceedings, 19. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2008, Leuven, Belgium. Leuven: IRS.

- Genovese, D., Maselli, C., & Rossi, G. (1999). Exner's Comprehensive Method: some reflections on normative data collected in an Italian sample (p. 53). In *Proceedings, 16. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 1999, Amsterdam, Netherlands. Amsterdam: IRS.
- Güntert, A. E. V. A. (2000). Técnicas projetivas: o geral e o singular em avaliação psicológica. In F. F. Sisto, E. T. B. Sbardelini & R. Primi (Orgs.), *Contextos e questões da avaliação psicológica* (pp. 77-85). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hamel, M., & Shaffer, T. W. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for 100 nonpatient children from the United States in two age groups. *Journal of Personality Assessment*, 89(1), 174-182.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008). Recuperado em 20 de novembro de 2009, de <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>
- Hansen, K. G. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 75 Danish 9-year-old children: a pilot study. *Journal of Personality Assessment*, 89(1), 52-56.
- Jacquemin, A. A. (1976). *O teste de Rorschach em crianças brasileiras*. São Paulo: Vetor.
- Japur, M. (1982). *O Psicodiagnóstico de Rorschach: um estudo da afetividade em pré-adolescentes*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lelé, A. J. (2005). Perception of reality and norm: a study of the popular responses to Rorschach Psychodiagnostic in Brazil (p. 239). In *Proceedings, 18. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2005, Barcelona, Spain. Barcelona: IRS.
- Lelé, A. J. (2006). Resultados de 100 psicodiagnósticos de Rorschach em mineiros (pp. 87-99). In *Anais, 4. Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos*, 2006, São Paulo, Brasil. São Paulo: Vetor.
- Lelé, A. J. (2008a). La diversité de résultats dans les modes d'apprehension: comparaison des données normatives au Rorschach (p. 153). In *Proceedings, 19. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2008, Leuven, Belgium. Leuven: IRS.
- Lelé, A. J. (2008b) Estudo preliminar de dados normativos brasileiros no Rorschach no estado de Minas Gerais. In *Anais, 5. Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 2008, Ribeirão Preto, Brasil. Ribeirão Preto: ASBRo.

- Lis, A., Salcuni, S., Di Riso, D., & Oliva, M. (2005). Normative Italian sample: Methodological issues (p. 171). In *Proceedings, 18. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2005, Barcelona, Spain. Barcelona: IRS.
- Lis, A., Salcuni, S., & Parolin, L. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 116 preadolescent and 117 adolescent nonpatients from Italy. *Journal of Personality Assessment*, 89(1), 91-96.
- Lis, A., Salcuni, S., Parolin, L., Di Riso, D., & Laghezza, L. (2008). Rorschach Comprehensive System Data of sample of non patient children from Italy: Aged 5-7 years (p. 51). In *Proceedings, 19. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2008, Leuven, Belgium. Leuven: IRS.
- Matsumoto, M.; Suzuki, N.; Shirai, H., & Nakabayashi, M. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 190 Japanese nonpatient children at five ages. *Journal of Personality Assessment*, 89(1), 103-112.
- Matsumoto, M., Morita, M., Suzuki, N., Tsuboi, H., Hatagaki, C., & Shirai, H. (2008). Application of Rorschach for Japanese children: What the Rorschach means for Japanese children (p. 315). In *Proceedings, 19. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2008, Leuven, Belgium. Leuven: IRS.
- Meyer, G. J., & Kurtz, J. E. (2006). Advancing Personality Assessment Terminology: Time to Retire “Objective” and “Projective” as Personality Test Descriptors. *Journal of Personality Assessment*, 87(3), 223-225.
- Meyer, G. J., Erdberg, P., & Shaffer, T. W. (2007). International reference samples for the Rorschach Comprehensive System. *Journal of Personality Assessment*, 89(1), 201-216.
- Mormont, C., Michel, A., & Le Carvenec, M. (1999). Elaboration de normes Francophones pour l'épreuve du Rorschach sur un échantillon élargi (p. 82). In *Proceedings, 16. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 1999, Amsterdam, Netherlands. Amsterdam: IRS.
- Nascimento, R. S. G. F. (1999). Comparative study of some Rorschach scores (CS): patients and non-patients (p. 228). In *Proceedings, 16. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 1999, Amsterdam, Netherlands. Amsterdam: IRS.
- Nascimento, R. S. G. F. (2002). Estudo normativo do sistema compreensivo do Rorschach para a cidade de São Paulo. *Psico-USF*, 7(2), 127-141.
- Nascimento, R. S. G. F., Brunoni, G. R., Sasaki, T. N. D., Bueno, R. R., & Parsons, T. G. (2008). Resultados preliminares de um estudo normativo com o Sistema Compreensivo do

- Rorschach em uma amostra de adolescentes não-pacientes brasileiros. In *Anais, 5. Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 2008, Ribeirão Preto, Brasil. Ribeirão Preto: ASBRo.
- Nascimento, S. G. F., Batistuzzo, M. C., Sato, T. M., Brunoni, G., Bueno, R. R., & Marques, T. (2009). Auto-percepção em adolescentes por meio do Rorschach (SC): resultados de estudo normativo em São Paulo. In *Anais, 4. Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica; 14. Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos; 5. Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e métodos projetivos* (p. 94). Campinas: IBAP.
- Noronha, A. P. P., Primi, R., & Alchieri, J. C. (2004). Parâmetros psicométricos: uma análise de testes psicológicos comercializados no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(4), 88-99.
- Palacios, J. & Hidalgo, V. (2004). Desenvolvimento da personalidade dos seis anos até a adolescência. In C. Coll, A. Marchesi & J. Palacios (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação* (2ª ed.), (Vol. 1, pp. 252-267). Porto Alegre: Artmed.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2009). *Desenvolvimento humano* (10ª ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Pasian, S. R. (1998). *O Psicodiagnóstico de Rorschach: um estudo normativo em adultos da região de Ribeirão Preto*. Tese de doutorado não publicada, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Pasian, S. R. (2002). Atualizações sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach no Brasil: breve panorama histórico. *Psico-USF*, 7(1), 43-52.
- Pasian, S. R. & Loureiro, S. R. (2010). Reflexões sobre princípios e padrões normativos do Rorschach. In S. R. Pasian (Org.), *Avanços do Rorschach no Brasil* (pp. 31-54). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- Pires, A. A. (1999). The Rorschach normative study in Portugal (p. 101). In *Proceedings, 16. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 1999, Amsterdam, Netherlands. Amsterdam: IRS.
- Prefeitura Municipal de Pirassununga* (2010). Recuperado em 05 de janeiro de 2010, de <http://pirassununga.municipios.sp.gov.br/portal/site/municipios/menuitem.5e018b33880e19e3b46a1c76e2308ca0/?vgnnextoid=6e0a645ed0f24210VgnVCM1000004c03c80aRCRD>
- Raspantini, R. L. & Pasian, S. R. (2008). Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças brasileiras de nove a onze anos de idade: dados preliminares. In *Anais, 5. Encontro da*

Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, 2008, Ribeirão Preto, Brasil. Ribeirão Preto: ASBRo.

Raspantini, R. L., Alves, D. P. B., & Pasian, S. R. (2009). Psicodiagnóstico de Rorschach: a influência da procedência escolar em crianças. In *Anais, 4. Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica; 14. Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos; 5. Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e métodos projetivos* (p. 453). Campinas: IBAP.

Raspantini, R. L., Paula, R. C., Barrenha, R. P. L., & Pasian, S. R. (2009). Escola Francesa do Rorschach: evidências de precisão a partir de uma amostra infantil. In *Anais, 4. Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica; 14. Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos; 5. Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e métodos projetivos* (p. 254). Campinas: IBAP.

Rausch de Traubenberg, N. (1998). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Vetor.

Raven, J. C., Raven, J., & Court, J. H. (1988). *Matrizes progressivas coloridas de Raven*. Manual. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Resende, A. C., Rezende, T. C., & Martins, L. D. (2006). Estudo normativo do Rorschach para crianças goianienses: dados preliminares (pp. 124-135). In *Anais, 4. Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e outros Métodos Projetivos*, 2006, São Paulo, Brasil. São Paulo: Vetor.

Resolução CFP 002/2003 (2003, 24 de março). Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.

Ribeiro, R. K. S. M., Yazigi, L. & Semer, N. L. (2008). Estudo normativo do método de Rorschach Sistema compreensivo em crianças de Cuiabá. In *Anais, 5. Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 2008, Ribeirão Preto, Brasil. Ribeirão Preto: ASBRo.

Ribeiro, R. K. S. M., Yazigi, L., & Semer, N. L. (2009). Estudo normativo do método de Rorschach em crianças de escolas públicas e privadas de Cuiabá. In *Anais, 4. Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica; 14. Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos; 5. Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e métodos projetivos* (p. 94). Campinas: IBAP.

Ribeiro, R. K. S. M. (2010). *Estudo normativo do método de Rorschach sistema compreensivo para crianças de 7 a 10 anos, da cidade de Cuiabá – Mato Grosso*. Tese de Doutorado, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

- Rorschach, H. (1921). *Psychodiagnostik*. Bern: Hans Huber.
- Semer, N. L. (2008). A utilização do Rorschach em crianças e adolescentes. In A. E. Villemor-Amaral & B. S. G. Werlang. (Orgs.), *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica* (pp. 95-106). São Paulo: Casa do psicólogo.
- Souza, A. M. D. R. & Duarte Junior, A. P. (2008). As respostas banais de sujeitos paraenses ao teste de Rorschach: Comparação com normas de populações da região sudeste e análise da estabilidade temporal dos resultados. In *Anais, 5. Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 2008, Ribeirão Preto, Brasil. Ribeirão Preto: ASBRo.
- Salcuni, S.; Lis, A.; Parolin, L., & Mazzeschi, C. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for two samples of nonpatient children from Italy: 75 aged 5-7 years and 148 aged 8-11 years. *Journal of Personality Assessment*, 89(1), 85-90.
- Silva, D. R., & Dias, A. M. (2005). Analysis of a Portuguese Rorschach form quality table from a sample of children aged 6 to 10 years old (p. 177). In *Proceedings, 18. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2005, Barcelona, Spain. Barcelona: IRS.
- Silva, D. R., & Dias, A. M. (2006). Questões de desenvolvimento a propósito das normas portuguesas do Rorschach para crianças. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 1(21), 47-59.
- Silva, D. R., & Dias, A. M. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 357 Portuguese children at five ages. *Journal of Personality Assessment*, 89(1), 131-141.
- Tibon, S. (2005). Rorschach comprehensive system data for a sample of Israeli adult non patients (p. 179). In *Proceedings, 18. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2005, Barcelona, Spain. Barcelona: IRS.
- Torre, V., & Casalegno, S. (2005). Standart values in Italian adult Rorschach test (p. 237). In *Proceedings, 18. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2005, Barcelona, Spain. Barcelona: IRS.
- Trinca, W. (1998). As técnicas projetivas no século XXI [CD]. In *Anais, 3. Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach*, 1998, Ribeirão Preto, SP. Ribeirão Preto: SBRo.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.

- Valentino, M. A.; Shaffer, T. W.; Erdberg, P., & Figueroa, M. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 42 nonpatient Mexican American children from the United States. *Journal of Personality Assessment*, 89(1), 183-187.
- Van de Vijver, F., & Hambleton, R. K. (1996). Translating Tests: Some Practical Guidelines. *European Psychologist*, 1(2), 89-99.
- Van de Vijver, F. (1999). Projective Testing. *European Journal of Psychological Assessment*, 15(1), p.63.
- Van Patten, K., Shaffer, T. W., Erdberg, P., & Canfield, M. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 37 nonpatient/nondelinquent adolescents from the United States. *Journal of Personality Assessment*, 89(1), 188-192.
- Viana-Guerra, C. (1958). As respostas de crianças de 03 a 08 anos ao Psicodiagnóstico de Rorschach, *Boletim do Instituto de Psicologia*, 8 (3-4), 20-31.
- Villemor-Amaral, A. E., Yagizi, L., Nascimento, R. S. G., Primi, R., & Semer, N. L. (2006). Elaboração do atlas e lista de qualidade formal do Rorschach no sistema compreensivo para uma amostra brasileira: comunicação preliminar (pp. 70-75). In *Anais, 4. Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e outros Métodos Projetivos*, 2006, São Paulo, Brasil. São Paulo: Vetor.
- Villemor-Amaral, A. E., Yazigi, L., Primi, R., Nascimento, R. S. G. F., Semer, N. L., Meyer, G. J., & Viglione, D. J. (2008). Comparing location areas and frequency of responses in the Rorschach Comprehensive System considering a Brazilian sample and American data (p. 110). In *Proceedings, 19. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2008, Leuven, Belgium. Leuven: IRS.
- Weiner, I. B. (1991). Editor's note: interscorer agreement in Rorschach research. *Journal of Personality Assessment*, 56, 1.
- Windholz, W. H. (1969). *Rorschach em crianças: a pesquisa*. São Paulo: Vetor.
- Yazigi, L., Ribeiro, R., & Semer, N. L. (2008). Normative study of the Rorschach Comprehensive System in Brazilian children (p. 52). In *Proceedings, 19. International Congress of Rorschach and Projective Methods*, 2008, Leuven, Belgium. Leuven: IRS.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta de Apresentação da Pesquisa



Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto

Departamento de Psicologia e Educação

Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP)

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa em Pirassununga (SP) com objetivo de conhecer características de personalidade de crianças entre nove a 11 anos de idade, por meio de um processo de avaliação psicológica. Este trabalho será desenvolvido sob responsabilidade da psicóloga Renata Loureiro Rasantini, aluna de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP), e da Profa. Dra. Sônia Regina Pasian, professora do Departamento de Psicologia e Educação desta mesma faculdade.

Essa pesquisa, intitulada “**PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH EM CRIANÇAS DE NOVE A 11 ANOS: NORMAS E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE**”, estudará cerca de 180 crianças de diferentes escolas, públicas e particulares desta cidade. Esta escola foi identificada como uma possível participante e, sendo assim, gostaríamos de contar com sua colaboração, autorizando nossa inserção no estabelecimento educacional sob sua responsabilidade.

Nossa atuação na escola dar-se-á da seguinte forma: a pesquisadora visitará os anos escolares em questão, explicará o projeto em linhas gerais e fornecerá, para cada aluno, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e um Questionário sobre histórico de vida, que contém algumas questões sobre o desenvolvimento da criança. Esses documentos deverão ser entregues aos pais ou responsáveis dos possíveis participantes e, posteriormente, devolvidos à pesquisadora.

Em seguida, a pesquisadora sorteará as crianças que efetivamente participarão de estudo. Após essa seleção inicial, a pesquisadora agendará, sob anuência da coordenação da escola, um horário em que a criança possa se ausentar de suas aulas para participar da avaliação psicológica. Nesse contato, que durará cerca de uma hora, a pesquisadora fará um breve *rapport* com cada participante e iniciará o processo de avaliação psicológica propriamente dito. Não existe nenhum risco significativo em participar deste estudo. Todas as informações ministradas são confidenciais e somente serão utilizadas para investigação científica, sem nenhuma identificação das pessoas que as forneceram.

A cooperação de seu estabelecimento será muito valiosa e imprescindível para que os objetivos desse estudo sejam alcançados. Este trabalho será uma contribuição voluntária e nenhum participante receberá pagamento por colaborar nesta pesquisa.

Cooperar com essa pesquisa representa contribuir para um melhor conhecimento das condições psicológicas das crianças dessa região e isso poderá auxiliar em planejamentos de eventuais serviços de Saúde Mental. Desde já, agradecemos a atenção dispensada.

Atenciosamente,

Renata Loureiro Rasantini

Profa. Dra. Sonia Regina Pasian

Departamento de Psicologia e Educação – FFCLRP – USP

- **Renata Loureiro Rasantini** – Psicóloga (CRP 06/80717) vinculada ao Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP) do Departamento de Psicologia e Educação (DPE) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP).

- **Profa. Dra. Sonia Regina Pasian** – Docente do DPE da FFCLRP/USP.

- **CONTATOS:** Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico – Departamento de Psicologia e Educação – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900 – Monte Alegre.

Ribeirão Preto (SP) – CEP: 14040-901.

Fones: (16) 3602.3821 / (16) 3602.3785 / (19) 9163.6088

E-mail: renata_rasantini@yahoo.com.br / srpasian@ffclrp.usp.br

<p style="text-align: center;">AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR DE PIRASSUNUNGA PARA A PESQUISA</p>
--

Eu, _____, CPF
_____, abaixo assinado, na função de
_____ da Escola _____,
declaro estar de acordo com a realização do projeto de pesquisa anteriormente referido, aceitando que
seja utilizado o banco de dados desta Instituição a fim de buscar as informações necessárias à
identificação de eventuais alunos voluntários para a mesma. Autorizo também que a psicóloga
responsável pelo projeto entre em contato com esses estudantes, em sala de aula, para lhes propor o
trabalho e, aos que consentirem, realizar a pesquisa em sala de aula (individualmente).

Diante do exposto, assino o presente termo, enquanto representante da Instituição, declarando
o consentimento livre e esclarecido para esta pesquisa.

Assinatura e carimbo do Representante Institucional

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa em Pirassununga que pretende conhecer características do desenvolvimento emocional de crianças de nove a 11 anos de idade. Este trabalho será desenvolvido sob responsabilidade da psicóloga Renata Loureiro Raspantini, aluna de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP) e da Dra. Sônia Regina Pasian, professora do Departamento de Psicologia e Educação desta mesma faculdade.

Essa pesquisa, intitulada **“Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de nove a 11 anos: normas e evidências de validade”**, contará com a participação de cerca de 180 crianças de diferentes escolas, públicas e particulares. Cada criança passará por uma breve avaliação psicológica, sendo que este processo implica em que ela responda a perguntas de raciocínio e de interpretação de figuras, não apresentando riscos ou prejuízos em seu trabalho escolar. Aos pais, será solicitado que preencham um questionário sobre histórico de vida de seu(sua) filho(a), caso autorizem sua participação nesta pesquisa

Para participar deste estudo, é necessário que seu(sua) filho(a) realize um encontro individual com a psicóloga responsável, com aproximadamente uma hora de duração, na própria escola.

Todas as informações desta pesquisa são confidenciais e somente serão utilizadas para investigação científica, sem nenhuma identificação das pessoas que as forneceram. Não será oferecido aos participantes nenhum pagamento por sua colaboração voluntária. A sua cooperação e a de seu(sua) filho(a) será muito valiosa e necessária para tornar possível este trabalho. Colaborar com essa pesquisa auxiliará na expansão e aprofundamento dos conhecimentos científicos da Psicologia, bem como ajudará no conhecimento das características afetivas das crianças de Pirassununga, o que poderá auxiliar em planejamentos futuros para serviços psicológicos nesta região.

Desde já, agradecemos sua colaboração e estaremos disponíveis para outras informações, caso necessário.

Atenciosamente,

Renata Loureiro Raspantini

Profa. Dra. Sonia Regina Pasian

Eu, _____,
declaro que estou de acordo com a participação de meu(minha) filho(a) como voluntário no projeto de pesquisa **“Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças de nove a 11 anos: normas e evidências de validade”**, sob responsabilidade da psicóloga Renata Loureiro Raspantini e da Profa. Dra. Sonia Regina Pasian, assim como estou ciente de que os registros relativos a esse trabalho serão utilizados como material de trabalho científico e poderão ser divulgados em congressos e publicados em revistas ou livros especializados, resguardando-se o devido sigilo quanto à nossa identificação.

Pirassununga, _____ de _____ de 200__.

(Assinatura)

Telefone para contato: _____

Se tiver qualquer dúvida, entre em contato com o Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP/USP e esclareça-se conosco pelo telefone: (16) 3602.3785, ou fale diretamente com Renata Loureiro Raspantini, pelo telefone (19) 9163.6088.

APÊNDICE C – Questionário sobre histórico de vida

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto

Departamento de Psicologia e Educação

Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP)

FORMULÁRIO PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Por favor, **Senhores Pais**:

- Respondam às questões abaixo da forma mais completa que lhes for possível no momento.
- Reafirmamos nosso objetivo de, com esse levantamento, conhecer as características dos estudantes participantes dessa pesquisa.
- Também reafirmamos nosso compromisso de completo sigilo das informações e dos participantes.
- Favor devolver esse questionário juntamente com uma cópia assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a pesquisa.
- Novamente, agradecemos sua valiosa colaboração!

1. Nome do estudante: _____

2. Idade: _____

3. Data de Nascimento: ____/____/____

4. Sexo: () Feminino () Masculino

5. Ano Escolar: _____

6. Com quantos anos entrou na escola? _____

7. Já repetiu de ano?

() Não

() Sim. Quantas vezes? _____ Qual(is) ano(s) ? _____

8. Número de irmãos: _____

9. Posição do estudante entre os irmãos (único ou primeiro, segundo, terceiro, etc.). _____

10. Já apresentou graves problemas de saúde?

() Não.

() Sim. Qual(is)? _____

Com que idade? _____

11. Mais especificamente: já apresentou problemas psicológicos ou neurológicos?

() Não.

() Sim. Qual(is)? _____

Com que idade? _____

12. Fez ou faz uso de medicamento por causa desse problema?

() Não.

() Sim. Qual(is)? _____

Quando? _____ Por quanto tempo? _____

13. Já fez ou faz algum tratamento com psicólogo ou psiquiatra?

() Não.

() Sim. Qual(is)? _____

Com que idade? _____

14. Estado civil dos pais: () solteiro(a) () casado () viúvo(a)

() separado ou divorciado () amasiado

15. Pessoas que moram na casa do estudante:

Nome	Parentesco	Idade	Escolaridade	Profissão	Renda

16. Observações que julgarem importantes sobre seu(sua) filho(a).

**APÊNDICE D – Glossário referente à classificação das principais
variáveis da Escola Psicanalítica Francesa do Rorschach (adaptado
de Rausch de Traubenberg, 1998 e de Azoulay et al., 2007)**

1. Posição da prancha (rotações):

- ∧ - posição normal
- ∨ - posição invertida
- < - posição lateral esquerda
- > - posição lateral direita

2. Produtividade:

R – número total de respostas efetivas em todos os cartões.

RA – resposta adicional dada espontaneamente no momento da investigação.

Recusa – recusa, não-resposta ao cartão.

Denegação – denegação, número de respostas dadas espontaneamente no momento da aplicação e negadas no inquérito.

TL – tempo de latência (em segundos); tempo decorrido entre a apresentação da prancha e a primeira resposta efetiva do respondente.

TLm – tempo de latência médio (em segundos); soma dos tempos de latência onde houve resposta, dividido pelo número de cartões em que houve interpretação.

TT – tempo total (em minutos e segundos); tempo total da aplicação da prova, não estando o inquérito incluído.

TRm – tempo de reação médio (em segundos); tempo médio por resposta, ou seja, tempo total dividido pelo número total de respostas.

3. Tipos de Apreensão/Localizações das respostas – modo como o indivíduo apreende os estímulos da realidade:

G (resposta global) – resposta que implica o todo da mancha, o mais aparente e superficial.

$$G\% - 100 \times \sum G / R$$

GDbI - respostas G integradas com detalhe branco (DbI); são contadas como G

D (resposta grande detalhe) – área significativa e relevante da prancha.

$$D\% - 100 \times \sum D / R$$

DDbI - são contadas como D.

Dd (resposta pequeno detalhe) – percepção e interpretação de pequenas partes do cartão, referente às minúcias.

$$Dd\% - 100 \times \sum Dd / R$$

DdDbI - são contadas como Dd.

DbI (detalhe branco) – a área interpretada é exclusivamente a branca do cartão.

$$DbI\% - 100 \times \sum DbI / R$$

- Cabe destacar que, no cartão IX, a área central é codificada DbI quando somente a forma é considerada e a percepção está relacionada à vacuidade. Em contrapartida, quando a cor é considerada e utilizada na interpretação do cartão, a resposta é codificada D.

Do (detalhe oligofrênico ou inibitório) – recorte dado a uma área onde normalmente é produzida uma interpretação de caráter mais geral, que inclui o detalhe atualmente nomeado.

$$Do\% - 100 \times \sum Do / R$$

4. Determinantes das respostas – fatores principais de determinação das respostas e sua precisão formal:

F: resposta determinada unicamente pela forma da mancha, ou seja, pelos aspectos de contorno da área interpretada.

F+: respostas com boa precisão formal.

F-: respostas com má precisão formal.

F+-: respostas com forma imprecisa e/ou indeterminada

F%: porcentagem das respostas forma em relação ao total de respostas. É calculado:

$$F\% = 100 \times \sum F / R$$

F+%: porcentagem das boas formas em relação ao total das respostas forma. É calculado:

$$F+\% = 100 (F + 0,5 F+-) / \sum F$$

F+ext%: porcentagem das boas formas dos demais determinantes, isto é, indicação de precisão formal entre os determinantes afetivos. É calculado:

$$F+ext\% = [(F+) + (F+-*0,5) + (K+) + (k+) + (FC) + (FE)] / R$$

K: cinestesia humana.

Kat: humano prestes a se movimentar.

kp: fragmento de forma humana vista em movimento.

kan: cinestesia animal, sendo que o animal precisa estar inteiro e, de fato, em ação.

kob: cinestesia de objeto; respostas contendo movimento forte, próprio do objeto interpretado.

$\sum k$: cinestésias menores: $\sum kan + \sum kob + \sum kp$.

FC: resposta forma-cor.

CF: resposta cor-forma.

C: resposta cor pura, ou seja, aquela determinada exclusivamente pela cor.

O sinal ' atribuído a C indica a utilização do preto, cinza e/ou branco como cor de superfície. Segundo a importância relativa de C' e da F, temos três tipos de respostas: FC', C'F e C', que também são incluídas na $\sum C$. Seus valores são análogos aos de FC, CF e C.

$\sum C$: total ponderado das respostas que envolvem determinante cor (cromático e acromático). É calculado:

$$\sum C = 0,5FC + 1CF + 1,5C$$

Cn: cor nomeada.

FE: resposta forma-*estompagem*, determinadas pela tonalidade, textura ou perspectiva da mancha.

EF: resposta *estompagem*-forma.

E: resposta *estompagem* pura, em que a determinação da resposta foi exclusivamente o sombreado do cartão.

$\sum E$: total ponderado das respostas cor. É calculado:

$$\sum E = 0,5FE + 1EF + 1,5E$$

FClob: resposta forma claro-escuro.

ClobF: resposta claro-escuro forma.

Clob: resposta claro-escuro pura.

Todas as respostas Clob estão relacionadas à angústia, a um conteúdo disfórico e ligado necessariamente ao preto do cartão.

5. Conteúdos das respostas:

A / (A): resposta de conteúdo animal.

Ad / (Ad): resposta de detalhe (parte) animal.

A%: porcentagem das respostas animais em relação ao número total de respostas. É calculado:

$$A\% = 100 \times [A + (A) + Ad + (Ad)] / R$$

H / (H): resposta de conteúdo humano.

Hd / (Hd): resposta de detalhe (parte) humano.

H%: porcentagem das respostas humanas em relação ao número total de respostas. É calculado:

$$H\% = 100 \times [H + (H) + Hd + (Hd)] / R$$

Anat: resposta de conteúdo anatômico.

Sg: resposta de conteúdo sangue.

Sex: resposta de conteúdo sexual.

Obj: resposta de conteúdo objeto.

Art: resposta de conteúdo artístico.

Arq: resposta de conteúdo arquitetônico.

Simb: resposta de conteúdo simbólico.

Abst: resposta de conteúdo abstrato.

Bot: resposta de conteúdo botânico.

Geo: resposta de conteúdo geográfico.

Nat: resposta de conteúdo natureza.

Pais: resposta de conteúdo paisagem.

Elem: resposta de conteúdo elemento.

Frag: resposta de conteúdo fragmento.

6. Funcionamento afetivo:

TRI: Tipo de Ressonância Intima (forma habitual de o indivíduo vivenciar sua afetividade). Fórmula que exprime a relação entre as cinestésias humanas e as respostas-cor ponderadas:

$$TRI = x K : y \sum C, \text{ sendo que:}$$

- Extratensivo Puro: $0 K$ para $y \sum C$

- Extratensivo Dilatado: $x K < y \sum C$

- Introversivo Puro: $x K$ para $0 \sum C$

- Introversivo Dilatado: $x K > y \sum C$

- Ambigüal: $x K = y \sum C$

- Coartativo: $x K = y \sum C = 1$

- Coartado: $x K = y \sum C = 0$

TL: Fórmula das tendências latentes que, em linhas gerais, diz respeito aos recursos afetivos em potencial, não manifestos, mas, possíveis de serem desenvolvidos futuramente. Exprime a relação entre as cinestésias não-humanas e as respostas estompage:

$$TL = (kan + kob + kp) : \sum E$$

3ª. Fórmula: Índice de Reatividade Afetiva, ou seja, índice de sensibilidade do indivíduo a situações afetivas. É a relação do número das respostas dadas nas pranchas VIII, IX e X dividido pelo número total de respostas:

$$\mathbf{3ª. Fórmula= 100 \times \text{número de respostas VIII+IX+X} / \mathbf{R}}$$

FA (Fórmula da Angústia): índice de elementos de ansiedade e/ou angústia que o indivíduo demonstra no teste:

$$\mathbf{FA= [Hd + (Hd) + Anat + Sg + Elem fog + Sex] \times 100 / R}$$

7. Respostas Banais – índice de compartilhamento do pensamento coletivo:

Ban: resposta banal.

Ban%: porcentagem das respostas banais em relação ao número total de respostas.

$$\mathbf{Ban\%= 100 \times Ban / R}$$

Orig: resposta original

APÊNDICE E – Atlas do Psicodiagnóstico de Rorschach

(Não disponível por motivo de sigilo profissional)

ANEXOS

ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP -
coetp@ffclrp.usp.br

Of.CEtP/FFCLRP-091/2007 – 29/10/2007

Senhor(a) Pesquisador(a):

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "Psicodiagnóstico de Rorschach em Crianças de 9 a 11 anos: Normas e Evidências de Validade ", foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP em sua 65ª reunião ordinária realizada em 25/10/2007, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 344/2007 – 2007.1.1848.59.1

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


Profa. Dra. ADELAIDE DE ALMEIDA
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – FFCLRP-USP

Ilustríssimo(a) Senhor(a)
RENATA LOUREIRO RASPANTINI
Aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
desta FFCLRP

c.c: Profa. Dra. Sonia Regina Pasian